



Sara Filipa Baptista Gomes da Silva

A Hotelaria Coimbrã dos anos 20: dos pequenos hotéis à utopia do Grande Hotel

Dissertação de Mestrado em Arte e Património, orientada pela Prof.^a Doutora Joana Rita da Costa Brites, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

A Hotelaria Coimbrã dos anos 20: dos pequenos hotéis à utopia do Grande Hotel

Ficha Técnica:

| | |
|-------------------------------|--|
| Tipo de trabalho | Dissertação de Mestrado |
| Título | A Hotelaria Coimbrã dos anos 20: dos pequenos hotéis à utopia do Grande Hotel |
| Autor/a | Sara Filipa Baptista Gomes da Silva |
| Orientador/a | Joana Rita da Costa Brites |
| Júri | Presidente: Doutora Maria Luísa Pires Carmo Trindade Vogais: 1. Doutor Delfim José Gomes Ferreira Sardo 2. Doutora Joana Rita da Costa Brites |
| Identificação do Curso | 2º Ciclo em Arte e Património |
| Área científica | História da Arte |
| Data da defesa | 30-10-2018 |
| Classificação | 18 valores |



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Resumo

Esta dissertação tem como principal enfoque o Grande Hotel de Coimbra, projetado em 1921 pelo arquiteto Eduard Ferrés i Puig, e que constituiu à época um dos maiores projetos já alguma vez idealizados em território nacional. Mais do que um simples hotel, este projeto representava uma proposta ávida na modernização da cidade, por intermédio da edificação de um imóvel apetrechado com equipamentos de topo. O mesmo constituiu na época um dos edifícios mais aclamados e célebres, ocupando durante quatro anos a atenção da imprensa e das vozes locais. Contudo, contrariamente ao que a bibliografia do arquiteto menciona, o hotel acabou por não ser edificado.

Este trabalho constrói o percurso para a compreensão do Grande Hotel de Coimbra. Assim, começa por abordar Portugal na transição do século, retratando os primórdios do turismo e respetivas estruturas hoteleiras. A análise de Coimbra e da sua Hotelaria na transição do século ocupa grande parte do trabalho, prestando-se atenção às tipologias da arquitetura hoteleira e à história das unidades que subsistem durante os anos 20.

As mesmas consistem à época nas principais estruturas que ofereciam alojamento na zona centro do território, permitindo o desenvolvimento económico e cultural da cidade de Coimbra. Porém, apesar de existirem oito hotéis, os mesmos eram considerados poucos para a grande procura turística.

Assim, contextualiza-se a necessidade de edificar o Grande Hotel, e analisa-se o seu projeto, levantando-se hipóteses explicativas para a não edificação do mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo, Portugal, Grande Hotel, Sociedade Propaganda de Portugal, Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal, Hotelaria Coimbrã.

Abstract

The present dissertation concerns the study of the Coimbra's Hotels in the past with special emphasis for the "Grande Hotel de Coimbra".

Projected in 1921 by the architect Eduard Ferrés i Puig, which was one of the larger and important projects ever idealized by that time in the national territory. More than a simple hotel, this projected represented an avid proposal for the modernization of the city, through the construction of a property equipped with top equipment.

It was one of the most acclaimed and famous buildings and had the attention of the media and local voices for 4 years. However, despite what is mentioned in the architect's bibliography, the hotel was never built.

This thesis intends to guide the reader to understand the "Grande Hotel de Coimbra". It begins with the portrait of Portugal's transition for the 21st century, describing the tourism's very beginning and their hotel's structures. Great part of the work speaks about Coimbra's transition for the new century and the hotel's development, with particular attention to the different types and the 20's history.

These consist of the main structures that provide accommodation in the area, stimulating the economic and cultural development of the city of Coimbra. However, these eight hotels were considered in a small number compare of a large tourist demand.

In such a way that, it's the moment to understand the necessity to build the "Grande Hotel" and the project's analysis, revealing explanatory hypotheses for the hotel's non-construction.

KEYWORDS: Tourism, Portugal, Grande Hotel, Portugal's Propaganda Society, Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal, Hotels of Coimbra.

Agradecimentos

Gostaria de prestar o meu agradecimento às várias pessoas e instituições que permitiram a realização da presente dissertação de mestrado em Arte e Património. À minha orientadora, Prof.^a Doutora Joana Rita da Costa Brites, pela exigência, trabalho e dedicação. Aos Profs. Doutores Maria Luísa Pires do Rio Carmo Trindade e Vítor Manuel da Silva Costa pelo auxílio bibliográfico e o interesse manifestado. À Câmara Municipal de Coimbra. Ao Arquivo Municipal de Coimbra, em especial à Doutora Telma, pela colaboração, disponibilidade prestada na realização da investigação e facilidade no acesso aos arquivos.

Agradeço a ajuda e a disponibilidade prestada pelos proprietários e funcionários das atuais estruturas hoteleiras, destacando os funcionários do Hotel Bragança e a proprietária do Hotel Avenida Doutora Filomena.

Saliento ainda o auxílio prestado por parte das seguintes entidades: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Bibliotecas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Biblioteca do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Por último, mas não menos importante, gostaria de deixar os meus agradecimentos às/aos minhas/meus colegas Joana Castanheira Gabriel, André Goes, Dulce Rafaela Gomes, Gabriel Pereira, Inês Soares, Wanda Dias e Ângela Gil. Aos meus pais, irmã, avós e madrinha dedico a última palavra de agradecimento.

Índice

| | |
|--|------------|
| Introdução..... | 7 |
| 1. As origens do turismo em Portugal..... | 11 |
| 1.1. Empresas e Empreendedores | 17 |
| 1.2. O arranque das estruturas Hoteleiras..... | 25 |
| 2. Coimbra na transição do século XIX para o século XX | 39 |
| 2.1. A Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra | 46 |
| 2.2. A Hotelaria Coimbrã..... | 50 |
| a) Hotel Comércio | 52 |
| b) Hotel Mondego..... | 54 |
| c) Hotel Dos Caminhos de Ferro..... | 57 |
| d) Hotel Central..... | 60 |
| e) Hotel Bragança..... | 62 |
| f) Palace Hotel | 65 |
| g) Hotel Avenida | 68 |
| h) Coimbra-Hotel | 71 |
| 2.3. Um hotel para Coimbra..... | 73 |
| 3. O Grande Hotel de Coimbra | 79 |
| 3.1. O arquiteto Eduard Ferrés i Puig- breve resenha biográfica..... | 81 |
| 3.2. Um Hotel em 2D: análise do espaço incorporado..... | 84 |
| 3.3. Dos pequenos Hotéis à utopia do Grande Hotel..... | 94 |
| Conclusão..... | 100 |
| Documentação e Bibliografia | 105 |
| a) Periódicos..... | 105 |
| b) Artigos de Periódicos..... | 105 |
| c) Decretos | 114 |
| d) Outros | 114 |
| Webgrafia | 118 |
| Anexos..... | 119 |
| Índice de Anexos..... | 119 |

Introdução

A presente dissertação analisa as primeiras estruturas hoteleiras coimbrãs com base na (escassa) documentação iconográfica existente, a observação direta dos imóveis (quando possível) e, sobretudo, com recurso à imprensa da época, dado que além de permitir reconstituir passo a passo a história das estruturas, também possibilita a análise dos edifícios pelos testemunhos da sociedade.

Com o século XIX, difundem-se diversos conceitos que alteraram a visão e a projeção dos grandes centros urbanos. Entre eles destacam-se sobretudo os de turismo e vilegiatura, que progressivamente estimularam a realização de viagens pelo lazer que proporcionam e a ideia do gosto pela viagem. Tais concepções vieram incentivar de forma direta o desenvolvimento nacional através da modernização dos transportes e infraestruturas ligadas ao turismo e pela fundação de Sociedades alusivas à propaganda do país. Deste modo, impulsionaram uma série de medidas que visavam atrair viajantes e modernizar o país sob o ponto de vista turístico.

Nesta perspetiva as várias sociedades afirmam-se como pioneiras na organização e promoção do turismo em Portugal, destacando-se entre elas a Sociedade Propaganda de Portugal (SPP), organismo responsável pelo significativo desenvolvimento do turismo nacional.

Coimbra não ficou alheia a este processo de desenvolvimento. Pelo contrário, foi em pleno século XIX que a cidade se renovou e sofreu alterações na vertente industrial e urbanística, já que padecia de uma carestia de edifícios e infraestruturas. Neste sentido foram implementados uma série de planos que pretendiam responder às exigências da sociedade da época, reestruturando a malha urbana ainda predominantemente quinhentista.

Na generalidade, estes planos de reforma incidiram sobretudo na zona baixa da cidade que, para além de ser a área onde as lacunas eram mais perceptíveis, constituía a porta de entrada na cidade.

Conhecedores dos vários problemas sentidos na cidade, um grupo de cidadãos decidiu fundar uma sociedade, que, a curto prazo, se tornaria numa filial da SPP, denominada Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra (SDPC). Esta passou a ser a principal

responsável pela implementação de reformas na urbe durante a transição do século XIX para o século XX.

Além dos vários planos de intervenção na malha urbana, a sociedade teve um papel ativo a nível turístico, mormente pelo redigir de guias e seu funcionamento enquanto posto de turismo. Achando-se tão vinculada ao meio turístico, a sua ação promoveu a modernização e a fundação das estruturas hoteleiras em conjunto com a Sociedade de Propaganda de Portugal.

Coimbra constituía, já na época, uma das três cidades mais visitadas no território português. Assim, houve desde cedo a necessidade de providir alojamentos para os viajantes. Neste sentido importa referir que, embora a cidade estivesse apetrechada por oito hotéis no início do século XX, nenhum deles correspondia aos novos decretos higienistas, nem conseguia dar resposta à procura. Para confirmar a falta de estruturas hoteleiras, basta folhear algumas páginas das várias fontes jornalísticas do século XX. As mesmas exprimem a necessidade latente, manifestada pela sociedade, de dotar Coimbra de um Grande Hotel.

No decorrer da minha investigação, que se iniciou no ano escolar do mestrado em Arte e Património, encontrei no Jornal *O Século*, a gravura de um “Grande Hotel em Coimbra”, a qual me despertou muita curiosidade, tendo acabado por dedicar ao tema um trabalho de seminário. Este projeto hoteleiro permitiu-me levantar diversas questões, nomeadamente a respeito dos motivos que teriam ditado o facto de não ter sido efetivamente edificado, bem como sobre as estruturas hoteleiras já existentes no século XIX, e se a construção de um Grande Hotel se justificaria tendo em conta o número de turistas.

As principais motivações na escolha deste tema foram, antes de mais, o desconhecimento público sobre o projeto «O Grande Hotel de Coimbra», que, sendo um edifício sobejamente conhecido nos anos 20, acabou por cair no esquecimento. Além deste hotel, existe um grande desconhecimento relativamente às primeiras estruturas hoteleiras coimbrãs entre os finais do século XIX e as primeiras décadas do XX. Deste modo, decidi não me cingir ao estudo do Grande Hotel de Coimbra, abordando, também, outras estruturas hoteleiras existentes no início do século XX.

Tenha-se em conta que os edifícios que me proponho a analisar foram alvo de sucessivas intervenções ao longo dos tempos, e na sua totalidade, apenas dois edifícios preservaram o seu projeto, o Hotel Mondego e o Grande Hotel de Coimbra. Os restantes, ou desapareceram, como o Hotel Bragança, ou foram sujeitos a profundas alterações, como por

exemplo o Hotel do Comércio. Neste sentido, o presente estudo porá em destaque uma abordagem da “cripto-história da arte”¹, na qual os edifícios são analisados com base nas fontes jornalísticas e fotográficas do património hoteleiro que subsistia nos anos 20.

Dado o desaparecimento da maioria dos hotéis em causa ou da sua não criação (o caso do Palace Hotel Estrela e do Grande Hotel de Coimbra), a dissertação situa-se, frequentemente, num patamar mais descritivo. Embora se tenha procurado realizar algumas sínteses interpretativas, o pendor descritivo tornou-se necessário, dado que um dos objetivos fundamentais do trabalho era a reconstituição dos edifícios hoteleiros, a compreensão da sua arquitetura e da(s) respetiva(s) tipologia(s). A análise tipológica da hotelaria portuguesa, em particular dos seus inícios, continua a reclamar esforços analíticos. Neste sentido, a presente dissertação visa constituir um contributo para um estudo mais geral e profundo da mesma.

Dividindo-se em três capítulos, a dissertação começa por caracterizar o nascimento do turismo no território nacional, apresentando num primeiro capítulo, com recurso a bibliografia especializada, os primórdios do turismo português, algo que nos remete diretamente para a Sociedade Propagada de Portugal e a visão de Portugal como destino turístico. Termina o primeiro capítulo com a constituição da Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal (SGHP), e as grandes estruturas hoteleiras edificadas nos inícios do século XX, utilizando mormente como base fontes jornalísticas dado o desconhecimento científico da sociedade e a sua fundação.

No segundo capítulo debruçei-me sobre os pontos de atração turística que Coimbra tinha para oferecer e as alterações realizadas na malha urbana para um melhor aproveitamento da cidade enquanto terceira capital de turismo. Após a apresentação das grandes transformações sentidas na transição do século, analiso a ação da Sociedade de Propaganda e Defesa de Coimbra, que, embora tenha sido uma sociedade de grande relevância, é um assunto pouco ou nada abordado, tal como a Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal, cuja a ação é fulcral no presente estudo.

Dada a importância dos diversos complexos hoteleiros na história coimbrã, analiso-os traçando a história de cada um e estudo os espaços. Apesar de todo o esforço interpretativo, a inexistência de plantas ou projetos não permite uma leitura exata da constituição dos

¹ Sobre o conceito veja-se Vítor Serrão: *A Cripto-história da Arte. Análise de obras de arte Inexistentes*. Lisboa. Livros Horizonte. 2001.

edifícios, nomeadamente a nível interior. Por conseguinte, todas as hipóteses são formuladas com base nos vestígios visíveis ou nos registos fotográficos

Após a análise geral de todos os imóveis edificados, termino o segundo capítulo com os projetos do Palace Hotel Estrela e o Hotel Astória. O primeiro é examinado por apresentar um projeto semelhante ao Grande Hotel de Coimbra, não passando do seu risco inicial (que nunca se efetivou), e o segundo observado enquanto resposta para a lacuna hoteleira coimbrã.

No último capítulo, debruço-me sobre a história do Grande Hotel de Coimbra enquanto projeto idealizado pelas várias sociedades, passando depois para uma breve resenha histórica sobre o arquiteto Eduard Ferrés I Puig. A terminar, apresento ao leitor uma análise do projeto com base nas plantas, nas fachadas, na memória descritiva e no *croqui*.

Concluo o presente estudo levantando uma série de questões e hipóteses relativamente à não construção do hotel, que ficará para sempre no patamar utópico do Grande Hotel. Utilizo, como termo de comparação, outros projetos realizados pelo mesmo arquiteto sobejamente aclamados pela sociedade e no entanto não materializados.

1. As origens do turismo em Portugal

Os conceitos de vilegiatura² e turismo³ apresentam-se indiscutivelmente associados enquanto atividades humanas, em verdadeira relação simbiótica à luz do contexto contemporâneo. Na realidade são conceitos que se constroem em temporalidades distintas, mas que se afirmam na viragem do século XIX para o XX, e se interligam como construções do ser humano que começa a interpretar a viagem como prazer, repouso ou férias.

A mudança do século a par com as mudanças técnicas, económicas e sociais⁴, impulsionou profundas alterações na visão e conseqüentemente na configuração do mundo a nível político, económico e social. O turismo que no decorrer das décadas foi sendo ajustado às múltiplas realidades, era agora confrontado com estas novas perspetivas de matiz social, como o instaurar da noção de descanso, e\ou férias⁵, convencionando uma oportunidade para viajar.

Com a introdução das novas ideologias, o turismo passou a ser praticável por outros extratos sociais, incentivando cada vez mais o homem a realizar viagens não só na vertente da saúde, montanha, jogo, praia, mas também a viagem pelo prazer da viagem⁶. Deste modo, a conceção de turismo, enquanto movimento aristocrático de cariz pedagógico, passou a incluir novas classes e uma nova perspetiva, introduzindo na visão contemporânea o conceito de vilegiatura.

Se por um lado o turismo ganhava cada vez mais adeptos nas estâncias balneares e termas afirmando a *Belle Époque* que, na viragem do século, respirava modernidade e

² A palavra vilegiatura, diz respeito à “temporada que se passa fora de casa em digressão de recreio, (...) de descanso em praia, campo ou estância balnear” segundo o Dicionário de Português [Dicionários Editora. 3ª edição. Porto Editora. Porto].

³ Definição de Turismo: “gosto pelas viagens: tudo o que se relaciona com os serviços organizados de viagens de estrangeiros num país: viagens de instrução e recreio: excursionismo” [Dicionário da Língua Portuguesa. (Dicionários Editora), 6ª ed. Porto Ed. Porto.1991]. Ainda que a presente tese necessite abordar as questões históricas e estruturais do turismo para oferecer uma almofada contextual previa às leituras arquitetónicas que se pretendem desenvolver em seguida, em torno dos equipamentos de turismo, esta abordagem será sempre sistemática e breve. Recomendo, por isso, o leitor a dirigir, entre outros, a: (CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*. Rev. Fluxos & Riscos. Nº1. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 2010.) ou (PINA, Paulo, Portugal: *O turismo no século XX*, Lisboa, Lucidus Publicações, 1988).

⁴ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 128.

⁵ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 128.

⁶ V Congresso da História Ferroviária. RIBEIRO, Elói Figueiredo, [et all.]: *Caminhos de Ferro e turismo em Portugal Final do século XIX e primeiras décadas do século XX*. Palma. 2009 p. 1.

apelava à transformação da cidade, por outro, o movimento romântico, em auge no século XIX, despertava o sentimento de perda e saudade levando o homem a querer viajar pela singularidade paisagística e pela herança patrimonial⁷. Por seu turno, a sensibilidade romântica gerou um laço afetivo com o universo ruralista, que paralelamente aos emergentes nacionalismos, foi fundamental para o desenvolvimento deste polo enquanto local de atração.

Portugal, situado na periferia da Europa, era visto como um país de pequenas dimensões e subordinado à ruralidade⁸, porém, não ficou alheio aos novos conceitos e, ainda que de forma lenta e deficitária, condicionada pela particularmente conturbada centúria de Oitocentos, desenvolveu estratégias que permitiram potenciar os recursos endógenos do território nacional, criando mecanismos e infraestruturas ao longo dos séculos XIX, e, essencialmente XX.

Num contexto de profundas mudanças políticas e de uma grave crise financeira⁹ marcada pelo desequilíbrio orçamental e, conseqüentemente, pela contração excessiva de empréstimos externos¹⁰, o Ministro da Fazenda, Mariano de Carvalho afirmou, em 1893, que “Lisboa lucraria enormemente pela afluência de passageiros”¹¹ se os mesmos fossem levados a deixar “quantias avultadas”¹² no território nacional. Desta forma seria estimulado não só o comércio local, como também o desenvolvimento das infraestruturas ligadas ao turismo — como transportes, hotelaria, entre outras— levando a que as mesmas fossem melhoradas. Uns anos mais tarde, o deputado economista Anselmo Andrade critica o país pelo “excesso de importações sobre as exportações”,¹³ e, tal como Mariano de Carvalho, afirma que Portugal poderia lucrar com “o dinheiro dos viajantes”¹⁴ se possuísse as infraestruturas necessárias para que os mesmos despendessem muito dinheiro dentro do país conseguindo-se, desta forma, “pagar a diferença entre o deve e haver da balança de comércio”¹⁵. Neste sentido, o

⁷ LOBO, Susana Mexia – *Arquitetura e Turismo: Planos e Projetos: as cenografias do Lazer na costa Portuguesa: Da 1.ª República à Democracia*. Vol.1. Parte I. Coimbra: Universidade de Coimbra. 2012. Dissertação de Doutoramento em arquitetura, p. 54.

⁸ LOBO, Susana Mexia – *Arquitetura e Turismo: Planos e Projetos: as cenografias do Lazer na costa Portuguesa: Da 1.ª República à Democracia*, p. 55.

⁹ Sobre este tópico Cfr. entre outros, SOUSA, Magda Pinheiro de: *Chemins de fer, structure financière de l'état et dépendance extérieure au Portugal (1850-1890)*. Paris: Universidade de Paris. Tese de doutoramento em História. 1987.

¹⁰ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 130.

¹¹ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 130.

¹² CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 130.

¹³ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 130.

¹⁴ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 130.

¹⁵ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 130.

turismo parecia já anunciar “uma saída determinante para o restabelecimento do equilíbrio orçamental”¹⁶.

Numa ótica nacional, o turismo era ainda pouco reconhecido como uma resposta para amortizar a grave crise financeira apesar das vantagens que o mesmo implicava. Como Alexandre Herculano sublinhara, “calculai quantos viajantes terão atravessado Portugal neste século credes que esses romeiros da arte voltam da romagem aos seus lares sem despender muito ouro, e esqueceis que esse ouro fica por mãos portuguesas”¹⁷. É então com a transição para o século XX que o turismo, em território nacional, se constrói e reconhece enquanto fonte dinamizadora de investimento estrangeiro e, concludentemente, como um importante incremento à economia nacional, aparecendo como uma fonte de receitas em prol do agravado défice orçamental¹⁸. Nesta fase é pertinente lembrar que o turismo não seria apenas uma resposta para amortizar a dívida pública, mas também se edificava como um polo catalisador de cultura e saber já que a entrada de estrangeiros — que traziam na bagagem novas ideologias e conceitos — se tornava um forte propulsor da ciência e da arte.

De forma contida, durante a Primeira República começaram a surgir, no território português, as bases necessárias para impulsionar uma atividade que já era vista nos países estrangeiros — sobretudo na Suíça e na França¹⁹— como um setor importante aos níveis económicos e social, porém, o mesmo “só se popularizou após a realização em 1911, do IV congresso de turismo internacional, em Lisboa”²⁰.

Ainda antes da realização do mesmo, afigurava-se necessário implementar medidas e planificar o setor, de forma a promover o país no estrangeiro. Num primeiro plano foi preciso reconhecer os pontos de interesse turístico que o território teria para oferecer ao viajante. Sobre este assunto, Alexandre Herculano afirmou que os viajantes vinham a Portugal “para admirarem os mosteiros da Batalha, de Alcobaça, de Belém, a Sé Velha de Coimbra (...)”²¹.

¹⁶ LOBO, Susana Mexia – *Arquitetura e Turismo: Planos e Projetos: as cenografias do Lazer na costa Portuguesa*, p. 10.

¹⁷ BARROS, Vera Gouveia: *Turismo em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. 2015, p. 11.

¹⁸ LOBO, Susana - *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2007, p. 10.

¹⁹ Durante o século XIX os países europeus que já se afirmavam como grandes centros turísticos, nomeadamente Suíça e a França. Neste contexto vão ser sempre utilizados como modelo de comparação e inspiração no território nacional, tanto que no congresso Hoteleiro de 1916, a Suíça é apresentada como “país modelar” no que concerne às infraestruturas de turismo.

²⁰ BARROS, Vera Gouveia: *Turismo em Portugal*, p. 11.

²¹ BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*. Vol1. Lisboa: ed. Media Livros. 2003, p. 37.

Neste sentido, seria benéfico, promover o património português no estrangeiro de modo a atrair os turistas.

Além do vasto património edificado, o território oferecia inúmeras razões para ser visitado, quer sob pretexto imaterial —com os costumes e tradições de cada localidade— quer material, sendo um país possuidor de um vasto leque de interesses turísticos. Aliada ao enquadramento cultural e patrimonial, existia ainda a vertente climática que era favorável à prática turística e ao turismo balnear, visto que o território poderia tirar partido de uma extensa zona costeira, fator bastante atrativo, que, por seu turno conduziu à construção de várias estâncias balneares²².

Para além de promover os recursos endógenos, também era necessário desenvolver e criar infraestruturas que permitissem suportar os novos hábitos de deslocação e viagem, interiores²³ e exteriores, facilitando a entrada dos viajantes no país processo que já se tinha desenvolvido no resto da Europa, interligada “ao ritmo acelerado do caminho-de-ferro”²⁴. Os transportes foram um importante veículo impulsionador de mudanças no paradigma do turismo, tendo uma cota parte bastante relevante na evolução deste, pelo que importa abordar o seu desenvolvimento.

Apesar do relativo melhoramento das infraestruturas atingido com os primeiros projetos do Ministro das Obras Públicas, Fontes Pereira Melo²⁵, o país carecia de meios económicos e técnicos, para estabelecer ou melhorar as infraestruturas necessárias aos transportes. Assim, só em 1852²⁶, segundo o decreto assinado por D. Maria Pia foi aberto o concurso “para a construção de um caminho de Ferro de Lisboa a Santarém”²⁷ sendo selecionada a Companhia Central Peninsular dos Caminhos de Ferro²⁸ que a par da linha férrea, ia também ser

²² Sobre o assunto veja-se, entre outros, LOBO, Susana Mexia – *Arquitetura e Turismo: Planos e Projetos: as cenografias do Lazer na costa Portuguesa: Da 1.ª República à Democracia*.

²³ Ao serem instaladas as vias férreas, permitiram não só a entrada de estrangeiros, mas também a locomoção da população portuguesa de forma mais rápida, diminuindo as distâncias e evitando as estradas que se encontravam bastante danificadas.

²⁴ LOBO, Susana Mexia – *Arquitetura e Turismo: Planos e Projetos: as cenografias do Lazer na costa Portuguesa*, p. 53.

²⁵ LOBO, Susana - *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*, p.10.

²⁶ [s.n.] Para a história dos Caminhos de Ferro em Portugal. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. Nº 1154. 16 janeiro.1936 Ano XLVIII, p. 3.

²⁷ [s.n.] Para a história dos Caminhos de Ferro em Portugal. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. Nº 1154. 16 janeiro.1936 Ano XLVIII, p. 3.

²⁸ [s.n.]. Para a história dos Caminhos de Ferro em Portugal. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. Nº 1154. 16 janeiro.1936. Ano XLVIII, p. 3.

responsável pela elaboração de uma linha telegráfica²⁹. Do trabalho desta primeira companhia e, com o apoio de Fontes Pereira Melo, surgiu o primeiro troço ferroviário que ligou Lisboa-Carregado³⁰. Mais tarde em 1863, com a organização da “Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses”³¹ foi possível concluir as ligações ferroviárias entre a Capital, Santarém e a Fronteira³².

Nos inícios do século XX a rede ferroviária já se estendia por cerca de 367.388 quilómetros de via larga e via estreita³³, interligando todo o território e contribuindo de forma significativa para o aumento de viajantes. Neste sentido, podemos reconhecer que o desenvolvimento da rede de transportes, embora ténue, contribuiu de maneira simbiótica para a construção do turismo português, principalmente com a conclusão do troço Badajoz-Madrid e a instalação, em 1887, de um comboio rápido e luxuoso, Sud-Express, que estabeleceu ligação entre a Capital Portuguesa e a Capital Francesa³⁴. No entanto, no patamar da oferta turística nacional e dada a falta de apoio do estado, em parte motivada pela instabilidade do epílogo da monarquia constitucional, urgia delinear objetivos e incentivos adequados à sua concretização³⁵.

Começaram então a surgir algumas intervenções por parte de entidades privadas as quais viriam a constituir os “embriões das futuras instituições”³⁶ fundamentais no desenvolvimento do turismo e na sua planificação.

Em 1888³⁷, foi fundada a revista quinzenal *Gazeta dos Caminhos-de-ferro*³⁸, que relacionada com o universo das redes ferroviárias, abordava assuntos de diversas índoles,

²⁹ [s.n.]. Para a história dos Caminhos de Ferro em Portugal. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. Nº 1154. 16 janeiro.1936. Ano XLVIII, p. 3.

³⁰ Inaugurada em 1856. (Cfr. [s.n.]. Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. Nº 1681. 1 janeiro 1958, p. 9 -16.)

³¹ Organizada por D. José Salamanca em 1859. (Cfr. [s.n.]. Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. Nº 1681. 1 janeiro 1958. Ano LXX, p. 9-16.)

³² [s.n.]. Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. Nº 1681. 1 janeiro 1958. Ano LXX, p. 9-16.

³³ SOUSA, Fernando de: *Caminhos de Ferro: Notas sobre Portugal*. Vol.I. Lisboa: Imprensa Nacional. 1908, p.764.

³⁴ LOBO, Susana Mexia: *Arquitetura e Turismo: Planos e Projetos: as cenografias do Lazer na costa Portuguesa*, p. 59.

³⁵ LOBO, Susana - *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*, p.11.

³⁶ BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p.308.

³⁷ LOBO, Susana Mexia: *Arquitetura e Turismo: Planos e Projetos: as cenografias do Lazer na costa Portuguesa*, p. 56.

³⁸ Esta revista fundada por Leonildo Mendonça e Costa, (personalidade sobre o qual irei falar mais à frente), pretendia igualar às que já existiam na Europa, tendo o propósito de divulgar todos os acontecimentos a nível económico, político e social atribuindo grande importância ao turismo tanto português como estrangeiro num capítulo intitulado “notas de viagem”. (Cfr. [s.n.] Notas de Viagem. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. nº 1542. 16 março 1952. Ano LXV, p. 9-11.)

como os melhoramentos locais, as linhas ferroviárias europeias, a bolsa entre outros. Todavia, o tema que tinha maior relevância nas várias edições era o turismo e a importância dos caminhos-de-ferro no seu progresso. Sob alçada da Companhia Real de Caminhos de Ferro Portuguezes são ainda realizadas em 1890 algumas campanhas de viagens pelo território, para que o mesmo fosse conhecido pela população portuguesa. Estas campanhas tinham como propósito a visita a monumentos, a praias, termas entre outros locais, incitando à sua visitação³⁹.

Com o surgimento em 1903 do Real Automóvel Clube de Portugal⁴⁰ despertava também o interesse na indústria automobilística, a qual, ainda que não retirando a importância do transporte ferroviário, acabava por incentivar e promover o turismo português através da edição de guias e mapas nacionais⁴¹. Destacam-se em 1905 *a Lista alfabética das cidades, vilas e logares transitáveis por automóveis e outras indicações*, o *Guia Automobilista* e o *Guia de Estradas de Portugal: Vade-Medum do automobilista*, escrito por Elyseu Mendes, com indicação de roteiros, rodovias e as distâncias⁴².

Relativamente à redação e edição de guias e roteiros, podemos contar com várias edições⁴³ desde 1700 de guias e roteiros. Nos inícios do século XIX destacam-se alguns como o escrito em 1865 por João António Pêres Abreu⁴⁴, um antigo funcionário da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, intitulado *Roteiro do Viajante no Continente e nos Caminhos de Ferro em Portugal*⁴⁵. Tal como escreve no preâmbulo, “Faltava uma das

³⁹ LOBO, Susana Mexia: *Arquitetura e Turismo: Planos e Projetos: as cenografias do Lazer na costa Portuguesa*, p. 55-56.

⁴⁰ [s.n.] 1903. A Fundação do clube. Disponível online: (<https://www.acp.pt/Institucional/Historia>) [consultado 27 dezembro 2017].

⁴¹ PINA, Paulo, Portugal: *O turismo no século XX*, p. 49-51.

⁴² LOBO, Susana Mexia: *Arquitetura e Turismo: Planos e Projetos: as cenografias do Lazer na costa Portuguesa*, p. 56.

⁴³ Veja-se, entre outros, os seguintes guias: Castro, João Baptista: *Roteiro Terrestre de Portugal*. Lisboa. 1747; REICHARD, An Itinerary of Spain and Portugal, or a complete guide to travellers through those countries. 1820; CASTRO, Abade: *Itinerário que os estrangeiros que vêm a Portugal devem seguir na observação e exame dos edifícios e monumentos mais notáveis deste reino*. 1845.

⁴⁴ Estudou na Universidade de Coimbra onde se formou e concluiu com o grau de Bacharelato, mais tarde tornou-se num dos empregados da direção da Companhia Real dos Caminhos de Ferro escrevendo *O Roteiro do Viajante no Continente e nos Caminhos de Ferro em Portugal*. Como colaborador da Correspondência de Portugal, redige o *Guia Prático de telegraphia*, aprovado para o serviço de exploração dos Caminhos de Ferro Portuguezes. (Cfr. PERES ABREU, João António: *Roteiro do Viajante no continente e nos Caminhos de Ferro em Portugal em 1865*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 1865. Disponível online: <http://www.castroesilva.com/store/sku/1311JC118/roteiro-do-viajante>) [consultado a 28 dezembro 2017].

⁴⁵ Este roteiro começa por descrever por ordem alfabética cada localidade, abordando o seu património, cultura, hotéis, tabelas de preços das casas\ hotéis e refeições, o calendário dos comboios, as carruagens, os museus,

alavancas”⁴⁶ que daria impulso ao turismo português, ou seja, ressalta, faltavam os pequenos livros atualizados que acompanham o viajante⁴⁷, algo que era comum no resto da Europa, constituindo uma valiosa ajuda para o turista. Para tal, publicou o seu roteiro na qual se podia obter informações sobre os transportes ferroviários, hotéis, restaurantes e notas sobre os passeios a realizar em cada localidade, sendo inclusive acompanhado com um mapa de Portugal com as principais vias de comunicação e os calendários dos comboios.

Neste contexto, em 1905 é lançado um guia intitulado: *Guia Ilustrado do Viajante em Portugal*⁴⁸, escrito por José Maria Santos Júnior e editado por Alexandre Morgado⁴⁹, que se apresenta mais completo do que o roteiro anterior. À semelhança do seu antecessor, possui um mapa de Portugal desdobrável, informações sobre os meios de transporte, hotéis, restaurantes, entre outros assuntos, porém, contrariamente ao guia de José Abreu, apresenta ilustrações de plantas e ruas das principais cidades. Este guia vai inspirar, dois anos mais tarde, o *Manual do Viajante em Portugal* considerado como seu precursor, seguindo a mesma estrutura e abordando os mesmos assuntos de forma mais atual à altura escrito por Leonildo Mendonça e Costa.

1.1. Empresas e Empreendedores

Ainda que fosse um fenómeno recente que se construía e afirmava, o turismo acabou por despertar a ação de várias entidades privadas que, de diversas formas, acabaram por impulsionar todo o seu desenvolvimento. Neste sentido, a ação dos empreendedores é um fator determinante e impulsionador na criação de políticas de turismo e na construção da imagem de Portugal enquanto destino turístico.

passeios, e conselhos com as “maneiras mais fáceis de fazer excursões” no território. Disponível online: <http://purl.pt/index/livro/aut/PT/225481.html> [consultado a 28 dezembro 2017].

⁴⁶ PERES ABREU, João António: Preâmbulo. *Roteiro do Viajante no continente e nos Caminhos de Ferro em Portugal em 1865*.

⁴⁷ PERES ABREU, João António: Preâmbulo. *Roteiro do Viajante no continente e nos Caminhos de Ferro em Portugal em 1865*.

⁴⁸ Considerado por muitos autores como Susana Lobo ou Paulo Pina como o primeiro guia turístico. (Cfr. JUNIOR, José Maria Santos (Santonillo), MORGADO, A. (coord): *Guia Ilustrado do Viajante em Portugal ou o Manual do Viajante*. 1.ª edição. Lisboa: Empresa Editora do Almanach Palhares. 1905.)

⁴⁹ Detalhe do registo: Fundação Portuguesa das Comunicações. Disponível online: <http://bh1.fpc.pt/nyron/Library/catalog/winlibsrch.aspx?skey=6D122625F141419B941E6D3AFC5F5F92&cap=&pesq=5&thes0=19374&dtype=mosaico&nohist=true&doc=15681> [consultado a 28 dezembro 2017].

Um dos principais impulsionadores desta atividade foi Leonildo Mendonça e Costa. Nascido em 1849, iniciou a sua carreira como jornalista no jornal *A Noite*. Devido a questões financeiras foi obrigado a abandonar o cargo ingressando na Companhia Real dos Caminhos de Ferro enquanto praticante, chegando mais tarde ao cargo de chefe. Por sua iniciativa é fundada a já mencionada *Gazeta dos Caminhos-de-ferro* e é editado o *Manual do Viajante em Portugal*, mas também é responsável pelo *Guia Oficial de Caminhos-de-ferro* e pela Empresa de Anúncios nos Caminhos de Ferro, sendo assim apelidado pai do turismo português⁵⁰.

Dirigente das várias iniciativas turísticas portuguesas, jornalista, e chefe da repartição na Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses⁵¹, Leonildo Mendonça era um dos homens portugueses mais viajados do seu tempo⁵² chegando a apelidar o turismo como “vício inveterado, doença mental”⁵³, algo insaciável que levava o homem a querer viajar cada vez mais.

Além de despertar as bases do turismo português, fundou as empresas Mendonça e Costa e a empresa de anúncios nos Caminhos de Ferro⁵⁴ e idealizou uma das iniciativas mais marcantes da primeira década do século XX⁵⁵, a Sociedade de Propaganda de Portugal (SPP)⁵⁶.

Creditada como a génese da organização turística Portuguesa, a Sociedade Propaganda de Portugal (SPP) foi fundada em 1906 e constituiu um dos principais veículos impulsionadores do turismo. Nas suas várias viagens, Leonildo verificou que no resto da Europa em países como a Áustria, a Espanha e a Suíça, existiam sociedades com o objetivo de promover o país turisticamente, editando guias e álbuns que faziam a descrição dos elementos atrativos⁵⁷, cativando o viajante a querer conhecer o mesmo. Influenciado pelos modelos destas

⁵⁰ [s.n.]. Uma grande figura contemporânea. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. Nº 1485. 1 novembro 1949, p. 1-11.

⁵¹ [s.n.]. História da Gazeta dos Caminhos de Ferro. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. Nº 1542. 16 março 1952. Ano LXV, p. 11.

⁵² [s.n.]. História da Gazeta dos Caminhos de Ferro. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. Nº 1542. 16 março 1952. Ano LXV, p. 11.

⁵³ Leonildo Mendonça levado pela sua predisposição turística visitou cinco continentes, deixando as suas impressões em cada edição da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* na secção Notas de Viagem (Cfr. Notas de viagem. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. Nº 373. 1 julho 1903, p.223-224)

⁵⁴ [s.n.]. História da Gazeta dos Caminhos de Ferro. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. Nº 1542. 16 março 1952. Ano LXV, p. 11.

⁵⁵ CUNHA, Licínio: Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios, p. 131.

⁵⁶ Sobre o assunto veja-se: JESUS, Pedro Manuel Cerdeira de: *A Sociedade Propaganda de Portugal: Turismo e Modernidade (1906-1911)*. Lisboa. 2014. Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa.

⁵⁷ PINA, Paulo: *Cronologia do Turismo Português 1900-1929*, p. 31.

organizações, decidiu organizar uma sociedade em território nacional que tivesse os mesmos fins⁵⁸.

Tal como especifica na carta ao diretor do *Diário de Notícias* Alfredo da Cunha, publicada em 1906⁵⁹, urgia reunir vários conterrâneos a favor da Pátria numa “Associação Promotora do Bem do País (...) formada pela cooperação, em dinheiro, em trabalho, em influência, em ideias, em serviço, em simpatias.”⁶⁰. Esta mesma associação teria que “valorizar e fazer propaganda, em Portugal e no exterior”⁶¹, promovendo a singularidade da paisagem portuguesa, o seu património e a cultura, e através da publicação de roteiros, itinerários e guias, divulgar Portugal como destino turístico auxiliando “o país a sair da profunda crise social e económica que atravessava”⁶².

Esta associação teria que promover melhoramentos pela sua ação ao interceder junto dos poderes públicos e administrações locais e sobretudo, esforçar-se para que o país fosse visitado tanto por nacionais como por estrangeiros⁶³, ideias que estimularam a adesão de várias entidades.

Embora fosse uma ideia antiga, só foi divulgada em 1906, sendo que a 28 de fevereiro desse ano⁶⁴ foi marcada uma reunião ao qual aderiram à ideia patriótica setenta e três cidadãos⁶⁵, destacando-se personalidades de diferentes sensibilidades, como Sebastião Magalhães Lima, republicano e Grão-Mestre da Maçonaria Portuguesa, Fernando de Sousa, estrênuo monárquico,⁶⁶ José Ataíde advogado e publicista⁶⁷, Manuel Emygdio da Silva, Henrique Lopes de Mendonça, Brito Camacho, Eduardo Burnay, entre outros⁶⁸. Com a colaboração destes sócios e ainda sob a presidência honrosa do príncipe Luiz Filipe⁶⁹, Leonildo Mendonça e Costa tornou efetiva a sua idealizada associação, com estatutos aprovados a 4 de julho de 1906⁷⁰.

⁵⁸ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 131.

⁵⁹ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 131.

⁶⁰ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 132.

⁶¹ BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p. 36.

⁶² CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 132.

⁶³ Estatutos da Sociedade Propaganda de Portugal, Lisboa: Typographia Universal. 1906, p. 3.

⁶⁴ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 132.

⁶⁵ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 132.

⁶⁶ PINA, Paulo, *Cronologia do Turismo Português 1900-1929*, p. 31.

⁶⁷ “Chefiou a Repartição de turismo entre 1911 e 1942 lançando os alicerces institucionais da indústria oficial do turismo português” (Cfr. PINA, Paulo, Portugal: *O turismo no século XX*, p. 23)

⁶⁸ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 132.

⁶⁹ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 132.

⁷⁰ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 132.

Neste organismo constituído pela associação de particulares, vigoravam as discrepâncias a nível político, religioso e social⁷¹, unindo-os, porém, o patriotismo demonstrado na divisa “Pro Pátria Ómnia”, ou seja: Tudo pela Pátria⁷². Assim, a SPP apresentou como principais princípios o apetrechar do país das infraestruturas necessárias ao desenvolvimento e planificação do turismo, centrando-se em difundir os locais de maior interesse a visitar, publicar roteiros, itinerário e guias, organizar excursões e passeios para nacionais e estrangeiros, estimular a instalação de placas informativas nos monumentos, divulgar a larga escala no estrangeiro os diversos pontos de interesse que Portugal tinha para oferecer, com o intuito de incitar a visita dos estrangeiros à Pátria⁷³.

As primeiras iniciativas incidiram sobretudo na mudança da visão externa em relação a Portugal, já que a mesma o desenhava como um país periférico, rural e sem qualquer desenvolvimento. Assim, ganharam novamente espaço as ideologias de Fontes Pereira de Melo, que já idealizavam há algum tempo a transformação de Lisboa num ponto central de tráfego internacional⁷⁴ entre a Europa e a América.

Em prol desta idealização, a SPP impulsionou a frequência da circulação do comboio sud-express⁷⁵ tornando a sua viagem diária e lançando as bases para a transformação de Portugal de um subúrbio europeu para ser o centro de ligação entre os continentes. Esta visão materializa-se com a edição de um cartaz turístico de 1907 financiado pela SPP, que declara “Portugal, the shortest way between America and Europe”⁷⁶, ilustrado com um globo que coloca Lisboa como ponto central entre os continentes, e alguns locais de interesse como o Mosteiro da Batalha, o Palácio da Pena e o Mosteiro dos Jerónimos.

Com a sua sede em Lisboa, esta sociedade visava estender-se por todo o país, pelo que se distribuiu por diversas cidades criando várias delegações para “organizar e divulgar o inventário de todos os monumentos, riquezas turísticas, curiosidades e lugares pittorescos do

⁷¹ Esta sociedade unia jornalistas como Alfredo da Cunha, monárquicos como Fernando Sousa, católicos, entre outros, sendo que a sua divisa se revela “no inusitado ecletismo político-religioso do núcleo fundador da Sociedade, onde Ombreavam” várias entidades com ideais e estatutos distintos. (Cfr. PINA, Paulo, *Cronologia do Turismo Português 1900-1929*, p. 31.)

⁷² CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 132.

⁷³ SOUSA, Maria da Conceição de Pinho: *Sociedade Propaganda de Portugal: um olhar retrospectivo aos primeiros nos da sua actividade (1907-1911)*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 2005. Dissertação de mestrado em História Económica e social, p. 3-5.

⁷⁴ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 133.

⁷⁵ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 133.

⁷⁶ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 133.

país, (...) para a atracção de nacionais e estrangeiros”⁷⁷. Nesse sentido, além de criar delegações locais e de inventariar o património, a sociedade precisou de meios para realizar a propaganda do país. Desde a sua fundação até 1921, a SPP publicou um boletim mensal, que distribuía pelos sócios de forma gratuita e pelos estrangeiros por um simbólico preço⁷⁸. Além disso, “publicou e distribuiu folhetos, financiou a publicidade, afixou cartazes em vários países, editou o *Guia Sociedade Propaganda de Portugal*”⁷⁹, e incentivou uma das maiores formas de publicidade promovendo visitas inclusive de jornalistas e escritores estrangeiros⁸⁰ que consequentemente resultaram na escrita de vários artigos e na publicação de guias, como por exemplo o guia escrito por Ethel Hargrove em 1914 intitulado *Progressive Portugal*⁸¹.

Os vários setores que o turismo implicava levaram a SPP a eleger comissões para as diversas áreas como a hotelaria, a higiene, as praias e termas, entre outras, cada uma com o seu titular. Nos mesmos destaca-se o empreendimento realizado pelo Manuel Emygdio da Silva, presidente da comissão de hotéis. No seu esforço de estímulo ao desenvolvimento hoteleiro, promoveu a atribuição de placas de distinção de “recomendado”⁸² aos hotéis—que, candidatos e após prévia inspeção, — apresentassem as melhores condições de conforto e higiene, garantindo-lhes, assim uma certificação de qualidade⁸³. Além deste concurso que decorria todos os anos, e ainda em prol da melhoria hoteleira, em 1909 é criado um curso profissional de hotelaria.

Com a instauração da Primeira República, Portugal tornou-se palco de grandes transformações sociais e políticas, que naturalmente tiveram reflexos na área do turismo. Desta forma, encerrou-se o curso hoteleiro e perdeu-se o seu idealizador, Leonildo Mendonça e Costa, o qual se demarca da Sociedade por nela detetar intuítos políticos⁸⁴. Assim a presidência passa para uma das figuras com mais destaque no recém estabelecido regime, Sebastião Magalhães Lima⁸⁵ que vem dar continuidade à ação da SPP por vários anos⁸⁶.

⁷⁷ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 133.

⁷⁸ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal*. Vol.1.1ª ed. Lisboa: Ed. REIMP. 1924, p. 152.

⁷⁹ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 133.

⁸⁰ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 133.

⁸¹ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 133.

⁸² Conforme se declara “a Comissão de hotéis da Sociedade Propaganda de Portugal, após prévia inspeção, concede as suas primeiras placas de recomendação a hotéis de Lisboa, Estoril, Sintra, Coimbra, Bussaco, Granja” (Cfr. PINA, Paulo, *Cronologia do Turismo Português 1900-1929*, p.37.)

⁸³ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 134.

⁸⁴ [s.n.]: Carta de Leonildo Mendonça. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. Nº 1485. 1 novembro 1949, p. 8.

⁸⁵ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 134.

⁸⁶ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 134.

A crescente importância turística nacional e internacional leva ao surgimento em 1908 da Federação Franco Espanhola de Sindicatos de Turismo, a qual assentava numa aliança entre as associações de turismo de vários países⁸⁷. A mesma tinha como finalidade o desenvolvimento do turismo e das infraestruturas que o mesmo acarretava realizando para tal, reuniões anuais entre os países interessados.

Atraída também pelo ramo turístico, a recém instaurada República, juntamente com a SPP incentivaram em 1911 a realização, do já mencionado, IV Congresso internacional de Turismo da Federação Franco-Espanhol na capital portuguesa. Deste encontro resultaram algumas medidas a serem tomadas a nível nacional com vista ao seu progresso, tais como a “construção do caminho de ferro entre Tomar, Batalha, Alcobaça e Nazaré, a proteção dos monumentos históricos e obras de arte, (...) a criação da federação dos hoteleiros da «raça Latina», entre outras”⁸⁸.

Apesar da contínua ação da SPP, a inexistência de uma administração pública ligada ao turismo, traduzia-se na falta de uma política de turismo de estatuto oficial. Deste modo, ainda durante o decorrer do Congresso em Lisboa, o governo considerou a fundação de um organismo nacional de turismo interligado à entidade governamental, levando ao surgimento no Ministério do Fomento da Repartição de Turismo⁸⁹.

Este organismo autónomo de administração pública era dirigido superiormente por um Conselho de Turismo composto por sete elementos⁹⁰, na qual constavam alguns membros da SPP, nomeadamente José Ataíde, —eleito como presidente da repartição — e Sebastião Magalhães Lima, como novo chefe do Conselho do Turismo⁹¹. De acordo com os estatutos publicados em 18 de maio de 1911⁹², a mesma era responsável por melhorar as infraestruturas rodoviárias e ferroviárias e promover o desenvolvimento do turismo nacional para que Portugal fosse reconhecido como país de turismo⁹³. Em 1920, a repartição ficou subordinada à Direção Geral das Estradas e Turismo, passando a cooperar nos assuntos relativos às estradas de turismo, auxiliando também nas estações de vilegiatura e fiscalizando

⁸⁷ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 136.

⁸⁸ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 136.

⁸⁹ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 137.

⁹⁰ BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p. 451

⁹¹ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 136.

⁹² Estatutos da Repartição do Turismo. Art. 1º. Diário da Câmara dos Deputados. 139ª sessão. Lisboa. 18 de junho de 1912, p. 10

⁹³ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 136.

os serviços dos hotéis, restaurantes, cafés entre outros⁹⁴. Ou seja, acabou por absorver alguns dos propósitos que até então faziam parte da entidade privada, SPP. Contudo, a Repartição de Turismo não tencionou substituir as intervenções da SPP, pelo que ambas irão atuar em simbiose ao longo do século XX.

Neste sentido, SPP continuou a editar folhetos relacionados com a paisagem Portuguesa e a redigir Guias, como *Portugal Guia Panorâmico*, publicado em 1911, contribuindo ativamente para a promoção do país e estimulando o seu desenvolvimento⁹⁵. No entanto, para além de dar continuidade às tarefas que tinha anteriormente, como a publicação de boletins e folhetos, fornecimento de informações sobre hotéis, casinos empresas de transportes, entre outros, também teve iniciativas de grande importância como o impulsionar de leis hoteleiras⁹⁶. Como forma de estimular reformas e melhoramentos na instalação e modernização dos hotéis⁹⁷, organizou em 1915 o I Congresso Regional Algarvio, em 1917 fundou de um Bureau de Renseignements em França⁹⁸, e em 1921 incrementou a criação de cadeiras de língua portuguesa nas Universidades Europeias⁹⁹.

Apesar de todas as iniciativas empreendidas pela SPP no setor hoteleiro, a imprensa continuava a descrever um país “desprovido de hotéis (...), com excepção de dois ou três”¹⁰⁰. Esta necessidade de dotar o país com as necessárias comodidades, e sendo este um fator crucial para a sua promoção turística, levou ao surgimento de vários empreendimentos de carácter privado, desde logo com a organização da comissão de Hotéis da SPP e, mais tarde, com a organização de sociedades de carácter privado.

Fundada em outubro de 1919, a denominada de Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal (SGHP) (Fig.1) foi idealizada por várias entidades, quer instituições ligadas à banca como Srs. Pinto da Fonseca e irmãos, Banqueiros ou Borges e irmão, banqueiros, quer por entidades relacionadas com a Companhia dos Caminhos de Ferro como Alberto de Melo e Sousa, administrador da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e gerente

⁹⁴ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal*, p. 153.

⁹⁵ PINA, Paulo, Portugal: *O turismo no século XX*, p. 86.

⁹⁶ BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p. 37.

⁹⁷ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal*, p. 152.

⁹⁸ Fundado pela SPP conjuntamente com a Repartição de Turismo e com a Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro (Cfr.: PINA, Paulo, *Cronologia do Turismo Português: 1900-1929*, p. 19.)

⁹⁹ MAIO, Guerra: Portugal no Estrangeiro. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº105. Março. 1921, p. 137

¹⁰⁰ MAIO, Guerra: A magna questão hoteleira. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº80. 20 outubro. 1919, p. 57.

internacional da Mercantil e c^a, limitada ou Manuel Maria d'Oliveira Belo, engenheiro diretor da Companhia de Caminhos de Ferro¹⁰¹.

Com a sua sede em Lisboa, propôs-se dotar o país de grandes hotéis¹⁰², semelhantes aos mais modernos da Europa, como o Madrid Palace Hotel (Fig.2) (atual The Westin Palace Madrid) ou como o Hotel Ritz em Barcelona (Fig.3). Para a edificação dos novos e modernos hotéis, a sociedade propunha-se a comprar terrenos em Lisboa e no Porto, idealizou ainda a construção de várias cadeias de casas coletivas¹⁰³ e postos de turismo, bem como a organização de empresas responsáveis pelos meios de transporte ao serviço das unidades hoteleiras, e ainda se propôs a explorar iniciativas de progresso da vida social e do turismo em Portugal¹⁰⁴.

Com o capital de dez milhões de escudos, dividido em cem mil ações de 100\$00 cada, esta sociedade foi patrocinada pela SPP¹⁰⁵, sendo que dela faziam parte “além de individualidades sobejamente apreciadas entre as forças vivas da nação, os srs. Manuel Roldan y Pego¹⁰⁶, coronel Ferreira Madail¹⁰⁷ e Pedro d'Oliveira Pires¹⁰⁸, todos directores da Sociedade Propaganda de Portugal, sendo os dois últimos membros natos da Comissão de Hotéis da mesma sociedade”¹⁰⁹.

Em 1920 a SGHP iniciou a sua atividade com a projeção de um hotel para a Praia da Rocha¹¹⁰. Este hotel de estação seria modesto, mas teria todas as condições modernas de

¹⁰¹ARROBAS, João Ribeiro: As Nossas informações. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1091. 9 dezembro.1920, p. 1.

¹⁰² LIMA, Magalhães: Subscrição De Acções. *O Século*. Lisboa. Nº13:613. 19 novembro. 1919, p. 3.

¹⁰³ MAIO, Guerra: A hotelaria Portuguesa. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº82.20 novembro 1919, p. 74.

¹⁰⁴ MAIO, Guerra: A magna questão hoteleira. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº80.20 outubro.1919, p. 57.

¹⁰⁵ Veja-se a notícia do Jornal O Século: “A Sociedade da Propaganda de Portugal recomenda a subscrição de acções da Sociedade dos Grandes hotéis de Portugal” (Cf. LIMA, Magalhães: Grandes hotéis de Portugal. *O século*. Lisboa. Nº 13:617. Ano. 39º. 23 novembro. 1919, p. 2.)

¹⁰⁶ Assumiu o cargo de “Engenheiro e secretário geral da Sociedade Propaganda de Portugal em 1919”. (Cfr. ARROBAS, João Ribeiro: As Nossas informações. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1091. 9 dezembro. 1920, p. 1.)

¹⁰⁷ “Coronel de Artilharia, tesoureiro e secretário da Comissão de hotéis da Sociedade Propaganda de Portugal.” (Cf. ARROBAS, João Ribeiro: As Nossas informações. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1091. ed. António, das Neves Rodrigues. 9 dezembro.1920, p. 1.)

¹⁰⁸ “Proprietário capitalista e director da Sociedade Propaganda de Portugal” (Cf. ARROBAS, João Ribeiro: As Nossas informações. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1091. 9 dezembro.1920, p. 1.)

¹⁰⁹ MAIO, Guerra: A hotelaria Portuguesa. *Revista de turismo*. Lisboa. Nº82. 20 novembro.1919, p.74.

¹¹⁰ Projeto aprovado em 1920, cujas as obras se iniciaram em janeiro de 1921 tal como nos relata a notícia da Revista de Turismo: “Começaram já os importantes trabalhos para a construção do novo hotel da Praia da Rocha, pertencente á Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal, que assim vae dotar aquela bela estancia balnear com um melhoramento de vulto” (Cfr. MAIO, Guerra: Notícias Diversas. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº103. Janeiro. 1921, p. 115.)

conforto, higiene, sendo constituído por cem quartos¹¹¹. A construção do mesmo começou a 30 setembro de 1921 e nesse mesmo ano a SGHP idealizou aquele que seria o primeiro Grande Hotel da empresa, o Grande Hotel de Coimbra,¹¹² projeto que a presente dissertação retomará no seu desenvolvimento.

Importa ter em conta que nesta altura, foram fundadas várias sociedades¹¹³ para a exploração hoteleira, sendo que muitas delas acabaram por falir mesmo antes de verem os seus objetivos realizados. Outras devido às perturbações sociais que ecoavam fruto da Primeira Guerra Mundial, não passaram de ideias ou nomes. Contudo, apesar de não concretizarem os seus projetos, contribuíram para a planificação e o desenvolvimento da hotelaria portuguesa que dava os primeiros passos nos inícios do século XX.

1.2. O arranque das estruturas Hoteleiras

O hotel, enquanto impulsor fundamental e necessário do turismo, é, nos séculos XIX e XX, uma das infraestruturas mais requisitada e transformada, adaptando-se ao contexto na qual é edificada.

De uma forma geral, a hotelaria desempenha um papel fulcral providenciando acolhimento ao turista¹¹⁴ sendo, deste modo e já no século XIX, um dos pontos primordiais numa viagem. Porém, e apesar de Manuel Emídio Silva ter afirmado, no IV Congresso de 1911, que “C’est l’hotel qui fait la vilegiature”¹¹⁵, o desenvolvimento lento do capitalismo no território português não permitiu o acompanhamento dos grandes progressos hoteleiros Europeus.

Neste sentido, importa lembrar que, face à relevância que o sector turístico tinha para as economias de países como os Estados Unidos, a Suíça ou a França, a indústria hoteleira

¹¹¹ ARROBAS, João Ribeiro: As Nossas informações. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1091. 9 dezembro.1920, p. 1.

¹¹² ARROBAS, João Ribeiro: As Nossas informações. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1091. 9 dezembro. 1920, p. 1.

¹¹³ Como por exemplo a Sociedade Praia de vila do Conde, “de constituição recente, sendo um dos seus principais fins, o desenvolvimento da indústria do turismo n’aquela linda praia de Portugal” (Cf. MAIO, Guerra: Notícias Diversas. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº 91 e 92. abril. 1920, p. 123.). Todas estas sociedades de iniciativa privada necessitam, para um entendimento mais profundo, de novos investimentos académicos.

¹¹⁴ GUIMARÃES, Manuel; VALDEMAR, António: *Grandes Hotéis de Portugal*. Lisboa: Ed. Inapa. 2001, p. 7.

¹¹⁵ SILVA, M.E. da: *IV Congrès international de tourisme, Lisbonne, 1911. Discours prononcé à la séance inaugurale par Manuel Emygdio da Silva, secrétaire general du congrès*. Lisboa. 1911. p. 12.

internacional apresentava um avanço tecnológico. Note-se que, em 1857, no panorama internacional já se fazia uso de elevadores aquecimento central, quartos com casa de banho privada, entre outros¹¹⁶, realidades conhecidas em Portugal só muito à posteriori.

Tal como defende Raul Proença “ninguém frequentava hotéis portugueses senão por absoluta necessidade”¹¹⁷. O país encontrava-se desprovido de hotéis¹¹⁸ e os poucos que existiam eram considerados como pouco higiénicos e sem condições de conforto¹¹⁹. Deste modo, apesar do turismo ganhar reconhecimento a nível nacional ao longo do século XIX, o país continuava a não fazer parte dos grandes destinos turísticos, em parte, devido à carência, em particular, de bons hotéis¹²⁰.

Apesar desta imagem pouco animadora, existiam em algumas localidades como Lisboa, Porto, Coimbra, Sintra, Estoril, Faro, entre outras, alguns hotéis confortáveis e bem localizados, muitos deles considerados os melhores da Península¹²¹. Contudo, estes complexos faziam parte de uma pequena minoria e não conseguiam dar resposta à procura turística.

Um dos grandes exemplos que retrata as condições dos primórdios da hotelaria portuguesa trata-se do relato do Conde Giuseppe Pecchio aquando a sua visita a Portugal, que encontra ratos no seu quarto: “Pour vous donner une idée des auberges du Portugal, je vous dirai que la nuit dernière, à moite, les rats ont dévoré une grosse poule d’inde que j’avais fait porter dans ma chambre, et qu’ils n’ont pas même fait grâce aux os”¹²².

Em geral, os hotéis nacionais apresentavam um grande atraso em relação ao contexto Europeu não só de tipologia como também a nível de comodidades¹²³, asseio¹²⁴ e recreio. No que se refere a estas matérias, Raul Proença, identifica-as como um grave problema do setor e declara, inclusive no seu Guia em 1924, “quiméricas serão todas as tentativas para

¹¹⁶ BAEDEKER, K.: *Spain and Portugal. Handbook for Travellers*. 2ªed. Leipsic. Ed. K. Baedeker. 1901.

¹¹⁷ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal: I- Beira Litoral*. apud CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 143.

¹¹⁸ MAIO, Guerra: A Magna Questão Hoteleira. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº80. 20 outubro. Ano IV. 1919, p. 1.

¹¹⁹ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 143.

¹²⁰ MAIO, Guerra: A Magna Questão Hoteleira. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº80.20 outubro. Ano IV. 1919, p. 1.

¹²¹ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal: I- Beira Litoral*. Op. Cit. 1924, p. 150.

¹²² PECCHIO, Giuseppe: tre mesi in Portogallo nel 1822. Italia: Ed. Vittoria Iguazu. 2013, p. 14.

¹²³ Onde por exemplo no guia de Raul Proença ele relata que os turistas se queixavam “da dureza dos nossos leitos” sendo que “no Norte vão mesmo ao extremo de encher as almofadas e travesseiros com folheto ou serradura, fazendo assim um poiso de cabeça insuportável.” (cfr. PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal*, p. 150.)

¹²⁴ No Guia escrito por Raul Proença é também relatada a falta de casas de banho e a falta de asseio nas mesmas “Em alguns hotéis de 2ª ordem chegam a faltar as casas de banho- índice do atraso em que ainda se encontra Portugal” (cfr. PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal: I- Beira Litoral*, p. 150.)

transformar a nossa terra no país de turismo, que as belezas naturais lhe estão vaticinando, enquanto não mudarmos de rumo e não vencermos os nossos hábitos de rotina”¹²⁵.

Não obstante aos alertas lançados, tais carências permaneceram latentes ao longo do século XX visto que em 1930 ainda eram realizadas severas críticas ao estado da hotelaria nacional¹²⁶. Contudo, não podemos perder de linha de consideração que as estruturas hoteleiras conhecem um real impulso entre os séculos XIX-XX, vinculado, muito em parte, à ação da SPP e das sociedades já mencionadas.

Assim que fundadas, estas trataram desde logo de implementar medidas no sentido de conseguir modificar e modernizar os hotéis portugueses que eram considerados até ao momento, e descritos pela imprensa como “os peores da Europa”¹²⁷, devido às más condições estruturais e às deficiências relacionadas com os recursos humanos — empregados e gerentes¹²⁸— que não tinham qualquer tipo de formação técnica.

Para solucionar este problema era necessário formar profissionalmente os empregados hoteleiros pelo que, em 1906, a SPP publicou o *Guia Prático dos Proprietários de hotéis* constituindo à altura um guia vantajoso para os proprietários dos hotéis¹²⁹. Mais tarde, em colaboração com a Casa Pia, a SPP fundou o já mencionado curso de empregados de hotéis, cujo “plano do curso ficou a dever-se a Luís Fernandes (...) sócio da Propaganda, sendo ministrado por outro membro da colectividade (...) Conrad Wissmann”¹³⁰.

Na sua sequência, à semelhança do que já existia na Suíça e na Áustria, foi fundada em 1910, pela Comissão de Hotéis, a escola de Hotelaria com diversos cursos, citando-se a título de exemplo o de culinária, língua estrangeira e serviços de hotel¹³¹. A mesma será encerrada dois anos após a sua abertura e só em 1931 voltaria a ser reaberta¹³². Neste contexto, para além do curso profissional, foram realizadas várias iniciativas para estimular a indústria

¹²⁵ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal: I- Beira Litoral*, p. 151.

¹²⁶ PINA, Paulo: *Portugal: O turismo no século XX*, p. 53.

¹²⁷ MAIO, Guerra: Hotéis em Portugal. *Revista de turismo*. Lisboa. Nº 7. 5 de outubro. 1916, p. 50.

¹²⁸ Tese de José Athayde, “Pessoal de Hotéis e de Restaurantes” onde ele fala sobre as empregadas dos hotéis como “ordinárias, com o cabelo cheio de caspa, as unhas negras, o fato sebento(...)malcriadas” (Cf. BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p. 497.)

¹²⁹ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal: I- Beira Litoral*, p. 152.

¹³⁰ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal: I- Beira Litoral*, p. 152.

¹³¹ Como defende Manuel Roldon y Pego “Para ter êxito o que fica exposto, é indispensável que o pessoal hoteleiro seja educado. A profissão de hoteleiro aprende-se em escola especial porque ela obriga á instrução especial” (CF. BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p. 409.)

¹³² BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p. 409.

hoteleira como propostas legislativas, benefícios às unidades hoteleiras ou a realização de congressos.

Em 1908, foi anunciada a realização do 1º Congresso Hoteleiro sob a organização da SPP, o qual não se realizou devido à falta de inscrições¹³³. Contudo, a ideia viria a ser concretizada em 1916 com o apoio do Conselho Nacional de Turismo do Ministério do Fomento Republicano. Neste 1º Congresso Hoteleiro foram apresentadas várias teses em prol da melhoria da hotelaria portuguesa, destacando-se as teses de Manuel Roldon y Pego, intitulada “Indústria Hoteleira”, a de José Athayde, “Pessoal de Hotéis e de Restaurantes”, Guerra Maio, “Pequenos Hotéis” e a Leonildo Mendonça e Costa, “Hotéis nas províncias”¹³⁴.

Para Manuel Roldon y Pego era necessária a construção de duas tipologias de hotéis os “hotéis de luxo—para o turismo abastado, destinado às grandes cidades, às estações balneares e pontos de grande movimento — e hotéis modestos— confortáveis para o turismo menos rico para pontos de província”¹³⁵. Por sua vez, José Athayde e Guerra Maio defendiam que os hotéis podiam abdicar de ser luxuosos em benefício do conforto e da higiene, que segundo eles, eram os grandes defeitos nas construções hoteleiras portuguesas¹³⁶. Leonildo Mendonça e Costa idealizou a fundação de uma associação ou sociedade que estudasse várias tipologias de hotéis para as diferentes regiões¹³⁷, uma ideia que irá influenciar a realização em 1933 de um projeto intitulado “Hotel Modelo” elaborado por oito arquitetos sob o plano de Raul Lino¹³⁸. Envolvido ativamente nas iniciativas da SPP, este arquiteto já tinha proposto em 1915 “um projecto de Hotel Português para ser construído no Sul do Paiz”, desenvolvendo uma nova tipologia de hotel¹³⁹.

No que respeita ao apoio do Estado, foram realizadas várias propostas legislativas, respetivamente em 1905, em 1907 e em 1908¹⁴⁰, todas recusadas no parlamento. Considerando a falta de alojamentos e que a construção dos mesmos vinha atenuar a crise

¹³³ PINA, Paulo: *Cronologia do Turismo Português: 1900-1929*, p. 86.

¹³⁴ MAIO, Guerra: Congresso Hoteleiro. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº11. 5 dezembro. 1916, p. 83.

¹³⁵ BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p. 497.

¹³⁶ BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p. 497.

¹³⁷ BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p. 498.

¹³⁸ Projeto coordenado pelo arquiteto Raul Lino e impulsionado pela revista «O Notícias Ilustrado». Estes oito arquitectos, “Manuel Marques (Minho), Adelino Nunes(Douro), Raul Tojal (Trás-os-Montes), Luís Benavente (Beira Alta), António Lino (Beira Baixa), Ernesto Korrodi (Estremadura, Jorge Segurado (Alentejo) e Faria da Costa (Algarve)” projetaram vários hotéis portugueses. (cfr. PINA, Paulo: *Portugal: O turismo no século XX*, p. 63.)

¹³⁹ LOBO, Susana Mexia: *Arquitetura e Turismo: Planos e Projetos: as cenografias do Lazer na costa Portuguesa*, p. 54.

¹⁴⁰ PINA, Paulo: *Portugal: O turismo no século XX*, p. 57.

financeira que se fazia sentir¹⁴¹, em 1914, já após a criação do Conselho de Turismo no Ministério do Fomento, foi publicado um decreto lei que previa a atribuição de diversos benefícios às empresas que potencializassem a construção e modernização dos complexos hoteleiros. (Decreto nº1121, de 28 de novembro de 1914). Este decreto foi o primeiro a lançar incentivos à indústria¹⁴² outorgando isenções de impostos, benefícios e prémios que dependiam da classificação¹⁴³ de cada hotel, fomentando a sua construção¹⁴⁴.

Estas iniciativas e regulamentações foram essenciais em prol do desenvolvimento hoteleiro em Portugal, dada a falta de infraestruturas e incentivos, porém importa desde já refletir sobre o entendimento do que era um hotel antes das primeiras legislações e a evolução do mesmo nos séculos XIX e XX.

Note-se que em território nacional a denominação de “hotel” utilizada em finais do século XIX designava tanto uma hospedaria de classe superior, como qualquer hospedaria de classe inferior¹⁴⁵. O conceito que utilizamos atualmente para definir um imóvel como hotel, tem início na modernidade sendo fruto do nascimento do turismo, ideia avançada por Marc Boyle¹⁴⁶. Até então, a inexistência de uma legislação que protegesse a designação e definição de hotel, permitia que qualquer alojamento se denominasse de hotel¹⁴⁷ tendo como exemplo relatos jornalísticos de hospedagens, que se denominavam como hotéis, e que em termos de comodidade e higiene não excediam as antigas estalagens¹⁴⁸.

Na generalidade, os hotéis, enquanto imóveis, acabam por refletir as mudanças estruturais, políticas, económicas, sociais e culturais através da sua adaptação às alterações de índole cronológica.

Numa primeira fase, assistimos à edificação de estalagens e\ou hospedarias de pequenas dimensões que, até finais do século XVIII, consistiam em compartimentos de conventos, que

¹⁴¹ Ministério do Fomento: Decreto nº1121, de 28 de novembro de 1914.

¹⁴² PINA, Paulo: *Portugal: O turismo no século XX*, p. 34.

¹⁴³ Esta avaliação era realizada por “dois delegados do Conselho de Turismo e dum delegado da Sociedade de Propaganda de Portugal” (cfr. Ministério do Fomento: Decreto nº1121, de 28 de novembro de 1914)

¹⁴⁴ A título de exemplo, ao abrigo desta lei vão ser construídos vários hotéis como é relatado na Revista de Turismo: “Vae, ao que parece, muita gente compreendendo o grande alcance da nossa lei dos hotéis (...) um grande hotel vae ser construído com todo o conforto moderno na estancia thermal da Curia, pelo sr. Manuel Joaquim Rosa (...) nas Caldas das Taypas, foi ha dias inaugurado o Hotel das Thermas, em conformidade com a mesma lei” (cfr. MAIO, Guerra: Ao abrigo da Lei. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº 24. 20 junho. 1917, p. 1.)

¹⁴⁵ BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p. 448.

¹⁴⁶ BOYER, M.: *El Turismo en Europa, de la Edad moderna ao siglo XX. História Contemporânea*, vol. 25, p. 13.

¹⁴⁷ BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p. 448.

¹⁴⁸ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal: I- Beira Litoral*, p. 150.

albergavam sobretudo peregrinos. Estas hospedarias, vinculadas à religião, evoluíram a partir do século XIX para negócios particulares e familiares.

Mais tarde as hospedarias de cunho familiar que, adotando imóveis já existentes ou construindo novos, apresentam hotéis considerados modestos e discretos, que, dada a ausência de ornamentação, acabavam espelhar a falta de orçamento ou revelar a pouca importância dada à arquitetura hoteleira.

Nos inícios do século XIX, começam a surgir os considerados “bons hotéis” nos dois principais polos, Lisboa e Porto. Um dos hotéis que era à época um dos mais importantes da capital era o Hotel Braganza . Considerado por alguns autores como o primeiro grande hotel construído no início do século XIX¹⁴⁹ espelhava o gosto arquitetónico revivalista tanto pelo exterior nas suas fachadas revestidas de azulejos e janelas em ogivas, como pelo interior com a mobília refinada marcada escultoricamente com as armas reais portuguesas, os lustres para velas de cristal e as luxuosas alcatifas. Localizado na zona ribeirinha da cidade, a sua fachada era ritmada pelas várias janelas em ogiva numa linguagem quase neogótica, acentuando a verticalidade do edifício. Ao seu redor duas varandas contínuas no primeiro e segundo piso permitiam aos hóspedes usufruir da paisagem.

Outro hotel de igual importância em Lisboa era o Hotel Metrópole, complexo que na atualidade continua em laboração e a fazer parte da cadeia de hotéis Alexandre de Almeida¹⁵⁰. Datado de 1917, apresenta um traçado classicista na sua fachada composta por três pilastras adossadas, intercaladas entre janelas e sacadas, sendo encimada por um frontão triangular com as iniciais “H.M.” Todos estes complexos hoteleiros eram recomendados pela SPP¹⁵¹.

No Norte começaram também a surgir hotéis como o do Elevador no Bom Jesus e o Hotel de Santa Luzia, em Viana do Castelo. Sobre estes complexos é necessário realizar novos estudos académicos uma vez que, na altura, a estrutura era bastante diferente da atual como é o caso do Hotel do Elevador. Este, construído no século XIX, deve a sua denominação ao elevador hidráulico instalado em 1882. Contudo, em 1921 foi adquirido por uma sociedade que nele realizou várias “obras indispensáveis”¹⁵², modificando a sua arquitetura original.

¹⁴⁹ Constituído por “onze sacadas em cada um e varanda corrida. Por cima de cada andar de mezaninos quadrados (...) por cima os sótãos com uma espécie de terraço em volta”. (cfr. VALDEMAR, Guimarães: Hotel Braganza. *Grandes Hotéis de Portugal*, p. 51-54)

¹⁵⁰ Hotel Metrópole, Disponível Online: <http://www.almeidahotels.pt/pt/hoteis-em-lisboa> [consultado a: 19.01.2018]

¹⁵¹ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal: I- Beira Litoral*, p. 168.

¹⁵² MAIO, Guerra: Hotéis do Bom Jesus. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº 107. maio. 1921, p. 170.

O Hotel de Santa Luzia teve como autor do projeto inicial Ventura Terra, mas foi comprado em 1918 por um grupo de capitalistas do Porto que procederam à sua reparação e conclusão, acabando por modificá-lo e inaugurá-lo no mesmo ano¹⁵³. É mencionado no *Guia de Portugal* como “o hotel, que constitui pela esplêndida situação que ocupa, um dos grandes factores de valorização do monte com estância de vilegiatura podendo ser contado, depois do Hotel do Bussaco”¹⁵⁴. Este hotel possuía também um sistema de carros de hotel serviço que, a nível nacional, nenhum outro prestava¹⁵⁵.

A estes hotéis de negócio maioritariamente familiar começaram a surgir no território português, os Palace-Hotéis. O Hotel Palácio era caracterizado como um hotel de luxo, que remetia, em parte, para a aristocracia de outros tempos construindo um cenário que revivia o mundo desaparecido da corte¹⁵⁶. Esta tipologia parece ter origens francesas, dado que em finais do século XVIII, as residências da nobreza em França começaram a ser reaproveitadas e transformadas em luxuosos hotéis, substituindo os antigos *aubergs*¹⁵⁷.

Distinguiam-se dos Grandes Hotéis e dos Hotéis de menor escala pelo reaproveitamento das estruturas da alta elite, e foram surgindo essencialmente durante o século XIX¹⁵⁸. Esse luxo e cariz aristocrático refletia-se no elevado investimento arquitetónico e decorativo de pendor revivalista, presente das fachadas aos interiores, com destaque para as grandes escadarias sucessoras da cultura da encenação cortês¹⁵⁹.

Assim, grande parte dos Palaces que surgem nesta época são fruto de estruturas, que ou são aproveitadas na sua totalidade, como é o caso do Palácio de Setais em Sintra, —que transportou na íntegra todo o ambiente do século XVIII—, ou sofrem algumas intervenções como o Hotel Avenida Palace em Lisboa, internas e externas, revestindo as fachadas de roupagens revivalistas e os interiores com elementos decorativos exuberantes.

Face a estas características, torna-se difícil definir uma tipologia estrutural exterior ou interior nos Palaces pois a mesma era limitada pela índole estrutural das preexistências¹⁶⁰ pelo

¹⁵³ MAIO, Guerra: Hotel Santa Luzia. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº58. 20 novembro. 1928, p. 80.

¹⁵⁴ GUIMARÃES, Manuel: *Os Grandes Hotéis de Portugal*, p. 165.

¹⁵⁵ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal : I- Beira Litoral*, p. 150.

¹⁵⁶ AZEVEDO, Clara, *O mito do grande Hotel: Splendid Isolation*. Lisboa: O Autor. 1999, p. 10.

¹⁵⁷ STARKE, Mariana: *Travels on the Continent: written for the use and particular information of travelers*. London. Cambridge Library Collection. 1820.

¹⁵⁸ SENNOT, R.S.: *Encyclopedia of 20th Century architecture*. Vol. 1. New York. A-F: ed. Taylor & Francis books, Inc. 2004, p. 24.

¹⁵⁹ AZEVEDO, Clara, *O mito do grande Hotel: Splendid Isolation*. p.11.

¹⁶⁰ ANES, Nelson Bruno Mesquita: *Hotel: a importância e o valor diferenciador da arquitectura*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 2012. Dissertação De Mestrado integrado em Arquitetura, p. 25.

que, acaba por aproveitar as estruturas pré-existentes, adaptando-as às circunstâncias modernas.

Na transição dos séculos XIX- XX publicitava-se, um pouco por todo o país e para a Europa, a imagem de luxo dos Palaces, que em nada refletia o estado da economia portuguesa. Os mesmos eram realizados para servir uma pequena elite que, sob a visão romântica, privilegiavam a procura dos mesmos.

Um dos mais famosos Palaces era, e contínua a vigorar na contemporaneidade, o Palace Hotel do Bussaco. O seu projeto é marcado pela linguagem neomanuelina, bem como pela sua composição e estrutura que reaproveitou a preexistência de uma estrutura eremítica¹⁶¹. Foi transformado num luxuoso hotel sob o traçado do arquiteto Luigi Manini, em 1908, e de forma, quase, instantânea tornou-se num dos principais ex-líbris da hotelaria portuguesa¹⁶², considerado inclusive pelos viajantes como “o mais belo hotel da Europa, certamente, de longe, o melhor da Península”¹⁶³.

Em Lisboa destacava-se o atual Hotel Avenida Palace, então denominado de Hotel Internacional. Projetado pelo arquiteto José Luiz Monteiro e concluído por Duray, este edifício foi inaugurado em 1892. Resultou de uma encomenda da Real Companhia dos Caminhos de Ferro para que nele fossem instaladas as dependências relativas aos caminhos de ferro, situando-se por isso anexado à estação central do Rocio¹⁶⁴. No entanto, acabou por ser “alugado á companhia dos Wagons-Litz, para n’elle se estabelecer o grande hotel”¹⁶⁵. Este edifício, composto por três andares, duzentos quartos e muitas salas luxuosas¹⁶⁶, em 1893, passou a denominar-se Hotel Avenida Palace e sofreu algumas alterações interiores transformando-o num hotel luxuoso, e digno da nova denominação.

Constituindo uma exceção em relação à maioria dos hotéis citadinos, apresentava um exterior de traçado neorrenascentista, distinguindo-se na malha urbana pela arquitetura que lhe atribuía um pendor aristocrático.

¹⁶¹ LOBO, Susana: *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*, p. 18.

¹⁶² PINA, Paulo: *Portugal: O turismo no século XX*, p. 57.

¹⁶³ HUME, Martin: *Trought Portugal*. London. ed. E. Grant Richards. 1907 apud. PINA, Paulo: *Portugal: O turismo no século XX*, p. 53.)

¹⁶⁴ CARVALHO, José Maria Baptista de: O Anexo da Central do Rocio. *Diário Ilustrado*. Lisboa. Nº 7.018. 10 outubro. 1892, p. 1.

¹⁶⁵ CARVALHO, José Maria Baptista de: O Anexo da Central do Rocio. *Diário Ilustrado*. Lisboa. Nº 7.018. 10 outubro. 1892, p. 1.

¹⁶⁶ CARVALHO, José Maria Baptista de: O Anexo da Central do Rocio. *Diário Ilustrado*. Lisboa. Nº 7.018. 10 outubro. 1892, p. 1.

Todas as tipologias hoteleiras podiam ser subdivididas em várias categorias, dado que, por vezes o alojamento estava ligado a recursos naturais. Os complexos mais famosos no território eram os grandes centros termais. As termas eram bastante procuradas principalmente pela classe burguesa endinheirada, não tanto num contexto de saúde, mas como estâncias de vilegiatura.

Na transição do século começam a surgir algumas estruturas hoteleiras que constituíam infraestruturas necessárias ao crescimento das estâncias termais permitindo que os turistas permanecessem no local, o que conseqüentemente aumentava a sua procura. Desta forma, em 1916 já existiam em território nacional cerca de 150 estações¹⁶⁷.

Inaugurado a 1926¹⁶⁸, na Cúria, o Curia Palace Hotel é considerado um dos ex-libris da Arte Nova pela riqueza da sua decoração, sendo na altura um dos maiores hotéis de Portugal. Desenhado pelo arquiteto Norte Júnior, este hotel é composto por um corpo central horizontal e simétrico ritmado pelas suas arcadas. Nas extremidades é rematado por dois corpos verticais maciços que delineiam uma imponente fachada de linguagem clássica, reflexo da monumentalidade e riqueza interior, bastante semelhante à estrutura do Hotel Palace de Vidago¹⁶⁹. Este, construído em 1910 e desenhado pelo arquiteto José Ferreira da Costa, era constituído por 70 quartos e possuía todas as comodidades da hotelaria moderna. Exteriormente impunha-se na paisagem com a sua monumental fachada simétrica, ritmada pelas várias galerias que acentuam a sua horizontalidade.

No contexto balnear destacava-se o Hotel Aliança Figueira da Foz, inaugurado em 1918, constituído um dos primeiros hotéis de luxo da cidade que, embora despojado de qualquer exuberância arquitetónica exterior, sobressaía pelo luxo e requinte interior¹⁷⁰.

Na Foz do Arelho, em 1910, foi construído o Eden Palace Hotel visto que a procura balnear no local era recorrente e não existia qualquer local que provesse alojamentos. Este Palace, em comparação ao Palace Hotel Bussaco ou ao Palace Hotel do Vidago, era mais modesto, talvez reflexo da pouca relevância atribuída ao local em comparação com os outros.

¹⁶⁷ Tese apresentada no 1º Congresso Hoteleiro 1916 por João Bentes Castel-Branco. (Cfr. BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p. 460.)

¹⁶⁸ LOBO, Susana: *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*, p. 20.

¹⁶⁹ LOBO, Susana: *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*, p. 19.

¹⁷⁰ PINA, Paulo. *Portugal: O turismo no século XX*, p. 59.

Mais tarde, em 1923, passou a denominar-se Hotel do Facho e sofreu várias alterações no seu exterior¹⁷¹.

A tipologia do Grande Hotel teve os seus primórdios nos inícios do século XIX, fruto das ideias modernistas¹⁷². Aparecendo, primeiramente, na França, em 1862, com o Grande Hotel do Louvre, este incitou de modo efervescente o fascínio dos hotéis constituídos por mais de cem quartos alastrando-se progressivamente à Espanha e Suíça¹⁷³.

No território nacional esta tipologia apenas começou a ser mais divulgada na primeira década do século XX, altura em que começam a ser projetados ou, alterados antigos hotéis que se passaram a denominar de Grande Hotel. O fascínio por esta nova tipologia foi tal que levou, inclusive, à fundação da já mencionada SGHP. Importa, porém, lembrar que os mesmos eram edificados numa altura em que na Europa já se edificavam os Ritz ou Savoy, hotéis mais modernos e contemporâneos.

Fora as pequenas pousadas e os pequenos hotéis, os Grandes Hotéis viviam do brilho e do requinte do espaço, garantido por todos os elementos que o compunham. Num misto de Palace com um hotel de grandes dimensões, apresentavam-se revestidos de frisos decorativos e faustosos ornamentos¹⁷⁴, estes davam acesso, mediante um elevado custo, a um espaço de luxo temporário que só a burguesia mais endinheirada poderia suportar¹⁷⁵. Nas palavras de Daniel Blum, o Grande Hotel é concebido como obra de arte total, “o disfarce e o arranjo decorativo da realidade, é uma grandeza real no luxuoso teatro de ilusões que o Grande Hotel oferece ao hospede a troco de muito dinheiro”¹⁷⁶.

Restringidos inicialmente a uma pequena elite aristocrática, os Grandes Hotéis especializavam-se, tal como as outras tipologias, em categorias usufruindo dos recursos endógenos que lhes era oferecido no local da construção. Neste sentido surgem Grandes Hotéis citadinos, outros em comunhão com um complexo de jogo social como casinos, ou os Grandes Hotéis que fruía da visão romântica da ligação e importância do contacto com a natureza.

¹⁷¹ TRANCOSO, Vasco: *Grandela e a Foz do Arelho*. 2ª edição. Caldas da Rainha: Cadernos de História Local. Património Histórico. 2009, p. 51-52

¹⁷² AZEVEDO, Clara, *O mito do grande Hotel: Splendid Isolation*, p. 17.

¹⁷³ BAEDEKER, K.: *Spain and Portugal. Handbook for Travellers*. 2ªed. Leipsic. Ed. K. Baedeker. 1901.

¹⁷⁴ AZEVEDO, Clara, *O mito do grande Hotel: Splendid Isolation*, p. 11.

¹⁷⁵ AZEVEDO, Clara, *O mito do grande Hotel: Splendid Isolation*, p. 10.

¹⁷⁶ AZEVEDO, Clara, *O mito do grande Hotel: Splendid Isolation*, p. 17.

Note-se, porém, que apesar das várias divergências, eram organizados interiormente em conformidade com as funções desempenhadas nos compartimentos. Em grande parte, os Grandes Hotéis implantados nas cidades, aproveitavam, tal como os hotéis de pequena escala, edifícios já existentes, destinando ao hotel apenas a parte superior, alugando o piso térreo a estabelecimentos independentes. Esta característica vai permanecer ao longo dos séculos, dado que na atualidade continuamos a assistir ao reaproveitamento de edifícios mantendo a parte comercial no rés-do-chão.

Quando construídos de forma isolada, as cozinhas e os aposentos dos criados ficavam quase sempre nas caves, para evitar os odores da cozinha nos quartos dos hóspedes. No rés-do-chão existia, na sua generalidade, um grande *hall* de entrada para a receção dos hóspedes, quase sempre precedido de um restaurante, bar, salas de jantar, salas de estar entre outros espaços para usufruto dos seus hóspedes. Dado o movimento ascensional, à medida que os pisos avançavam mais individuais e privados ficavam sendo que, os últimos pisos, eram destinados aos quartos, bibliotecas e salas de leitura.

Dada a sua denominação de Grande Hotel, estes complexos possuíam, em comparação com os mais modestos, iluminação a eletricidade, quartos de banhos privados, ascensores, telefones¹⁷⁷ e, sempre que possível, grandes jardins esteticamente trabalhados¹⁷⁸ correspondendo com o *pathos* romântico.

Em Lisboa destacava-se nesta categoria o Grande Hotel de Inglaterra edificado em 1906, sob propriedade Sr. Abel de Barros. Arquitetonicamente este era constituído por um corpo robusto linear, de linguagem clássica, demonstrando uma aparência bastante modesta, que contrastava com o seu interior que, segundo a imprensa à época, era decorado com o “finíssimo gosto e grande sumptuosidade (...) do conhecido e laureado artista Augusto Pina”¹⁷⁹. Estruturalmente era composto por seis andares, ficando o do rés-do-chão reservado para lojas e um restaurante, e os pisos superiores aos oitenta quartos¹⁸⁰.

Outro hotel sobejamente conhecido na capital era o Grande Hotel Borges, localizado na Rua Garrett (Chiado)¹⁸¹ inaugurado em 1882 pelo proprietário António Borges. O mesmo

¹⁷⁷ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal: I- Beira Litoral*, p. 168.

¹⁷⁸ AZEVEDO, Clara, *O mito do grande Hotel: Splendid Isolation*, p. 17.

¹⁷⁹ CAMPOS, Agostinho: Novo Hotel. *Diário Ilustrado*. Lisboa. Nº 11:887. 15 abril. 1906, p. 2.

¹⁸⁰ CAMPOS, Agostinho: Novo Hotel. *Diário Ilustrado*. Lisboa. Nº 11:887. 15 abril. 1906, p. 2.

¹⁸¹ CARVALHO, José Maria Baptista de (Ed.): Hotel Borges. *Diário Ilustrado*. Lisboa. Nº 3:406. 31 outubro. 1882, p. 2

era bastante semelhante a nível estrutural ao Grande Hotel de Inglaterra, apresentando uma linguagem revivalista clássica, com o rés-do-chão ocupado por lojas¹⁸².

No Porto destacava-se o Hotel do Porto que, desenhado pelo arquiteto José Geraldo Silva Sardinha, abriu em 1880. Após sofrer grandes alterações, em 1917, transformou-se no primeiro Grande Hotel no Porto, constituindo uma “verdadeira sala de visitas da capital nortenha”¹⁸³. Estruturalmente é um edifício acentuado pela verticalidade e simetria das suas fachadas,¹⁸⁴ destacando a sua presença pelo corpo central encimado por uma cúpula abobadada. Aceleradamente este hotel tornou-se num dos mais importantes e modernos do país, possuindo todas as modernidades como “chauffage central, ascençor electrico, amplos salões de jantar, leitura e um magestoso *hall* Etc.”¹⁸⁵, sendo visitado por várias personalidades governamentais e notáveis, como Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz¹⁸⁶.

Tal como os Palaces Hotéis, os Grandes Hotéis e os pequenos hotéis também estiveram interligados às termas como é o caso do Grande Hotel de Vidago, considerado um dos mais antigos,¹⁸⁷. Sobre os hotéis de pequena escala veja-se a título de exemplo no Gerês o Hotel do Parque inaugurado 1895¹⁸⁸ ou nas Caldas da Rainha o Hotel Lisbonense. Este último, datado de 1895, era também considerado como um dos melhores hotéis do país, usufruindo das termas, que o transformavam num hotel de primeira ordem¹⁸⁹. Embora o seu exterior apresentasse, um carácter simples e modesto, arquitetonicamente era bastante semelhante aos hotéis Grande Hotel Inglaterra ou ao Grande Hotel Borges, sendo constituído por três pisos e cerca de cem quartos¹⁹⁰.

Às estruturas hoteleiras e aos atrativos naturais, somam-se, nesta altura, áreas de jogo permanente, conhecidos como os «Estoris», que geram verdadeiros centros turísticos desenvolvidos em torno do jogo e das atividades económicas a ele associadas. Nestas zonas de jogo surgem várias dependências arquitetónicas faustosas das quais fazem parte geralmente um hotel e um casino, que projetavam uma imagem distante do real estado do

¹⁸² LOBO, Susana: *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*, p. 21.

¹⁸³ PINA, Paulo. *Portugal: O turismo no século XX*, p. 59.

¹⁸⁴ MAIO, Guerra: O Grande Hotel do Porto. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº 26. 20 julho. 1917, p. 16.

¹⁸⁵ MAIO, Guerra: O Grande Hotel do Porto. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº 49. 5 julho. 1918, p. 1.

¹⁸⁶ MAIO, Guerra: O Grande Hotel do Porto. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº 49. 5 julho. 1918, p. 1.

¹⁸⁷ MAIO, Guerra: Vidago. *Revista de Turismo*. Lisboa. nº25.5 julho. 1917, p. 1.

¹⁸⁸ ZAGALHO, Rodrigo de Mello Carneiro: Gerez. *Diário Ilustrado*. Lisboa. Nº 8:028. 29 julho. 1895, p. 2.

¹⁸⁹ ZAGALHO, Rodrigo de Mello Carneiro: Hotel Lisbonense. *Diário Ilustrado*. Lisboa. Nº 7:991. 22 junho. 1895, p. 1.

¹⁹⁰ ZAGALHO, Rodrigo de Mello Carneiro: Hotel Lisbonense. *Diário Ilustrado*. Lisboa. Nº 7:991. 22 junho. 1895, p. 1.

país¹⁹¹. Dada a sua elevada procura, estes projetos proliferaram no território nacional constituindo, de grosso modo, os primeiros grandes desenvolvimentos hoteleiros, tendo como o seu ex-libris o Projeto do Estoril. Instalado perto da zona costeira, este complexo permitia aliar a vertente balnear, termal e desportiva. Apresentado em 1914¹⁹², foi Idealizado por Fausto de Figueiredo e acabou por marcar decisivamente o desenvolvimento da hotelaria portuguesa sendo o primeiro complexo de vilegiatura a ser projetado de raiz¹⁹³, representando um empreendimento de impacto internacional¹⁹⁴ ao coligar as três vertentes praia, termas e jogo¹⁹⁵.

Em suma, foi nesta altura que se desenvolveu não só o turismo no território, mas também todas as infraestruturas necessárias ao seu desenvolvimento, principalmente os complexos hoteleiros, surgindo nomes que atualmente ainda constam como melhores hotéis a nível nacional ou Europeu, como é o caso do Palace Hotel do Bussaco ou o complexo do Estoril. Os mesmos acabam por ser o reflexo das iniciativas que pontuam a evolução que, embora tardiamente, tentava acompanhar os novos conceitos turísticos que então já eram correntes em boa parte da Europa.

Apesar das várias condicionantes, nos inícios do século XX Portugal contava com cerca de mil trezentos e trinta e sete hotéis, ou seja, um número que reflete os esforços das entidades privadas e públicas, em equipar o país de novos equipamentos hoteleiros.

No entanto, a grande maioria dos hotéis que se edificavam eram Palaces, Estoris e Grandes Hotéis nobres e luxuosos em contraste ao contexto europeu onde se edificavam hotéis modernos, depurados das fachadas revivalistas. A constante edificação dos mesmos foi tal que, em 1936, no I Congresso Nacional de Turismo, a grande prioridade era dotar o país de hotéis e pousadas de pequenas dimensões por oposição aos excessivos Palaces e Estoris¹⁹⁶.

Há que relembrar que o expoente máximo de ligação entre Portugal e a Europa era o «Sud-Express» que interligava, desde 1887, as capitais francesa, espanhola e portuguesa, confinando o turismo português na primeira metade do século XIX ao triângulo Lisboa-Estoril-Sintra¹⁹⁷. Porém, existiam já outros locais de grande destaque no território português, como

¹⁹¹ LOBO, Susana: *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*, p. 21.

¹⁹² BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p. 460.

¹⁹³ LOBO, Susana: *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*, p. 21.

¹⁹⁴ CUNHA, Licínio: *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, p. 142.

¹⁹⁵ LOBO, Susana: *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*, p. 21.

¹⁹⁶ CADAVEZ, Cândida: *A Bem da nação*. Lisboa: Edições 70. 2017.

¹⁹⁷ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal: I- Beira Litoral*, p. 151.

é o caso do Bom Jesus (Braga), S. Pedro de Moel, Santa Luzia (Viana), Bussaco e Coimbra. Os mesmos começaram a ser conhecidos, enquanto destino turístico, através da construção das linhas férreas e estradas, ganhando reconhecimento enquanto capitais de turismo, sendo um dos casos mais notável, Coimbra.

2. Coimbra na transição do século XIX para o século XX

As cidades, enquanto sistemas vivos, são espaços únicos, dotados de uma linguagem específica, fruto do seu constante desenvolvimento e transformação. Coimbra, enquanto ponto urbano central entre as duas cidades nacionais que regem a distribuição populacional, — Porto e Lisboa — teve, desde cedo, um papel fundamental na qualidade de centro geográfico e de centro histórico. Ao longo dos séculos, a urbe sofreu diversas alterações, congregando em si um amplo conjunto de interesses turísticos que a transformaram num dos pontos de referência do país quando nos referimos a espaços citadinos catalisadores de turismo.

No decorrer do século XIX a cidade tornou-se numa das áreas do território português mais procurada e visitada. Importa, neste contexto, referir quais os pontos turísticos mais relevantes e procurados na cidade. Pelo exterior, a própria condicionante espacial da urbe devido à sua semelhança “a uma pirâmide esculpida”¹⁹⁸ atraía os viajantes, nacionais e estrangeiros, proporcionando um panorama único. Pelo interior, possuía vários monumentos como a Sé Velha, a Igreja de Santa Cruz, a Sé Nova ou a Igreja de São Tiago, díspares entre si temporal e esteticamente. Por sua vez, estes edifícios, encontravam-se intervalados por locais igualmente históricos e de interesse turístico, como o Largo de Sansão (atual Praça 8 de Maio) ou a Praça do Comércio.

No âmbito do património imaterial, a cidade era bastante procurada por ocasião das Festas da Rainha Santa. No seguimento destas festividades, as ruas e principalmente a zona da portagem, encontravam-se repletas de turistas nacionais e estrangeiros, que procuravam assistir de perto ao aparato que envolvia as cerimónias. Para além da vertente religiosa, esta festividade envolvia uma grande componente estética, tanto pelos elementos decorativos (por exemplo as colchas penduradas nas janelas e as flores em representação do milagre das rosas), como pelos fogos de artifício e procissões¹⁹⁹.

Como nos dá conta a imprensa da época, Coimbra estava “repleta de monumentos, dotada de excelentes museus e estabelecimentos de ensino, possuía panoramas, lendas e

¹⁹⁸ BORGES DE FIGUEIREDO, A. C.: *Coimbra Antiga e Moderna*. Lisboa: Edição Almedina, 1996, p. 2.

¹⁹⁹ Jornadas sobre a História de Coimbra oitocentista no cotovelo dos séculos entre Oitocentos e Novecentos. CASCAO, Rui: *Coimbra 1900: retrato de uma cidade: comunicação*. Coimbra: Faculdade de Letras. 2005.

tradições surpreendes, pelo que tinha ótimas condições para se tornar num centro importante de turismo”²⁰⁰(Fig. 4).

Neste ponto é essencial realizar uma breve contextualização sobre Coimbra entre os séculos XIX-XX, permitindo o enquadramento histórico e conseqüentemente o desenvolvimento do turismo.

Tal como o resto do país, Coimbra, no século XIX, revelava uma certa estagnação, e até recessão. Especialmente, continuava a ser delineada pela divisão entre a zona baixa da cidade, onde residia a maioria da população trabalhadora, e a zona alta, onde residia a população estudantil e universitária²⁰¹. A urbe era iluminada por candeeiros de azeite²⁰², atravessada por ruas estreitas, pouco iluminadas, íngremes e sujas, problemas esses que preenchiam páginas inteiras de jornais.

A cidade apresentava sérias lacunas ao nível da higiene e saneamento, como a ausência de esgotos ou canalizações a zona ribeirinha da cidade, marcada pela permanência das runas²⁰³, (valas a céu aberto), frequentemente se registava a acumulação de resíduos durante semanas. Constituindo um dos principais focos de falta de salubridade, estas valas eram localizadas nas principais artérias da cidade, como o Largo das Ameias ou a Avenida Emídio Navarro, onde circulavam com maior regularidade os turistas, denegrindo a imagem da cidade pela falta de asseio²⁰⁴. Além das runas, existia, na Rua da Sota, um cano que expedia as águas da zona alta para o rio Mondego. No entanto com a subida das águas do rio, o mencionado cano transportava as águas para a cidade, colaborando para as inundações²⁰⁵.

Esta questão foi um dos principais problemas e recorrente ao longo dos séculos, principalmente na zona baixa da urbe. A imagem do tranquilo Mondego²⁰⁶ aos pés da cidade, dissolvia-se aquando a chegada do inverno, inundando por completo a área ribeirinha da cidade, provocando conseqüências drásticas nos estabelecimentos comerciais. Nos finais do século XIX, ocorreram com mais frequência enchentes, nomeadamente em 1872, 1884, 1891

²⁰⁰ ARROBAS, Diamantino Ribeiro: Coimbra e sua região. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1877. 6 de abril. 1926, p. 6.

²⁰¹ ROQUE, João: *Coimbra de meados do século IX a inícios do século XX*. Vol.12. Coimbra: Sep. Revista História das Ideias. Faculdade de Letras, 1990, p. 303.

²⁰² FARIA, José Santiago: *Evolução do espaço físico de Coimbra*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 2006.

²⁰³ CASCAO, Rui: *Coimbra 1900: retrato de uma cidade*, p. 2.

²⁰⁴ ARROBAS, Diamantino Ribeiro: *O aceio da Cidade*. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1427. 22 março. 1923. ano XII, p. 4.

²⁰⁵ ARROBAS, Diamantino Ribeiro: *O aceio da Cidade*. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1427. 22 março. 1923. ano XII, p. 4.

²⁰⁶ BORGES DE FIGUEIREDO, A. C.: *Coimbra Antiga e Moderna*, p. 2.

e em 1900, sendo que a última foi considerada como uma das mais graves, atingindo os 6 metros, com casas submersas na baixa da cidade, o que obrigou à deslocação da população através de barcos²⁰⁷.

Durante os finais do século XIX e, essencialmente, inícios do século XX, ocorreu um grande aumento demográfico da população portuguesa estimulando diretamente o crescimento das cidades e a implementação de vários projetos de reestruturação²⁰⁸.

O urbanismo e a planificação das cidades constituem nesta altura uma prioridade e um grande melhoramento²⁰⁹. De certa forma, a planificação urbanística contribuiu tanto quanto o desenvolvimento dos transportes no que diz respeito ao crescimento do turismo em Portugal²¹⁰.

Em Coimbra o principal objetivo dos vários planos urbanísticos era providenciar a abertura de novas artérias, para evitar a aglomeração da população. Contudo, estas transformações também protagonizaram a adaptação da cidade a um dos principais destinos turísticos pelo edificar de várias infraestruturas que iriam protagonizar o processo de modernização citadina.

Tal como o historiador Marc-Antoine Laugier declarou no século XVIII, “A beleza e a magnitude de uma cidade dependem principalmente de três coisas: as suas entradas, as suas ruas e os seus edifícios”²¹¹. Neste sentido, foram realizadas diversas intervenções de grande vulto, alterando a fisionomia e as fronteiras da malha quinhentista²¹².

Nos finais do século XIX e na primeira década do século XX, foram realizados vários projetos que previam a expansão urbana, principalmente em locais que até ao momento eram arrabaldes, zonas de pasto e quintais. Desta forma, foram projetados novos bairros como os de Santa Cruz, da Arregaça e da Cumeada²¹³. Mais tarde em 1920, sob traçado do engenheiro António Barbosa Alvares Pereira, ficaram estruturados os bairros de Montes Claros, da Quinta da Rainha e do Penedo da Saudade²¹⁴.

²⁰⁷ MARQUES, Rafael: *Coimbra através dos tempos*. Coimbra: Ed. Cruz Vermelha, 2004, p. 28.

²⁰⁸ CALMEIRO, Margarida Relvão: *A Paisagem Urbana Oitocentista: embelezamento e política urbana na renovação da Imagem de Coimbra*. 88 CEMN.º 4/Cultura, Espaço & Memória, Coimbra: Revista do CITCEM. 2013, p. 71.

²⁰⁹ BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p. 448.

²¹⁰ BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p. 450.

²¹¹ LAUGIER, M. A.: *Ensayo sobre la Arquitectura*. Madrid: Ediciones Akal. 1755, p. 128.

²¹² LURDES, Craveiro: *Raul Lino em Coimbra*. Sep.nº15. Coimbra: Mundo da Arte. Setembro. 1983, p. 31.

²¹³ LURDES, Craveiro: *Raul Lino em Coimbra*, p. 31.

²¹⁴ SILVA, Armando Carneiro (org.): *Anais do Município de Coimbra 1920-1939*. Coimbra: Edição Biblioteca Municipal. 1971, p. 2.

A zona baixa da cidade, uma das principais entradas na cidade, exigia profundas alterações visto que mantinha um traçado medieval. O Largo da Portagem, segundo António Correia, à altura consistia numa área, de pequenas dimensões — 33 metros por 17 metros²¹⁵— apresentando um traçado assimétrico, localizado num plano topográfico inferior ao atual, tal como a zona do cais, instigando as inundações mais frequentes²¹⁶.

Ao serem realizadas várias obras de terraplenagem e alteamento nas margens do rio, foi construída uma ponte nova de ferro, em 1875²¹⁷ algo que, por sua vez, veio incentivar várias obras no Largo da Portagem, à época Largo Príncipe D. Carlos.

Após terem sido nomeadas várias comissões para elaborar um Plano de Melhoramentos, sem, porém, terem chegado a mais do que hipóteses, em 1907 a Câmara procedeu ao alinhamento do lado norte do Largo, expropriou várias edificações, suprimiu a Rua da Saboaria e estabeleceu ligação entre a zona mais baixa da cidade— pela Rua da Sota— e o largo²¹⁸.

Com a implantação da República, o Largo passou a ser denominado Largo Miguel Bombarda e recebeu o monumento a Joaquim António de Aguiar²¹⁹. Posteriormente à transformação do antigo Largo, foram iniciadas várias obras na avenida marginal, designada de Avenida Emídio Navarro²²⁰, sendo também elaborados projetos que previam a ligação entre a Casa do Sal, o Arnado, a Rua da Sofia e a Praça 8 de Maio²²¹. Simultaneamente a Rua de Madalena foi alongada e alargada, sendo que em 1921 foi denominada de Avenida Fernão Magalhães²²².

Relativamente à existência de zonas verdes na cidade, no cais das Ameias, existia um pequeno parque arborizado, com lagos e com um coreto no seu centro. O mesmo seria

²¹⁵ CORREIA, António: *Identificações Toponímicas*. Arquivo Coimbrão – Boletim da Biblioteca Municipal. Coimbra: Biblioteca Municipal de Coimbra. Ano VI. 1942, p. 285.

²¹⁶ CALMEIRO, Margarida Relvão: *A Paisagem Urbana Oitocentista: embelezamento e política urbana na renovação da Imagem de Coimbra*, p. 78.

²¹⁷ CALMEIRO, Margarida Relvão: *A Paisagem Urbana Oitocentista: embelezamento e política urbana na renovação da Imagem de Coimbra*, p. 79.

²¹⁸ CALMEIRO, Margarida Relvão: *A Paisagem Urbana Oitocentista: embelezamento e política urbana na renovação da Imagem de Coimbra*, p. 84.

²¹⁹ CALMEIRO, Margarida Relvão: *A Paisagem Urbana Oitocentista: embelezamento e política urbana na renovação da Imagem de Coimbra*, p. 85.

²²⁰ CALMEIRO, Margarida Relvão: *A Paisagem Urbana Oitocentista: embelezamento e política urbana na renovação da Imagem de Coimbra*, p. 86.

²²¹ SILVA, Armando Carneiro (org.): *Anais do Município de Coimbra 1920-1939*, p. 7-8.

²²² SILVA, Armando Carneiro (org.): *Anais do Município de Coimbra 1920-1939*, p. 28.

substituído mais tarde em 1924, por um novo parque, do lado oposto, na Ínsua dos Bentos, denominado Parque Manuel Braga para o qual foi mudado o coreto deste ²²³.

Para além da abertura de novas ruas e da construção de novos bairros, começaram a ser construídos vários edifícios residenciais e comerciais, díspares entre si, reflexos da nova burguesia endinheirada que projetava os seus espaços de habitação de acordo com os seus gostos pessoais e o seu poder económico. Entenda-se que a referência aos mesmos é necessária para um melhor entendimento sobre a cidade à época.

Atualmente, muitos destes edifícios subsistem, principalmente na Avenida Sá da Bandeira, na Rua Ferreira Borges, na Rua Alexandre Herculano e na Rua Lourenço de Almeida Azevedo. Apesar do seu estado de conservação, ainda permitem um panorama geral da arquitetura residencial realizada nos finais do século XIX e inícios do século XX.

A crescente procura de “casas que saíssem da vulgaridade e atestassem o poder económico os seus donos estava (...) dentro dos parâmetros mentais de então”²²⁴, algo que conduziu ao surgimento destes vários edifícios de linguagem neomanuelina, neoárabe, neorromânica, neobarroca e neorrenascentista. Ornamentadas no exterior com esculturas, azulejos, gradeamentos em ferro forjado, bem como no interior, com mobílias de luxo, estas moradias vieram impulsionar novas dinâmicas arquitetónicas na cidade, inclusive ocupando zonas que até então eram pastos ou terreno baldio²²⁵.

A ação da camada burguesa foi um dos fatores cruciais na evolução económica e cultural da cidade. Além de edificar novas moradias de feições revivalistas, que conferiram à cidade alguma modernidade, despertou a expansão comercial da urbe fomentando o desenvolvimento de pequenas indústrias fabris nomeadamente em Santa Clara e na zona da baixa²²⁶. Assim, importa referir que aos níveis comercial e industrial, Coimbra assistiu a um desenvolvimento assinalável, dadas as diversas associações e unidades fabris que se fundaram nomeadamente na primeira década do século XX.

Às casas comerciais de pequena produção localizadas mormente na baixa coimbrã, juntaram-se novas indústrias sobretudo de tecidos, porcelanas, cervejas e alimentares. Um

²²³ ARROBAS, João Ribeiro: O Coreto. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1547. Ano XIII. 12 janeiro 1924, p.2.

²²⁴ ANACLETO, Regina: *Arquitectura revivalista de Coimbra*. *Mundo da arte*. Coimbra. julho/agosto. 1982, p. 20-22.

²²⁵ ANACLETO, Regina: *Arquitectura revivalista de Coimbra*, p. 20.

²²⁶ FERREIRA, Bruna Daniela: *Arquitectura industrial em Coimbra no século XX: a Zona industrial da Pedrulha*. Coimbra: [s.n.] 2012 Dissertação de Mestrado em Arquitectura.

dos exemplos mais notáveis é a construção na Rua Ferreira Borges do edifício do Chiado, considerado um dos maiores estabelecimentos comerciais de Coimbra à altura²²⁷.

Perante este cenário, tornava-se imprescindível aumentar o capital, e o apoio das agências bancárias. Apesar de existir uma sede da Agência do Banco de Portugal desde 1891²²⁸ na zona alta de Coimbra, em 1910, após as grandes obras de alteamento na zona da baixa a sede foi mudada e foi instalada num edifício projetado de raiz no Largo da Portagem²²⁹. O edifício revivalista da autoria de Adães Bermudes ficou concluído em 1912 constituindo um importante melhoramento inclusive pela sua localização numa das entradas da cidade²³⁰.

No que diz respeito às infraestruturas educativas, em 1911 foi inaugurado no Penedo da Saudade o primeiro Jardim Escola, Escola Maternal João de Deus da autoria do arquiteto Raul Lino²³¹. Na altura foi considerado “uma obra menor” em relação aos outros edifícios desenhados pelo arquiteto, no entanto, foi um edifício projetado e adequado “às funções da sua utilização infantil”²³². Em 1918 foi edificado na Avenida Sá Bandeira nº 111, um liceu feminino²³³ e uma Escola Primária Central projetada por Adães Bermudes²³⁴.

Relativamente aos transportes, existia já deste 1864, uma Estação de Caminhos de Ferro — atual Coimbra B—, mas que se situava parcamente afastada da urbe. Assim, em 1874²³⁵ foi proposta a construção de um ramal entre a estação e o Largo das Ameias. O mesmo viria a ser inaugurado em 1888²³⁶, composto por um modesto apeadeiro em madeira. Esta inauguração veio despontar a ideia de ligar Coimbra a Arganil, o que por sua vez implicava realizar novas obras de terraplenagem nas margens do rio. No mesmo ano começaram as obras propostas

²²⁷ DIAS, Pedro [et. All.]: *Museu da Cidade: edifício do Chiado*. Coimbra: Câmara Municipal. 2001, p. 12-14.

²²⁸ MENDES, José Maria Amado: Coimbra no primeiro quartel do século XX. *Biblos*. Coimbra. Vol. LX. 1984, p. 392.

²²⁹ NOGUEIRA, Isabel: *Coimbra: Alguns aspectos da evolução da cidade do início do século XX aos nossos dias*. *Biblos*. Coimbra. Vol. IV. 2006, p. 259-260.

²³⁰ MENDES, José Maria Amado: *Coimbra no primeiro quartel do século XX*, p. 392.

²³¹ LOUREIRO, José Pinto. (org.): *Anais do Município de Coimbra 1904-1919*. Coimbra: ed. Biblioteca Municipal. 1937, p. 69.

²³² RIBEIRO, Irene: *Raul Lino pensador nacionalista da arquitectura*. Porto: Faculdade de Arquitectura. 1994, p. 67.

²³³ LOUREIRO, José Pinto. (org.): *Anais do Município de Coimbra 1904-1919*, p. XVI.

²³⁴ NOGUEIRA, Isabel: *Coimbra: Alguns aspectos da evolução da cidade do início do século XX aos nossos dias*, p. 264.

²³⁵ CALMEIRO, Margarida Relvão: *A Paisagem Urbana Oitocentista: embelezamento e política urbana na renovação da Imagem de Coimbra*, p. 82.

²³⁶ DIAS, Pedro: *Coimbra Arte e História*. 3ª ed. Coimbra: Ed. Minerva. 1995, p. 14.

por Emídio Navarro, para alargar a Estrada da Beira e a Estrada marginal aumentando em largura cerca de 34 metros²³⁷.

Após a inauguração da nova estação no Cais das Ameias, o serviço do carro americano²³⁸ — que outrora fora extinto —, voltou a funcionar em 1904, “inaugurando-se festivamente o primeiro troço de linha entre a Estação Velha e a Portagem”²³⁹. Mais tarde, em 1911, foi substituído o meio de locomoção, deixando de ser por tração animal para dar lugar ao carro elétrico, impulsionando o alargamento da área urbana e a expansão do movimento comercial²⁴⁰. Em 1907, Coimbra foi a primeira cidade nacional a ter carreiras realizadas por transportes urbanos semelhantes a autocarros (Omnibus-automóveis)²⁴¹.

Em relação à estação no Largo das Ameias, em 1923 a Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro resolveu substituir “o velho pardieiro das Ameias, uma das maiores vergonhas de Coimbra”²⁴². Em si, esta ideia de reformular a estação já provinha desde 1918, altura em que surgiu um primeiro projeto, porém o mesmo só seria retomado três anos mais tarde²⁴³. No lugar da antiga estação pretendia-se construir um novo edifício mais moderno, espaçoso e confortável²⁴⁴. A edificação do mesmo ficou a cargo de Cottinelli Telmo e Luís Cunha, dois arquitetos já conhecidos pela sua atividade nos Comboios de Portugal (C.P.)²⁴⁵. Apenas inaugurada em 1931²⁴⁶, permaneceu até à atualidade como Estação Nova, ou Coimbra A.

Há que ter em conta que este e outros empreendimentos realizados no século XX, foram fruto dos incentivos de várias entidades públicas e privadas. As mesmas foram importantes veículos impulsionadores das mudanças, tendo uma porção de responsabilidade bastante significativa na evolução da cidade, quer a nível urbanístico, quer a nível cultural.

²³⁷ CALMEIRO, Margarida Relvão: *A Paisagem Urbana Oitocentista: embelezamento e política urbana na renovação da Imagem de Coimbra*, p. 82.

²³⁸ Primeiro transporte público urbano de tração animal, constituído por uma carruagem que deslizava em carris.

²³⁹ LOUREIRO, José Pinto (org.): *Anais do Município de Coimbra 1904-1919*, p. VII.

²⁴⁰ LOUREIRO, José Pinto (org.): *Anais do Município de Coimbra 1904-1919*, p. VIII.

²⁴¹ PINA, Paulo: *Cronologia do Turismo Português 1900-1929*, p. 36.

²⁴² ARROBAS, João Ribeiro: em vias de realização. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1412. Ano XII. 15 fevereiro. 1923, p. 1

²⁴³ MARTINS, João Paulo do Rosário: *Cottinelli Telmo 1897-1948: a obra do arquiteto*. Vol. I. Dissertação de mestrado em História da Arte Contemporânea. Faculdade de ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. 1995, p. 112-113.

²⁴⁴ ARROBAS, João Ribeiro: Em vias de realização. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1412. Ano XII. 15 fevereiro. 1923, p. 1.

²⁴⁵ MARTINS, João Paulo do Rosário: *Cottinelli Telmo 1897-1948: a obra do arquiteto*. vol. I. 1995, P. 111.

²⁴⁶ SILVA, Armando Carneiro (org.): *Anais do Município de Coimbra 1920-1939*. Coimbra. Edição Biblioteca Municipal. 1971, p. 7-8.

2.1. A Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra

Fundada a 30 junho de 1909 a Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra (SDPC) (Fig. 6), surgiu pela pretensão de várias entidades em criar na cidade, uma sociedade de caráter privado que se igualasse à sociedade fundada em Lisboa²⁴⁷. Para tal, a SDPC tinha os mesmos desígnios da SPP de promover e preservar os interesses da cidade e incentivar as entidades públicas para que fossem realizados empreendimentos locais e que deles dependessem²⁴⁸.

Os principais objetivos da SDPC eram, entre outros, vigiar e preservar a cidade contra tudo o que pudesse prejudicá-la, acompanhar os estabelecimentos científicos e responder às reclamações produzidas com o intuito de os melhorar, estudar a criação de novos bairros com vista à expansão da cidade, melhorar as condições de salubridade e higiene da cidade, prestar judiciosos cuidados de conservação e restauro dos monumentos e fazer propaganda à cidade, para que a mesma fosse visitada por estrangeiros e nacionais²⁴⁹.

A primeira assembleia da SDPC concretizou-se no grande salão da Câmara Municipal a 9 de junho de 1909 e teve como finalidade aprovar os estatutos da sociedade e eleger os corpos gerentes. As várias entidades eleitas ficaram sob presidência do conselheiro Manuel Costa Alemão, professor da Faculdade de Medicina²⁵⁰.

Para tornar a sociedade acessível a qualquer classe social e, alcançar os fundos necessários à sua ação, foi estabelecida uma quota mensal de 100 réis, pela qual não seria cobrado qualquer valor no ato da inscrição, incentivando à inscrição de sócios, sem grande encargo pecuniário²⁵¹. Desta forma, conseguiam participar na SDPC quaisquer indivíduos independentemente da condição social, partido político ou religião. Tais fatores não podiam intervir na sociedade, visto que a mesma se pretendia imparcial nas manifestações políticas e

²⁴⁷ FERREIRA, Joaquim (dir.): Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. *Notícias de Coimbra*. Nº 181. Ano II. Coimbra. 9 junho.1909, p. 1.

²⁴⁸ FERREIRA, Joaquim (dir.): Comissão de Propaganda. *Notícias de Coimbra*. Nº 5. Ano I. Coimbra. 25 setembro.1907, p. 1.

²⁴⁹ FERREIRA, Joaquim (dir.): Propaganda e Defesa de Coimbra. *Notícias de Coimbra*. Nº 158. Ano II. Coimbra. 17 março.1909, p. 1.

²⁵⁰ FERREIRA, Joaquim (dir.): Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. *Notícias de Coimbra*. Nº 181. Ano II. Coimbra. 9 junho.1909, p. 1.

²⁵¹ FERREIRA, Joaquim (dir.): Propaganda e Defesa de Coimbra. *Notícias de Coimbra*. Nº 158. Ano II. Coimbra. 17 março.1909. p. 1.

religiosas²⁵². Estes requisitos fomentaram o crescimento da sociedade, sendo que em 1915 contava já com mais de mil associados, não só residentes em Portugal, mas também no Brasil²⁵³.

Com sede edificada inicialmente no Largo Príncipe D. Carlos, a SDPC funcionou como primeiro posto de turismo em Coimbra, oferecendo aos turistas todas as informações necessárias à prática turística na cidade, distribuindo mapas, guias, horários dos transportes e hotéis. Na sua sede existia ainda um gabinete de leitura com os principais jornais do país e revistas estrangeiras²⁵⁴. Mais tarde a sua sede foi mudada para outro edifício perto da Câmara Municipal, onde atualmente funciona a Caixa Geral de Depósitos (Fig.7).

Semelhante à SPP, mas de forma regional, a SDPC pretendia fundar delegações noutros locais, para além da zona onde se localizava a sua sede. Para isso, organizou núcleos dentro da região de Coimbra, em localidades como Mortágua, Ançã, Lousã e Góis, algo que permitiu a integração de todos os concelhos da região na ação da sociedade²⁵⁵.

Além da criação destes núcleos dentro da região, a sua atividade compreendeu algumas cidades que se localizavam fora do distrito²⁵⁶, como por exemplo Aveiro e Viseu. Tais dinâmicas foram um elemento fulcral na homogeneidade das políticas turísticas desta região, pelo estabelecimento de ligações entre estas cidades²⁵⁷.

Após alguns anos de atividade, a SDPC afirmou-se como a primeira delegação da SPP²⁵⁸, reforçando o elo de ligação em 1916²⁵⁹. Esta união estabelecia que os deveres da SPP seriam difundir pelo país e pelo estrangeiro os interesses históricos e artísticos de Coimbra, por meio de conferências, artigos de jornais, álbuns, cartazes e postais²⁶⁰. Posto isto, a SPP realizou e

²⁵² FERREIRA, Joaquim (dir.): Propaganda e Defesa de Coimbra. *Notícias de Coimbra*. Nº 158. Ano II. Coimbra. 17 março.1909, p. 1.

²⁵³ ARROBAS, João Ribeiro: Pro Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 360. Ano IV. 2 janeiro. 1915, p. 1

²⁵⁴ ARROBAS, João Ribeiro: Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 466. Ano V. 12 janeiro. 1916, p. 1

²⁵⁵ CORTÊS, Diogo Barata (dir.): A nossa acção. *Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*. Coimbra. Nº3. Ano I. 15 fevereiro. 1917, p. 23.

²⁵⁶ ARROBAS, João Ribeiro: Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1089. Ano X. 4 dezembro. 1920, p. 1

²⁵⁷ FERREIRA, Joaquim (dir.): Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. *Notícias de Coimbra*. Nº 181. Ano II. Coimbra. 9 junho.1909, p. 1.

²⁵⁸ JESUS, Pedro Manuel Cerdeira de: *A Sociedade Propaganda de Portugal: Turismo e Modernidade (1906-1911)*, p. 55.

²⁵⁹ CORTÊS, Diogo Barata (dir.): Extracto das actas das sessões da Direcção. *Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*. Coimbra. nº1. Ano I. 15 maio. 1916, p. 20.

²⁶⁰ ARROBAS, João Ribeiro: Pro Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 373. Ano IV. 20 fevereiro. 1915, p. 1

editou folhetos que faziam propaganda a Coimbra e financiou a execução de gravuras relativas à cidade, desenhadas por Roque Gameiro, para serem divulgadas²⁶¹.

De modo geral, a sociedade colaborou ativamente, implementando medidas que protagonizassem o avanço da cidade. Nos seus primeiros anos de atividade, trabalhou na questão das recorrentes cheias através da intercessão junto das entidades governamentais, solicitando a realização de projetos urgentes que detivessem as futuras inundações do Mondego²⁶². Fruto de vários requerimentos, em 1915 foi nomeada uma comissão de engenheiros em Lisboa, que procedeu às obras de alteamento da estrada marginal e da parte baixa da cidade²⁶³.

No que diz respeito ao asseio da cidade, a SDPC cooperou na realização de regulamentos e posturas municipais, respeitantes à limpeza das ruas e das fachadas dos edifícios²⁶⁴.

A necessidade de divulgar a cidade de forma a atrair turistas nacionais e estrangeiros, era fundamental, quer a nível económico quer a nível social. Desta forma, a SDPC propôs-se a editar uma revista mensal que se comprometia a realizar propaganda das qualidades da paisagem coimbrã, do valor dos seus monumentos e museus, a evidenciar o encanto dos passeios pelos arrabaldes da cidade e a divulgar a cidade como estação de repouso dada a amenidade do clima²⁶⁵.

A primeira revista editada pela sociedade em 1910 intitulava-se *Coimbra Pittoresca*, e, tal como está explícito no seu primeiro número, destinava-se “exclusivamente a (...) viajantes, forasteiros e aqueles que em Coimbra” residissem, contendo “ilustrações e artigos com segurança e imparcialidade acêrca do que é a moderna cidade de Coimbra, despida das lendas medievais que a teem envolvido”²⁶⁶. Ou seja, o seu principal objetivo era afastar a imagem de uma cidade tradicionalista constituída pelas suas lendas românticas, e passar a ideia de uma cidade atual composta por novos bairros e infraestruturas modernas²⁶⁷. Esta revista continuou a ser editada até ao seu sexto número em setembro de 1911. Após uma interrupção de cinco anos, começou a ser editada em maio de 1916 uma nova revista que se declarava como

²⁶¹ ARROBAS, João Ribeiro: Pro Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 373. Ano IV. 20 fevereiro. 1915, p. 1

²⁶² ARROBAS, João Ribeiro: Sociedade de Defesa. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 363. Ano IV. 13 janeiro. 1915, p. 1

²⁶³ ARROBAS, João Ribeiro: Pro Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 373. Ano IV. 20 fevereiro. 1915, p. 1

²⁶⁴ LOUREIRO, José Pinto (org.): *Anais do Município de Coimbra 1904-1919*, p. 105.

²⁶⁵ FERREIRA, Joaquim (dir.): Propaganda e Defesa de Coimbra. *Notícias de Coimbra*. Coimbra. Nº 158. Ano II. 17 março. 1909, p. 1.

²⁶⁶ OLIVEIRA, Carlos de (dir.): Coimbra Pittoresca. *Coimbra Pittoresca*. Coimbra. Nº1. Ano 1º. março. 1910, p. 1.

²⁶⁷ OLIVEIRA, Carlos de (dir.): Coimbra Pittoresca. *Coimbra Pittoresca*. Coimbra. Nº1. Ano 1º. março. 1910, p. 1.

sucessora da *Coimbra Pittoresca*, denominada *Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*²⁶⁸. Com este novo título, surgiram também outros objetivos visto que contrariamente à revista posterior, o *Boletim* preocupava-se sobretudo em traçar a história dos monumentos, dos costumes e das tradições²⁶⁹. Em cada edição da revista eram publicados diversos assuntos, sendo que em comum apenas tinham alguns tópicos referentes à atividade da SDPC, como o Balanço das receitas e despesas, as ações da sociedade e a inscrição dos novos sócios. Apenas com um ano, a revista não teve consistência financeira e editorial para se manter em funcionamento, acabando por lançar apenas três números.

No que diz respeito à edição de guias relativos à cidade, já era conhecido um guia referente a Coimbra, o *Roteiro Ilustrado do Viajante em Coimbra*, escrito em 1894 por António Augusto Gonçalves²⁷⁰. Em 1916, a SDPC publicou um guia intitulado *Guia de Coimbra*, escrito por Eugénio de Castro. O mesmo começa por apresentar um mapa desdobrável, onde são assinalados os principais edifícios e nomes das ruas (Fig. 5). Nas páginas seguintes são realizadas sérias críticas às perdas históricas-artísticas que a cidade sofreu²⁷¹. Depois de fazer uma breve resenha histórica do brasão da cidade, aborda os principais monumentos da urbe, como Igreja de Santa Cruz, ou a Universidade²⁷².

Em comparação com o roteiro de António Augusto Gonçalves, este guia apresenta-se de forma incompleta, não indicando ao leitor os hotéis, restaurantes e transportes, ou seja, assuntos que se tornam indispensáveis quando falamos de um guia ou roteiro.

Relativamente ao excursionismo, dado que já era uma atividade em voga nos inícios do século XX, a SDPC estabeleceu várias relações com entidades nacionais e estrangeiras, organizando excursões cujo plano de viagem incluía a visita à cidade. Por conseguinte, foram realizadas várias excursões, inclusive em colaboração com a SPP. A título de exemplo, em

²⁶⁸ CORTÊS, Diogo Barata (dir.): Apresentação. *Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*. Coimbra. Nº1. Ano 1. 15 maio 1916, p. 1.

²⁶⁹ CORTÊS, Diogo Barata (dir.): Apresentação. *Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*. Coimbra. Nº1. Ano 1. 15 maio 1916, p. 1.

²⁷⁰ D., L. R.: *Roteiro Ilustrado do Viajante em Coimbra*. Coimbra: Typ. Auxiliar d'Escriptorio. 1894.

²⁷¹ Como é o caso da igreja românica de S. Cristóvão que viria a dar lugar em 1857 a um teatro, ou do desaparecimento da absida da igreja de S. Tiago para o alargamento da Rua do Coruche (atual Visconde da Luz). (Cfr. CASTRO, Eugénio de: *Guia de Coimbra*. Coimbra: Ed. F. França Amado. Pub. Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. 1916, p. 7-8)

²⁷² CASTRO, Eugénio de: *Guia de Coimbra*, p. 8.

janeiro 1920 foi realizada uma excursão em cooperação com a agência Lubia de Paris, com destino a Lisboa, Tomar, Coimbra, Bussaco, entre outros locais²⁷³.

Uma vez que o Bussaco já usufruía de um número considerável de visitantes, a SDPC propôs a ligação entre o Bussaco e Coimbra para que esta pudesse beneficiar desse turismo. Assim, em 1920 a SDPC realizou uma proposta de um projeto intitulado *Triângulo de Turismo*, que consistia em realizar passeios entre o Bussaco, Coimbra e Penacova. Posto que este seria, como a imprensa descreveu, o “passeio mais bello, doce e colorido”²⁷⁴.

No geral a cidade dispunha de uma vasta riqueza turística, um dos motivos pelos quais, na transição do século, se verificou um crescimento considerável da população flutuante, de tal modo que Coimbra era considerada como a terceira cidade de Portugal a ser visitada. Como declara um turista inglês: “Why ought I to visit Coimbra during my trip to Portugal? Because it is the third city in Portugal where one way see many features of the national life which pass unnoticed in the larger centers of the North and South.”²⁷⁵. Neste sentido, a ação da SDPC foi fundamental, não só na conservação da cidade como também na sua propaganda, ao publicar revistas, panfletos e o livro. A sociedade era igualmente responsável pela organização da maioria das exposições, concursos, e diversões, que constituíam à época, grandes motivos de atração²⁷⁶.

Sendo as unidades hoteleiras infraestruturas essenciais para a propaganda e futura visita da cidade, a SDPC também teve uma cota parte bastante importante, propondo a criação de novos hotéis e a modernização os que já existiam na cidade, inclusive publicitando os melhores hotéis e incentivando a sua participação no concurso estabelecido pela SPP.

2.2. A Hotelaria Coimbrã

²⁷³ ARROBAS, João Ribeiro: Catolicismo e Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Nº 962. Ano IX. Coimbra. 24 janeiro. 1920, p. 1

²⁷⁴ ARROBAS, João Ribeiro: Em foco: O triangulo de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. nº 1039. Ano X. 5 agosto 1920, p. 1

²⁷⁵ CORTÉS, Diogo Barata (dir.): Turistas Ingleses. *Boletim de defesa e propaganda de Coimbra e a sua região*. Ano I. nº 2. Tipografia Literária. 15 de agosto. Coimbra. 1916, p. 10.

²⁷⁶ As várias exposições tinham sempre como objetivo a propaganda de Coimbra. A primeira foi realizada a 12 de janeiro de 1916, tendo por título “Ampliações de Coimbra”. A mesma foi realizada nos Armazéns do Chiado, e foi encomendada pela SDPC. (CF. ARROBAS, João Ribeiro: Grande exposição de fotografias. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 466. Ano V. 12 janeiro. 1916, p. 1.)

Segundo o autor Sérgio Palma Brito, em Coimbra as primeiras hospedarias e hotéis emergiram após a inauguração do serviço de mala-posta em 1855²⁷⁷. Não obstante, contrariamente ao que o autor defende, já existiam algumas hospedarias anteriores à data, como a Hospedaria Paço do Conde datada do século XVII²⁷⁸, ou da Hospedaria do Lopes, fundada em 1848²⁷⁹.

Conterrâneas e com um surgimento anterior ao século XX, em 1865, o *Roteiro do Viajante no Continente e nos Caminhos de Ferro* faz menção à existência de quatro unidades hoteleiras em Coimbra: a Hospedaria do Lopes, o Hotel Mondego, a Hospedaria Paço do Conde, e o Hotel dos Caminhos de ferro²⁸⁰. Ressalve-se que estas quatro hospedarias, com exceção da do Lopes que acabou por desaparecer em função da agregação ao Hotel Mondego, permaneceram em funcionamento durante a viragem do século, resistindo às alterações de paradigmas e às novas necessidades de hospedagem.

A Hospedaria do Lopes era localizada à entrada da ponte²⁸¹, no largo da Portagem, tendo uma frente para a rua Sargento-mor. Durante o início do século XIX, era uma das mais visitadas oferecendo aos seus hóspedes, além de todas as comodidades, uma sala de bilhar e de jogo. Em 1866 o hotel mudou de instalações para o Largo das Ameias, aproveitando os problemas financeiros do Hotel Mondego. Em fase de adaptação ao novo edifício, durante um ano, o hotel conheceu variadas denominações, das quais Hotel Central do Mondego ou Hospedaria do Francisco Lopes²⁸².

Em 1888, com o prolongamento do ramal dos Caminhos de Ferro e a edificação do apeadeiro no topo da Avenida Emídio Navarro, começaram a ser construídos e fundados novos complexos hoteleiros próximos da estação, nomeadamente ao longo da Avenida Navarro. Neste seguimento surgiram nomes como o Palace Hotel, o Hotel Bragança e o Hotel Avenida²⁸³.

²⁷⁷ BRITO, Sérgio Palma: *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, p. 422.

²⁷⁸ CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): A estalagem do Paço do Conde. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 2590. Ano XXV. 21 maio 1872, p. 3.

²⁷⁹ CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): O Hotel Central do Mondego ou O Lopes. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 1276. Ano XIII. 21 abril 1866, p. 4.

²⁸⁰ PERES ABREU, João António: *Roteiro do Viajante no continente e nos Caminhos de Ferro em Portugal em 1865*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 1865.

²⁸¹ CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): O Hotel Central do Mondego ou O Lopes. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 1276. Ano XIII. 21 abril 1866, p. 4.

²⁸² CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hospedaria. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 1276. Ano XIII. 21 abril 1866, p. 3.

²⁸³ CALMEIRO, Margarida Relvão: *A Paisagem Urbana Oitocentista: embelezamento e política urbana na renovação da Imagem de Coimbra*, p. 86.

Parte destes hotéis, como o Hotel Avenida e o Hotel Bragança, continuam atualmente abertos ao público. Revelam, à exceção do Hotel Avenida, visíveis alterações estéticas e funcionais, quer a nível externo quer interno. Devido à ausência dos projetos e plantas, todo o esforço interpretativo do que poderia ser a estrutura primitiva destes edifícios passa pelo levantamento de hipóteses interpretativas formuladas com base nos elementos fotográficos, descrições jornalísticas e fontes de divulgação. Há que ter em conta que apenas o Hotel Mondego possui plantas realizadas aquando as alterações efetuadas, tornando complexa a tarefa de estudar estas infraestruturas.

Note-se que relativamente à arquitetura hoteleira não existem tipologias definidas, em parte por ser um campo ainda pouco estudado pela história da arte. O desconhecimento dos primeiros complexos hoteleiros em território nacional e mais especificamente em Coimbra, torna complexa a tarefa de estudar e comparar estas infraestruturas, ainda que, através da análise arquitetónica seja possível encontrar padrões.

a) Hotel Comércio

Situado na Praça do Comércio número 53²⁸⁴(Fig.8), atual número 51, o Hotel Comércio era um dos mais antigos e conceituados hotéis de Coimbra, primando pela comodidade e asseio²⁸⁵. O mesmo era sucessor da Hospedaria Paço do Conde, cujas origens remontam a 1622, a qual é atribuída a sua fundação ao conde de Cantanhede, D. Pedro de Menezes, que decidiu construir uma estalagem “para agasalhar os passageiros e quaminhantes e almocreves com muitos guazalhos e camaras fechadas para fidalgos”²⁸⁶ no contexto religioso. Esta hospedaria tornou-se numa das mais antigas do território português, sendo localizada inicialmente na antiga Rua das Solas, número 34, 36 e 36 A²⁸⁷.

Permanecendo em atividade durante finais do século XIX e inícios do século XX, a hospedaria mudou de instalações para a Praça do Comércio, em 1899, passando a intitular-se

²⁸⁴ D., L. R.: *Roteiro Ilustrado do Viajante em Coimbra*, p. 17

²⁸⁵ FRIAS, M. F. João (dir.): *Hotel Comercio. Resistência: órgão do partido republicano de Coimbra*. Coimbra. Nº 1. Ano I. 21 fevereiro 1895, p. 4.

²⁸⁶ CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): A estalagem do Paço do Conde. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 2590. Ano XXV. 21 maio 1872, p. 3.

²⁸⁷ CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Nova estalagem do Paço do Conde. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 5.274. Ano 51. 31 maio 1898, p. 4.

Hotel do Comércio²⁸⁸, e perdeu o vínculo religioso, assumindo a natureza de um negócio familiar.

Arquitetonicamente, o edifício apresentava uma linguagem robusta, pautando-se por uma planta quadrangular. Era organizado por sete pisos sendo o primeiro uma cave e o último um sótão. No nível superior, este espaço possuía duas coberturas, separadas pelo último piso, que se assemelhava a um lanternim iluminado por quatro janelas de peito.

Voltada para a Praça do Comércio, a fachada principal apresentava num primeiro registo quatro portas. Numa leitura de Oeste para Este, as três primeiras correspondiam a dois estabelecimentos independentes, e a última à entrada efetiva no Hotel. Estas eram precedidas superiormente por quatro janelas de peito que faziam parte integrante dos estabelecimentos independentes.

Uma vez que a galeria do rés-do-chão se destinava a estabelecimentos comerciais²⁸⁹, a estrutura hoteleira ocupava apenas os andares superiores. Neste sentido, o corpo do hotel era constituído num primeiro registo por quatro janelas interligadas por uma sacada assente em mísulas com guarda em ferro forjado. A encimar este andar existia um letreiro com o nome do hotel. Nos restantes pisos rasgavam-se doze vãos, quatro em cada registo, compostos por janelas em guilhotina, que conferiam simetria ao edifício.

Esteticamente, a fachada apenas implicava alguma decoração nos gradeamentos da varanda e nos enquadramentos dos vãos, que salientavam as janelas e portas com molduras retilíneas policromadas em branco. Esta simplicidade exterior repete-se na fachada lateral esquerda, sendo simétrica à fachada principal.

Ao longo dos anos, o edifício passou por diversas alterações internas sendo adaptado a novas funcionalidades, chegando à atualidade enquanto restaurante *BeTower* (Fig.9). Tais transformações dificultam o estudo da estrutura interior que o edifício possuiria no século XX. No entanto, dado que o exterior se manteve inalterado até hoje, pode colocar-se a hipótese de as mesmas não terem sido de grande vulto.

Atualmente organizado em torno de um *hall* de entrada oval, o edifício à época deveria possuir uma divisão vinculada entre cada andar, estabelecendo um distanciamento entre os estabelecimentos comerciais do rés-do-chão e a unidade hoteleira. Neste sentido coloco a

²⁸⁸ FRIAS, M. F. João (dir.): Hotel Comercio. *Resistência: órgão do partido republicano de Coimbra*. Coimbra. Nº 1. Ano I. 21 fevereiro 1895, p. 4.

²⁸⁹ FRIAS, M. F. João (dir.): Arrendamento. *Resistência: órgão do partido Republicano de Coimbra*. Coimbra. Nº 541. Ano VI. 3 maio 1900, p. 4.

hipótese de que o *hall* foi uma construção decorrente de intervenções recentes, dado que o mesmo parece ter sido edificado em função da entrada atual, que se opõe espacialmente em relação à anterior.

Visto que o segundo andar do edifício possui uma sacada que ocupa toda a galeria referente ao primeiro registo do hotel, este espaço seria de usufruto conjunto, podendo-se colocar várias hipóteses referentes à funcionalidade, tais como uma sala de jantar ou sala de visitas, sendo que estes compartimentos eram comuns num primeiro andar das estruturas hoteleiras.

Os andares superiores deviam ser destinados aos quartos dos hóspedes, possuindo por cada andar apenas uma casa de banho apetrechada por um óculo visível na fachada esquerda. O edifício é rematado por um pátio quadrangular ladeado pelo último andar que é atualmente usado como sótão. Esta disposição poderá ser fruto de transformações recentes, no entanto não será descabido afirmar que à altura o hotel possuía já um pátio superior.

b) Hotel Mondego

Atualmente um edifício bastante modificado, o Hotel Mondego (Fig. 10), fundado em inícios do século XIX no Largo das Ameias, pertencia a dois sócios, Domingos Maria Pereira²⁹⁰ e José Maria de Oliveira²⁹¹. Note-se que, decretando com frequência falência, esta unidade hoteleira enfrentou vários momentos, ainda que breves, de encerramento, conheceu diversos proprietários e adquiriu díspares denominações ao longo dos anos, entre elas Hospedaria do Lopes²⁹² e Hotel Continental em 1900²⁹³.

O estabelecimento era um dos mais procurados pelas comodidades deixando os hóspedes “maravilhados pelo aceio e elegância que reinava por toda a parte”, quer pela decoração quer pelo serviço. Tais características tornavam o hotel único e incomparável a

²⁹⁰ CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel Mondego. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 790. Ano VIII. 20 agosto 1861, p. 2.

²⁹¹ CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel dos Caminhos de Ferro. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 907. Ano IX. 4 outubro 1862, p. 4.

²⁹² CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel Mondego. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 2645. Ano XXVI. 30 novembro 1872, p. 4.

²⁹³ CARVALHO, Francisco Martins (dir.): Novo Hotel. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº5.605. ano 54. 10 agosto 1901, p. 4.

qualquer hospedaria da cidade, sendo apenas igualado aos hotéis de Lisboa, dando-se a título de exemplo o Hotel Bragança²⁹⁴.

Um dos testemunhos é deixado pela Lady Jackson, no início do século XIX, que sobre ele sublinha tratar-se de “o mais delicado e aseado que eu ainda encontrara: lustrosa prata, louça da Índia, e alvíssimos guardanapos, ótima comida, criados atenciosos”, embora na sua ótica a arquitetura exterior não pudesse equiparar-se aos hotéis da capital²⁹⁵.

Além das constantes campanhas de melhoramentos²⁹⁶, em 1862, o hotel foi um dos primeiros de Coimbra a usufruir de “três ricos trens para uso dos passageiros”²⁹⁷ e em 1863 foi um dos primeiros estabelecimentos a nível nacional a possuir “modernos aparelhos eléctricos, para facilmente qualquer hospede chamar os criados e comunicar-se do seu quarto com todos os pontos do edifício”²⁹⁸. A partir de 1888, o hotel passou a usufruir da sua localização privilegiada nas proximidades da Estação dos Caminhos de Ferro²⁹⁹.

No que se refere à sua estrutura, o edifício era composto por três pisos, um rés-do-chão e dois andares, albergando aproximadamente dezoito quartos. Ao nível exterior, pese embora possuindo uma fachada simétrica, ritmada pelas três fileiras de vãos, que lhe atribuía um carácter austero, este edifício viu-se dotado de pontuais elementos decorativos que se diferenciavam entre pisos e quebravam a sua tendência linear e simplicidade.

Relativamente à fachada do hotel, Lady Jackson descreve-a como “decrépita”, sendo que a mesma mal se distinguia do casario³⁰⁰. De facto, o seu listel, as molduras em relevo de diferentes tipologias que enquadravam as janelas e as portas aliadas à progressiva simplicidade dos motivos ornamentais conforme a ascensão dos pisos, conferiam ao imóvel um sentido mais clássico e completavam de forma harmoniosa a tendência depurada da sua arquitetura sem criar pretensões entre os elementos.

²⁹⁴ FONSECA, A. De O. Cardoso: *Outros Tempos ou velharias de Coimbra: 1850 a 1880*. Lisboa. Ed. Livraria Tabuense. 1911, p. 117.

²⁹⁵ REAL, José Alberto: *Viagem dos imperadores do Brasil a Portugal*. Coimbra. Imprensa da Universidade. 1872, p. 391.

²⁹⁶ Nomeadamente em março de 1860, agosto de 1861 e outubro de 1862.

²⁹⁷ CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel Mondego. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 907. Ano IX. 4 outubro 1862, p. 2.

²⁹⁸ CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel Mondego. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 949. Ano X. 3 março 1863, p. 3.

²⁹⁹ D., L. R.: *Roteiro Ilustrado do Viajante em Coimbra*, p. 17

³⁰⁰ REAL, José Alberto: *Viagem dos imperadores do Brasil a Portugal*. Coimbra. Imprensa da Universidade. 1872, p. 391.

O primeiro registo era composto por sete vãos, quatro portas e três janelas. Estas, dada a acentuada inclinação do terreno, foram adaptadas, diminuindo as suas dimensões na direção da Avenida Emídio Navarro (Oeste). Eram enquadradas por uma moldura delineada por uma verga em arco abatido pontuada superiormente por duas orelhas.

Num segundo registo preenchido por nove janelas, três delas apetrechadas por uma varanda, as molduras perdiam os remates superiores, mantendo a moldura em arco abatido. Com uma configuração bastante semelhante ao primeiro andar, as nove entradas do último registo eram enquadradas por molduras retangulares. Patenteando uma linguagem plástica linear, em todas, sobressaía a chave no centro das molduras. As seis varandas, individuais e simétricas, eram vedadas com ferro forjado de feições lineares.

Em 1936, o proprietário pretendeu remodelar o edifício a nível estético e funcional. Nesse sentido, e sob o traçado do arquiteto Agostinho da Fonseca, foi realizado o levantamento da planta do hotel e as transformações a serem realizadas, quer a nível externo quer interno. Com base neste projeto é possível estudar a estrutura interior do edifício à época.

A planta de traçado retangular do segundo piso diferia dos restantes andares que eram constituídos por uma planta poligonal irregular subdividida em dois retângulos, um alinhado com o Largo das Ameias e outro, perpendicular, que atualmente corresponde às infraestruturas do Restaurante e Hotel Victória na Rua da Sota número 9.

O rés-do-chão (Fig. 13) totalmente reservado às dependências funcionais do hotel, possuía a cozinha, a sala de jantar dos funcionários, a sala de arrecadação das malas, uma sala de arrumos e uma casa da lenha. Neste piso existiam ainda dois estabelecimentos independentes, uma mercearia — onde atualmente se encontra o Restaurante Vitória —, e na esquina do edifício uma taberna com frente para o Largo das Ameias e para a Rua da Sota³⁰¹, que mais tarde deu origem ao Café Angola. Contíguo a este estabelecimento existia a porta de entrada no hotel que imediatamente conduzia os hóspedes, através de uma escadaria, ao piso superior, com um restaurante de pequenas dimensões e um bar.

O primeiro andar (Fig. 14) era constituído por um estreito *hall* que dava acesso a uma sala de visitas apetrechada por duas varandas e duas janelas. Do lado oposto, existia uma ampla sala de jantar igualmente constituída por uma varanda acompanhada por duas janelas

³⁰¹ FRIAS, M. F. João (dir.): *Trespasse. Resistência: órgão do partido Republicano de Coimbra*. Coimbra. Nº 38. Ano I. 30 junho 1895, p. 4.

abertas para o Largo das Ameias, e ainda três janelas para um pátio posterior ao edifício. Estes compartimentos eram divididos por dois quartos de hóspedes sendo que um possuía uma varanda e o outro uma janela. Além destes quartos, o espaço referente ao atual Hotel Victória também era preenchido por cinco quartos, tal como o segundo andar (Fig. 12) que, na sua totalidade, era destinado aos cômodos dos hóspedes, possuindo onze quartos e apenas um quarto de banho.

c) Hotel Dos Caminhos de Ferro

Fundado em 1862, este hotel pertencia a José Maria de Oliveira³⁰². Inicialmente edificado no Adro de Santa Justa número 4³⁰³, o Hotel dos Caminhos de Ferro passou por vários edifícios, entre eles, o número 88 na Rua da Sofia³⁰⁴ e o número 119, na Rua da Calçada³⁰⁵. Em 1900 viria a estabelecer-se de forma definitiva na Praça 8 de Maio número 27, sendo o proprietário deste. José Gomes Ribeiro.

Ressalve-se que, na atualidade, devido a alterações estruturais significantes nos arruamentos e numeração dos seus lotes, e, dado que não subsiste nenhum registo fotográfico do edifício enquanto hotel, a sua localização constitui uma hipótese, levantada com base nas descrições jornalísticas e vestígios locais.

Segundo a imprensa da época, relativamente à edificação do hotel, este ficava “em frente ao histórico templo de Santa Cruz”³⁰⁶, limitando as hipóteses aos três edifícios que hoje se localizam em frente à Igreja de Santa Cruz. Neste sentido, é plausível supor que o Hotel dos Caminhos de Ferro, se tenha localizado no edifício central, que corresponde, na contemporaneidade, à Pensão Santa Cruz.

Num olhar mais atento sobre a numeração das portas é possível verificar que grande parte dos números foram todos retirados à exceção do primeiro edifício (Sul) que, tendo os mesmos

³⁰² CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel dos Caminhos de Ferro. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 907. Ano IX. 4 outubro 1862, p. 2.

³⁰³ CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel dos Caminhos de Ferro. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 907. Ano IX. 4 outubro 1862, p. 4.

³⁰⁴ CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel dos Caminhos de Ferro. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº2496. Ano XXIV. 27 junho 1871, p. 4.

³⁰⁵ CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel dos Caminhos de Ferro. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 2914. Ano XXX. 19 junho 1875, p. 4.

³⁰⁶ CARVALHO, Francisco Martins (dir.): Hotel dos Caminhos de Ferro. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº5.454. ano 53. 10 fevereiro 1900, p. 4.

integrados nas portas de ferro forjado, permitiu que subsistissem. Tais vestígios dão a entender que a numeração dos três edifícios seria contínua, iniciando com o número 16, e terminando com o 27 no último edifício (Norte).

Patenteando hoje os números 24 e 25 sobre as primeiras duas entradas, o imóvel é ainda composto por uma terceira entrada na qual parece haver vestígios daquela que seria possivelmente a entrada para o hotel.

Construído expressamente para albergar o hotel³⁰⁷ (Fig. 15), este preservou, até à atualidade, toda a sua composição exterior, sofrendo, porém, várias alterações na estrutura interior, tendo diversas funções no decorrer dos tempos. Estruturado por seis pisos, o primeiro referente à cave e o último a um sótão, o edifício destaca-se na malha urbana pela verticalidade da fachada principal.

Na ausência de qualquer programa escultórico, as fachadas são na sua totalidade revestidas com azulejos amarelos em motivos florais, aproximando-se da linguagem plástica dos edifícios, que o acompanham lateralmente, também eles cobertos de azulejos.

A fachada principal pauta-se pelos quatro andares, que marcam cada registo através de três aberturas. No rés-do-chão, as três entradas são enquadradas por molduras em pedra de Ançã, em forma de arco de volta perfeita. Estas parecem assemelhar-se, nas zonas laterais, a duas pilastras sendo que são rematadas ao nível da bandeira da porta por dois capitéis jónicos. A entrada central destaca-se das demais pela moldura esculpida com formas geométricas que lhe atribuem algum movimento e harmonia. Tal diferenciação poderia assinalar aquela entrada como a do hotel, visto que atualmente continua a ser o acesso aos pisos superiores.

O segundo registo apresenta três janelas de peito, cujas molduras, tal como os restantes vãos, são em forma de arco abatido, destacando-se sobre o fundo colorido pela cor branca da pedra de Ançã. A encimar este andar, o terceiro registo destaca-se pela presença de uma sacada com guarda em ferro forjado, ao qual se tem acesso através de três janelas rasgadas. O último registo, também ele composto por três janelas duas de peito e uma de sacada, confere centralidade ao edifício através da sacada com guarda em ferro forjado.

As fachadas laterais (Fig. 16), simétricas, possuem uma composição semelhante à fachada sendo, no entanto, pautadas pela composição em sete. Assim, num primeiro registo abrem-

³⁰⁷ CARVALHO, Francisco Martins (dir.): Hotel dos Caminhos de Ferro. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº5.454. ano 53. 10 fevereiro 1900, p. 4.

se sete entradas, no segundo, sete janelas de peito, no terceiro sete janelas de sacada e no quarto registo sete janelas de peito. Equivalente à fachada principal, o terceiro registo é apetrechado por duas sacadas com guardas de ferro, às quais se acede por quatro janelas à primeira e por três janelas à segunda. As mesmas são enquadradas por molduras em arco abatido, na qual se destaca a chave no centro da moldura, igualando as janelas do Hotel Mondego.

Nos cunhais da fachada principal, dois eixos verticais em pedra de Ançã destacam-se sobre os azulejos que culminam numa composição horizontal assemelhando-se a duas pilastras e uma cornija. A rematar o edifício, uma balaustrada atribui sinuosidade ao conjunto arquitetónico, igualando esteticamente os edifícios laterais. A mesma parece resguardar a mansarda, que se abre para a praça através de duas janelas retangulares e para as ruas laterais duas trapeiras.

Numa leitura geral do edifício, não será descabido compará-lo com a composição arquitetónica do Grande Hotel de Coimbra — edifício que retomarei mais à frente. Isto devido à sua estrutura exterior e interior. A sua fachada distingue-se dos restantes hotéis de Coimbra pela acentuada verticalidade, em oposição às restantes que se pautam por um sentido horizontal. Em contraposto, o corpo do hotel desenvolve-se horizontalmente, dispondo de uma estrutura semelhante ao Grande Hotel em oposição aos outros.

Na atualidade, o rés-do-chão é ocupado por dois estabelecimentos comerciais nas extremidades do edifício, deixando livre a porta central pela qual se acede ao interior. Numa primeira abordagem, é curioso constatar o facto de que a entrada do mesmo dá apenas acesso a uma escadaria à direita que nos conduz aos andares superiores. Porém, numa análise mais atenta e comparativa com as plantas do Grande Hotel de Coimbra, a verdadeira entrada no edifício parece ter sido entaipada com pladur, deixando apenas como forma de acesso a escadaria à sua direita. Neste sentido, poderei avançar a hipótese de que este hotel foi concebido e estruturado na tipologia de Grande Hotel, dadas as suas dimensões e a sua composição.

Pelo interior, na altura, o rés-do-chão poderia possuir já os dois estabelecimentos independentes visto representaria algo incomum nos vários estabelecimentos hoteleiros à época. Contudo, também se pode avançar a hipótese de que estes compartimentos poderiam albergar uma cozinha ou bar. No que concerne ao primeiro andar, visto que as aberturas são janelas de peito, posso colocar a hipótese de existir uma sobreloja — semelhante ao projeto

do Grande Hotel de Coimbra — composta por compartimentos comuns como salas. Os segundo e terceiro andares seriam ocupados com os compartimentos dos hóspedes.

A partir de uma vista aérea é possível observar as trapeiras e uma claraboia em vidro e ferro forjado no centro do edifício, elemento que pode indicar o espaço central do edifício na qual se situava ou um *hall* ou uma sala de jantar.

Após passar por várias intervenções, o hotel chegou à década de 1930, descrito como um dos melhores hotéis de Coimbra, rivalizando apenas “com o melhor que se via lá fora”³⁰⁸. No entanto, acabaria por encerrar em finais do mesmo século, dando lugar a várias adaptações para consultórios e outros estabelecimentos comerciais, alterando grande parte da sua essência.

d) Hotel Central

Fundado em 1866³⁰⁹, o Hotel Central (Fig. 17) foi, inicialmente, implantado na estrutura da antiga Hospedaria do Lopes sob alçada do proprietário Joaquim Pedro Nogueira. Em 1871, o hotel foi transferido para a casa que pertencia à Viscondessa de Maiorca no Largo de Sansão³¹⁰, atual Praça 8 de Maio, número 30³¹¹, local que viria a ocupar durante todo o século XX.

O edifício passou por várias transformações e adaptações ao longo do século permanecendo em contexto familiar e marcando a indústria hoteleira coimbrã. Tais transformações permitiam que este acompanhasse as evoluções hoteleiras através de reformas implementadas ao nível do funcionamento do hotel e ao nível da sua compartimentação interior. Estas permitiram que o complexo se tornasse num dos hotéis recomendados pela SDPC³¹² (Fig. 18).

Na contemporaneidade (Fig. 19), o edifício conserva parte da linguagem exterior, nomeadamente, na fachada principal, conquanto se note que a fachada lateral e a nível

³⁰⁸ GOMES, Manuel Teixeira: Coimbra. Regressos. *Seara Nova*. Nº349. 29 de junho 1933, p. 201.

³⁰⁹ CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hospedaria do Caes Novo. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 1308. Ano XIII. 11 agosto 1866, p. 4.

³¹⁰ CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel Central. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº2477. Ano XXIV, 18 abril. 1871 p. 4.

³¹¹ D., L. R.: *Roteiro Ilustrado do Viajante em Coimbra*, p. 17

³¹² ARROBAS, João Ribeiro (dir.): Hotel Central. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1888. Ano XV. 1 maio 1926, p. 2

interior o edifício sofreu várias transformações. Deste modo, a análise da sua composição só se poderá efetuar através de hipóteses interpretativas com base em descrições.

De planta quadrangular, o edifício é delineado pela verticalidade, acentuada pelo telhado de duas águas. Constituído por quatro registos, o primeiro correspondente à cave e o último aos quartos dos hóspedes, apresenta no exterior uma fachada simétrica e equilibrada, marcada pela composição em três: — três entradas no rés-do-chão e três vãos nos restantes andares. Despida de qualquer figuração ou elemento decorativo, — semelhante ao Hotel Mondego —, denota somente algum investimento estético nas molduras que enquadram as entradas.

No piso térreo as portas são enquadradas por molduras em forma de arco de volta perfeita, nas quais sobressai a chave. A coroar a porta central existia uma luminária com caixilhos envidraçados sustentada por um suporte horizontal em ferro forjado, a qual dava destaque à entrada do hotel.

O primeiro andar é delineado por uma varanda com guarda em ferro forjado ao qual se tem acesso pelas três janelas de sacada. A mesma patenteava a denominação “Hotel Central” num placard. Apresentando uma moldura em arco de volta perfeita talhada em relevo, estas aberturas são esteticamente semelhantes às do primeiro registo e às janelas do terceiro registo. Este último, composto por três janelas rasgadas denota um carácter mais individualista, sendo que cada vão é apetrechado com uma guarda em ferro forjado. A encimar este registo e a separá-lo ao nível estético do último, existe um conjunto de cimalkas em pedra branca.

Delineado por três janelas, uma central rasgada com um parapeito e guarda em ferro, e duas laterais de peito, o último registo parece ter sido transformado dada a existência de duas volutas em cada janela de peito desenquadradas. Assim, será plausível supor que as mesmas, à época, seriam duas janelas de sacada, semelhantes à central, sendo enquadradas na parte da guarda da sacada pelas duas volutas. Ainda que sejam enquadradas de forma semelhante às janelas dos outros registos, as molduras destes três vãos são mais trabalhadas no arco de volta perfeita, algo que poderá refletir a existência de várias campanhas construtivas. Neste sentido, o último registo poderia, à data, ser um sótão e as três aberturas seriam trapeiras, sendo o conjunto de cimalkas o coroamento do edifício.

Superiormente, todo o conjunto arquitetónico é rematado pelo já referido telhado de duas águas que confere à fachada um remate que se assemelha a um frontão triangular,

assentando pelas laterais nas pilastras dos cunhais. No centro da configuração, existe uma chave assente num pequeno *dentil*.

Tal como mencionam as fontes jornalísticas, o hotel usufruía de “uma sala de visitas luxuosa apetrechada por um piano”, uma “expandida sala de jantar e um ótimo serviço de cozinha, onde a higiene e bom gosto admiravam”³¹³. A localização da sacada, no primeiro andar, e pelo facto de a mesma abarcar três janelas rasgadas, pode indicar a presença de um espaço comum, correspondendo hipoteticamente ao espaço destinado à sala de jantar ou à sala de visitas.

Atendendo a que, no tempo presente, o piso térreo se destina à atividade da restauração, e tendo em conta que a maioria dos hotéis possuía a cozinha no rés-do-chão ou na cave, será plausível equacionar a possibilidade de que o mesmo terá reaproveitado o espaço de uma estrutura anterior. Assim, à época, aquele compartimento poderia ser destinado à cozinha ou restaurante do Hotel.

Atualmente o edifício é ocupado pela Fundação Casa Aninhas, pelo restaurante e por uma loja de informática, perdendo grande parte da sua essência enquanto espaço de alojamento e impossibilitando um estudo mais concreto do que seria a sua estrutura no século XX.

e) Hotel Bragança

Localizado nas imediações do Hotel Mondego, o Hotel Bragança também era um dos hotéis mais procurados do século XX quer pela sua localização, quer pelo serviço de cozinha³¹⁴. Fundado, em 1878³¹⁵, na Rua da Sofia, número 15³¹⁶, ocupou vários imóveis até ser instalado, de forma definitiva, em 1897, num edifício projetado especificamente para albergar o hotel pelo proprietário Guilherme Máximo³¹⁷(Fig. 20). Conste-se que, em Coimbra, este foi o

³¹³ ARROBAS, João Ribeiro: Hotel Central. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1740. Ano XIV. 2 maio 1925, p. 2.

³¹⁴ CORTÊS, Diogo Barata (dir.): Anúncios. *Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*. Coimbra. Nº3. Ano I. 15 fevereiro. 1917, p. 32.

³¹⁵ LOUREIRO, José Pinto: Anais do Município de Coimbra 1870-1889. Coimbra: Edição da Biblioteca Municipal 1937, p. 78.

³¹⁶ CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Novo Hotel. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº3204. Ano XXXI, 13 abril 1878 p. 4.

³¹⁷ FRIAS, M. F. João (dir.): Novo Hotel. *Resistência: órgão do partido Republicano de Coimbra*. Coimbra. Nº 277. Ano III. 17 outubro 1897, p. 3.

primeiro hotel projetado de raiz, destacando-se dos demais, quer em ornamentação quer em estrutura, ao demonstrar um maior cuidado estético e arquitetónico.

Inaugurado em 1899³¹⁸, no Largo das Ameias número 10, o hotel manteve a mesma localização desde o século XX até à contemporaneidade, embora na década de 1950 tenha sido integralmente demolido e reconstruído. Estas transformações alteraram toda a sua configuração arquitetónica, pelo que, para analisar a sua estrutura no século XX recorro aos registos fotográficos e descrições.

Constituído por vinte seis quartos³¹⁹, o hotel possuía uma planta retangular e era composto por cinco pisos. Como aconteceu em outros casos acima referenciados, o primeiro piso seria correspondente à cave e o último ao sótão. As fachadas simétricas e de linguagem clássica eram delineadas por três fileiras de janelas que marcavam os três registos que compunham o corpo do imóvel.

Com vincada horizontalidade, o edifício era pontuado, verticalmente, por pilastras que acentuavam as esquinas e por pilastras centrais que dividiam a fachada principal em três corpos, destacando um corpo central rematado, ao nível superior, por uma trapeira. Tais características aproximavam o edifício da estrutura do Hotel Borges em Lisboa ou do Hotel Lisbonnense nas Caldas da Rainha.

Esteticamente, primava pela sobriedade, concentrando os elementos decorativos nas molduras das entradas e no ferro forjado das varandas. A entrada do hotel era realizada, como na atualidade, pela fachada lateral direita, então precedida por um jardim e pátio. Neste sentido, acedia-se ao hotel pela porta central do primeiro registo. Este era composto por três aberturas na fachada lateral e sete na fachada principal, sendo esteticamente semelhantes, e enquadradas por um arco de volta perfeita.

O segundo registo, simétrico ao rés-do-chão, apresentava três janelas rasgadas na fachada lateral direita, três janelas rasgadas no corpo central da fachada principal, e duas de peito nas laterais. Estas janelas de avental possuíam uma bandeira em forma de arco abatido e diferiam na tipologia de remates, sendo que era realizada uma distinção entre as janelas de sacada e as de peito. Neste sentido, as janelas da fachada lateral direita e do corpo central da fachada principal eram rematadas por um frontão de lanços e ladeadas pelas janelas de peito

³¹⁸ FRIAS, M. F. João (dir.): Hotel Bragança. *Resistência: órgão do partido Republicano de Coimbra*. Coimbra. Nº 428. Ano V. 30 março 1899, p. 2.

³¹⁹ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal: I- Beira Litoral*. 1982, p. 176.

que, por sua vez, eram encimadas por um elemento decorativo retilíneo. Este registo estava dotado de duas varandas em ferro forjado que abrangiam as três das janelas da fachada principal e as três janelas de sacada na fachada principal. A coroar este andar existia, em relevo, a designação Hotel Bragança circunscrita num retângulo.

O último andar era composto por três janelas de peito na fachada lateral (S) e sete na fachada principal. Estas eram enquadradas por uma bandeira retangular e encimadas de forma alternada por frontões semicirculares e triangulares que conferiam ritmo à fachada e reforçavam o movimento ascensional.

Superiormente o edifício era flanqueado por um *dentil*, sendo rematado por uma cobertura de quatro águas. A coroar cada aresta do telhado, existiam quatro urnas que prolongavam o eixo das pilastras dos cunhais e acentuavam a verticalidade. A trapeira aberta por uma janela central e enquadrada, a nível superior, por duas volutas, marcava o corpo central da fachada, encimando-o horizontalmente com dois lintéis, por sua vez rematados por duas urnas. Esta gramática arquitetónica conferia ao edifício robustez, monumentalidade e sinuosidade, refletindo o prestígio do hotel.

No que diz respeito à estrutura interior, o segundo andar seria inteiramente destinado aos quartos dos hóspedes. Com base na estrutura interior do Hotel Mondego, poderá supor-se a existência, no primeiro andar, de uma sala de jantar onde se situava a varanda central da fachada principal e uma sala de visitas também apetrechada por uma sacada e pelas três janelas, na fachada direita do edifício. Os restantes espaços do primeiro andar poderiam ser destinados a cómodos, tal como acontecia com o Hotel Mondego.

O piso térreo, albergava possivelmente um restaurante, um bar e uma cozinha. Ao analisar as plantas do edifício atual, nomeadamente das caves, as diferenças de volumes parietais parecem apontar para a subsistência de algumas infraestruturas. Assim, coloco a hipótese de já existir uma cave no edifício anterior, mas de dimensões mais reduzidas comparativamente às atuais, sendo espaços destinados a arrecadações, garrafeiras e despensas. Estes compartimentos de arrumação estavam diretamente ligados à cozinha, o que reservava o acesso exclusivamente aos funcionários.

Note-se que atualmente o edifício é totalmente distinto daquele que existia no século XX, apresentando feições mais modernas, no entanto é questionável se o edifício anterior foi demolido na íntegra. Neste sentido, veja-se a parte arquitetónica referente à atual localização da cozinha, voltada para o edifício da INATEL (Fig. 22). A mesma apresenta uma linguagem e

uma estatura díspar do restante hotel, sendo que as dimensões se aproximam da estrutura anterior. Dado que parte da cave mantém estruturas parietais antigas (Fig. 21), será plausível levantar a hipótese de que esta estrutura provém do antigo conjunto arquitetónico.

f) Palace Hotel

Nos inícios do século XX, Júlio da Cunha Pinto adquiriu um terreno localizado na Avenida Emídio Navarro, nas imediações da estação dos Caminhos de Ferro para nele construir um edifício apalacetado. Nele foram instaladas uma mercearia e uma moradia sob propriedade do Júlio da Cunha, porém parte do mesmo foi arrendado a uma unidade hoteleira.

Denominado de Palace Hotel (Fig. 24), o edifício foi inaugurado a 3 de novembro de 1912 no número 4³²⁰. O mesmo era considerado um dos melhores de Coimbra no século XX pelo local, mas também por integrar as condições estabelecidas nos mais recentes congressos de turismo de 1912³²¹. Neste sentido, ao contrário da maioria dos hotéis em Coimbra, o Palace Hotel possuía casas de banho em todos os quartos, encontrando-se em linha com as novas teses higienistas³²².

Constituído por cerca de dezoito quartos³²³, cada um equipado com mobiliário de primeira ordem³²⁴, o hotel dispunha ainda de aquecimento a gás em todos os compartimentos e de um serviço de cozinha à francesa e à portuguesa³²⁵.

De planta retangular, o edifício impunha-se na malha urbana pela sua horizontalidade ficando verticalmente marcado pelos remates lateral e central. Dividido em três volumes arquitetónicos, o central que assinalava a entrada no hotel e dois laterais, que correspondiam do lado esquerdo (Norte) aos estabelecimentos do proprietário e do lado direito (Sul) ao corpo do hotel. O corpo central demarcava-se dos demais quer em altura, quer através das duas pilastras que o ladeavam e acentuavam o movimento ascensional, o qual imprimia ao edifício equilíbrio, centralizando a porta de entrada.

³²⁰ ARROBAS, João Ribeiro : Novo Hotel. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 134. Ano II. 12 outubro 1912, p. 3.

³²¹ ARROBAS, João Ribeiro: Palace Hotel. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 145. Ano II. 20 novembro 1912, p. 2.

³²² ARROBAS, João Ribeiro: Palace Hotel. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 145. Ano II. 20 novembro 1912, p. 2.

³²³ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal: I- Beira Litoral*, p. 176.

³²⁴ ARROBAS, João Ribeiro: Palace Hotel. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 145. Ano II. 20 novembro 1912, p. 2.

³²⁵ CORTÊS, Diogo Barata (dir.): Anúncios. *Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*. Coimbra. Nº2. Ano I. 15 agosto. 1916, p. 28.

Estruturalmente composto por três andares, este apresentava uma fachada de linguagem eclética, em tons de azul claro, que congregava em si elementos clássicos e barrocos distanciando-se dos restantes hotéis pela sua exuberância exterior.

Numa leitura ascensional da fachada principal, no corpo central o rés-do-chão salientava-se pela estrutura parietal em silharia de junta fendida. Composta por cinco portas com molduras retangulares, o volume central distinguia-se dos outros que por sua vez, possuíam respetivamente três portas à francesa, emolduradas em forma de arco vinculando a distinção entre a zona central e os corpos laterais.

O segundo registo do corpo central era constituído por cinco janelas, sendo três delas abarcadas por uma sacada com a guarda em ferro forjado. A flanquear lateralmente estas três janelas, existiam as duas restantes, também elas rasgadas e dotadas de uma varanda.

No terceiro registo, as cinco janelas rasgadas presentes no corpo central denotavam um carácter mais individualista, cada uma apetrechada de uma guarda de ferro forjado. O último andar destacava o corpo central em altura, sendo rasgado por cinco janelas de sacada interligadas por uma sacada comum com guarda de ferro forjado. As janelas dos volumes laterais ostentavam, igualmente, duas varandas em conformidade com a disposição das centrais, diferindo no material sendo em pedra esculpida.

Os corpos laterais, simétricos, eram abertos no primeiro andar por três vãos, em cada volume, sendo a janela central de sacada e as que a ladeavam janelas de peito. As janelas de sacada eram mais ornamentadas em relação às janelas de peito. Estas possuíam um parapeito formado por uma balaustrada esculpida, eram coroadas com relevos em motivos vegetalistas, no espaço entre as mísulas e a janela superior, e ladeadas por molduras trabalhadas com volutas, tríglifos e mútulos. As janelas de peito eram encimadas por conjuntos escultóricos em forma de volutas, sendo inferiormente suportadas por dois modilhões e enquadradas por uma moldura em pedra de Ançã. As configurações destas molduras pareciam representar pilastras pelas saliências ao nível da bandeira.

O segundo andar era esteticamente equivalente ao primeiro, apetrechado por dois conjuntos de três janelas, cada um a flanquear o corpo central. Superiormente todo o imóvel era ladeado por um friso de azulejos. Este conferia cor e sumptuosidade, em tons de azul, amarelo, verde e vermelho, ornamentado com motivos vegetalistas que pontualmente enquadravam medalhões ora com figuração humana de perfil, ora com uma pequena escultura de um busto canino. Esta cachorrada em ferro era trabalhada com grande detalhe e

realismo dando inclusive a possibilidade de identificar as esculturas com uma determinada raça canina pela minúcia escultórica, Cavalier King Charles Spaniel³²⁶ (Fig. 29).

Rematado por um telhado de mansarda, o terceiro piso era preenchido nos conjuntos arquitetónicos laterais, alternadamente por óculos e trapeiras que atribuíam ritmo ao telhado azul escuro, cujo trabalhado se assemelha a escamas. O corpo central rematava o edifício com um frontão semicircular esculpido com motivos vegetalistas, sendo ladeado por uma balaustrada que, por seu turno, era rematada por três acrotérios e quatro urnas.

Na fachada lateral direita (Sul) (Fig. 25) existiam, no primeiro e no segundo andar, duas sacadas envidraçadas, decoradas com motivos geométricos. As mesmas delineavam o corpo central da fachada, no qual se exibia a denominação Palace Hotel.

Em 1919, o edifício sofreu um incêndio que teve origem no depósito de lenha, destruiu-o parcialmente, e deixou apenas intacta a zona ocupada pela mercearia e residência de Júlio Pinto³²⁷. Em 1920 o edifício viria a ser transformado na primeira academia de música do país,³²⁸ criada pela Sociedade de Concertos de Coimbra³²⁹ (Fig. 27). Anos mais tarde voltaria a adquirir a antiga funcionalidade de hotel, adotando o nome de Pensão internacional³³⁰ (Fig. 28).

Neste sentido e dada da falta de plantas ou memórias descritivas, apenas é possível apresentar diversas hipóteses relacionadas com a estrutura interior do Palace Hotel. Dada a existência de uma varanda contínua no terceiro andar, poderemos supor a existência de uma sala de visitas ou de leitura nessa divisão. O compartimento correspondente à sacada no primeiro andar deveria, à semelhança dos outros hotéis, ser destinado a uma sala de jantar.

No rés-do-chão, na atualidade ocupado pelo estabelecimento comercial *Rulys*, comportava à data, a entrada principal do edifício composta por um bar e posteriormente por uma cozinha, visto que na década de cinquenta reaproveitando as pré-existências, o local deu lugar a um bar, o *Café Internacional*. No atual estabelecimento comercial existem acessos a

³²⁶ De modo indireto, a utilização específica desta raça impinge ao edifício uma imagem de poder e prestígio social, sendo que a mesma era famosa na corte inglesa e se tornou moda nos inícios do século XX na camada burguesa.

³²⁷ ARROBAS, João Ribeiro: Serviço de incêndios. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 854. Ano VIII. 3 maio 1919, p. 1.

³²⁸ ARROBAS, João Ribeiro: Academia de Música. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1078. Ano X. 9 novembro, 1920, p. 1.

³²⁹ ARROBAS, João Ribeiro: Academia de música. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1103. Ano X. 11 janeiro 1921, p. 2.

³³⁰ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal, : I- Beira Litoral*, p. 176

um piso inferior, pelo que na altura poderiam constituir as caves do hotel. O acesso aos pisos superiores não seria muito diferente do acesso atual, dado que a escadaria atualmente localizada na parte direita do edifício— Pensão Internacional— fazia ligação com a antiga receção do Palace, tendo em conta os vestígios deixados na parede que separa o estabelecimento comercial da Pensão.

Da antiga fachada edifício subsiste a nível decorativo a cachorrada e um fragmento do friso, e a nível arquitetónico parte do edifício que pertencia à residência e mercearia do Sr. Júlio Pinto— atual *Pastelaria Cristal* número 3. Através destes é possível ter a perceção de toda a sumptuosidade escultórica e arquitetónica do edifício.

Note-se que o edifício não foi um reaproveitamento de uma casa senhorial ou palácio, mas antes uma recriação ou encenação de uma tipologia habitacional que já não era utilizada em pleno século XX. Esta edificação poderá ter sido de forma propositada no sentido de dotar Coimbra de um Palace hotel, visto que a cidade só possuía hotéis de pequenas dimensões.

g) Hotel Avenida

Localizado na Avenida Emídio Navarro número 21, o Hotel Avenida, tal como o Hotel Bragança ou o Hotel dos Caminhos de Ferro, foi instalado num edifício construído especificamente para estabelecer uma unidade hoteleira³³¹. Fundado na primeira década do século XX, o Hotel Avenida era considerado o melhor hotel, não só de Coimbra como da província, tanto pela comodidade como pela localização³³² (Fig. 30).

A estrutura do edifício era composta por três andares e cerca de vinte quartos. No que se refere ao exterior, apresentava uma fachada principal, voltada para o jardim do cais³³³, despida de um grande investimento ornamental, fazendo sobressair apenas as molduras das janelas em pedra de Ançã branca sobre a fachada amarela. No nível superior, o edifício era rodeado por um friso contínuo.

³³¹ FRIAS, M. F. João (dir.): Caminho de ferro de Arganil. *Resistência: órgão do partido Republicano de Coimbra*. Coimbra. Nº 998. Ano XI. 20 abril 1905, p. 2.

³³² CORTÊS, Diogo Barata (dir.): Anúncios. *Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*. Coimbra. Nº1. Ano I. 15 maio. 1916, p. 29.

³³³ CORTÊS, Diogo Barata (dir.): Anúncios. *Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*. Coimbra. Nº1. Ano I. 15 maio. 1916, p. 29.

Numa leitura ascendente da fachada principal note-se a existência de duas entradas, intermediadas por três janelas centrais. Num patamar inferior, estas janelas eram antecedidas por três aberturas retangulares que podiam ser destinadas à ventilação do rés-do-chão ou integravam janelas de uma cave. No primeiro andar o edifício era apetrechado por seis janelas e uma varanda central em ferro forjado abrangendo três das janelas. A coroar esta zona central existia a denominação Hotel Avenida. O segundo andar era esteticamente semelhante ao primeiro, sendo depois rematado por um terceiro, cujas aberturas eram essencialmente trapeiras.

Relativamente à estrutura interior, hoje apenas existem descrições alusivas à grande sala de jantar que, localizada no primeiro andar, usufruía da varanda contínua da fachada principal. A mesma era descrita como sendo uma sala ampla, arejada com as suas seis janelas largas e rasgadas que abriam sobre o jardim do cais³³⁴.

Nos inícios do século XX, sob alçada do proprietário, José Garcia Esteves, foi construído um edifício para albergar uma sucursal do Hotel Avenida na antiga Estrada da Beira, no número 33³³⁵(Fig. 31). Este edifício perdurou até à atualidade na Avenida Emídio Navarro número 37, conservando a mesma denominação e função.

Em 1918, o primeiro edifício referente ao Hotel Avenida, situado na Avenida Emídio Navarro número 21, foi adquirido pela Caixa Geral de Depósitos para a instalação da sua filial³³⁶. Mais tarde, em 1944, o edifício foi adquirido pela companhia de seguros *A Nacional*, para a ampliação do Hotel Astória.

Restando apenas a sucursal (Fig. 33) do hotel a mesma foi adquirida por Filipe Pais Fidalgo, ampliada e transformada interiormente³³⁷. Dotada de uma planta quadrangular, é constituída por cinco registos e por cerca de quarenta e cinco quartos³³⁸.

Igualando esteticamente o Hotel Bragança em Lisboa, impõe-se na paisagem com uma fachada austera e simétrica, delineada pelos vãos das portas e janelas em ogiva. Permanecendo, no que toca ao exterior, intacto, o edifício é delineado pelas cinco entradas ao rés-do-chão, destinadas ao acesso do restaurante, do hotel e do bar, sendo que a porta

³³⁴ FRIAS, M. F. João (dir.): Jantar do quinto ano. *Resistência: órgão do partido Republicano de Coimbra*. Coimbra. Nº 821. Ano IX. 2 agosto 1903, p. 3.

³³⁵ ARROBAS, João Ribeiro: Hotel Avenida. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº748. Ano VIII. 10 agosto 1918, p. 2.

³³⁶ MAIO, Guerra: Hotel Avenida de Coimbra. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº51. 5 agosto 1918, p. 22.

³³⁷ ARROBAS, João Ribeiro: Hotel Avenida. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº748. Ano VIII. 10 agosto 1918, p. 2.

³³⁸ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal, : I- Beira Litoral*, p. 176

central é mais ampla e em arco de volta perfeita diferindo das restantes. Marcado nos pisos superiores por duas séries de cinco janelas, é atribuída alguma horizontalidade ao edifício através da varanda em ferro forjado no primeiro andar, apetrechada pelas cinco janelas rasgadas. No segundo andar, a janela central também possui uma varanda. Sendo simétrica à fachada principal, a fachada lateral esquerda (Norte) usufrui cinco janelas rasgadas e de uma varanda contínua que se desenvolve ao longo primeiro andar, e no segundo apresenta cinco janelas e uma central com varanda.

Usufruindo uma estrutura semelhante ao primeiro Hotel Avenida, as aberturas do terceiro andar são formadas por trapeiras, três em cada fachada lateral. Nas extremidades, o hotel é rematado por pilastras que sobressaem na fachada tal como as molduras das janelas e portas, pela cor branca sobre o fundo amarelo.

Pelo interior, edifício era composto no rés-do-chão (Fig. 34) por um restaurante, um bar, um *hall* de entrada, uma cozinha, dois escritórios, uma rouparia e um arquivo. Na atualidade, os compartimentos que diziam respeito à rouparia, à cozinha e ao arquivo foram transformados em locais destinados aos funcionários, e o espólio do arquivo foi queimado.

A entrada mantém a mesma estrutura, sendo precedida por uma escadaria em madeira, alcatifada e iluminada superiormente por uma claraboia em vidro semelhante ao Palace Hotel e ao Hotel dos Caminhos de Ferro. O primeiro andar era constituído à época por duas salas, ambas apetrechadas pelas duas varandas contínuas, sendo uma destinada a servir as refeições e outra apelidada de sala nobre. Este último compartimento foi palco de diversas atividades, como concertos de jazz³³⁹ ou exposições, como a exposição de pintura de Guilherme Filipe em 1923³⁴⁰. Além das salas, existiam no primeiro piso onze quartos. O segundo andar era reservado aos hóspedes, possuindo quatorze quartos e uma lavandaria. O último andar era sobretudo destinado a arrumação, porém, atualmente foi transformado, servindo de quartos para os funcionários.

Descrito, à época, como um luxuoso edifício e o mais confortável de Coimbra³⁴¹, este era ornamentado desde a entrada até à sala do primeiro andar com colgaduras e damascos

³³⁹ ARROBAS, João Ribeiro: Reuniões íntimas. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1544. Ano XIII. 5 janeiro 1924, p. 2.

³⁴⁰ ARROBAS, João Ribeiro: O pintor e a sua arte. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1460. Ano XII. 12 junho 1923, p. 2.

³⁴¹ MAIO, Guerra: Hotel Avenida de Coimbra. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº51. 5 agosto 1918, p. 22.

com palmas e verduras³⁴². Atualmente, o *hall* preserva parte da ornamentação esculpida sobretudo no teto. Entre arabescos e motivos vegetalistas surgem dois bustos femininos opostos, cada um a coroar as entradas no restaurante e bar. Nesta composição surgem ainda duas aves, uma que coroa a porta de entrada e outra a receção. Ao centro persevera a estrutura de um candelabro que seria na totalidade ornamentado.

Parte do *hall* é, atualmente, ladeado por objetos que foram retirados do seu contexto, como é o caso das várias cadeiras provenientes da sala de jantar ou do rádio antigo que pertencia à sala nobre, atual sala de visitas.

Sendo então considerado um dos melhores hotéis da zona centro, em 1907 aquando a organização do primeiro concurso entre hotéis, após uma inspeção realizada pela Comissão de Hotéis da SPP, foi condecorado com uma placa de recomendação³⁴³, creditado como um dos mais asseados e confortáveis a nível nacional³⁴⁴. Em 1924, a mesma entidade voltou a eleger o Hotel Avenida como um dos melhores, atribuindo-lhe a placa de primeira classe³⁴⁵.

h) Coimbra-Hotel

Em 1916, o proprietário do Hotel Avenida, José Garcia, adquiriu um edifício na Avenida Emídio Navarro para que no mesmo fosse instalado um hotel³⁴⁶. Denominado Coimbra-Hotel, foi inaugurado em 1916 com toda a comodidade e luxo³⁴⁷, fruindo, à semelhança do Hotel Avenida, quarenta e cinco quartos³⁴⁸ (Fig. 35).

Tenha-se em consideração que este hotel não possui nenhuma descrição concreta relativa à sua localização e que antes da primeira grande remodelação não possuía nenhum letreiro ou forma de se destacar enquanto hotel, fator que impossibilita mobilizar com segurança a documentação fotográfica. Neste sentido, todo o esforço de o localizar na malha urbana levou-me a colocar em prática uma abordagem analítica e comparativa entre o imóvel primitivo e o que viria a ser construído no seu lugar. Ao analisar a documentação fotográfica

³⁴² ARROBAS, João Ribeiro: Uma festa Patriótica. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº554. Ano VI. 18 novembro 1916, p. 2.

³⁴³ PINA, Paulo: *Cronologia do Turismo Português 1900-1929*, p. 36.

³⁴⁴ PINA, Paulo: *Cronologia do Turismo Português 1900-1929*, p. 36.

³⁴⁵ ARROBAS, João Ribeiro: Melhoramentos. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1609. Ano XIII. 14 junho 1924, p. 2.

³⁴⁶ ARROBAS, João Ribeiro: Novo hotel. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº532. Ano VI. 2 setembro 1916, p. 2.

³⁴⁷ ARROBAS, João Ribeiro: Hotel Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº524. Ano VI. 25 outubro 1916, p. 3.

³⁴⁸ PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal: I- Beira Litoral*, p. 176

é de facto possível encontrar vários vestígios arquitetónicos que interligam o imóvel localizado ao lado do primeiro Hotel Avenida, (Norte), com o remodelado Coimbra-Hotel. Neste sentido foi possível localizá-lo e analisá-lo antes das intervenções.

Constituído por dois andares, o edifício era delineado por três volumes, duas torres retangulares e simétricas que sobressaíam no edifício em altura e demarcavam as extremidades, e um corpo central simétrico encimado por duas chaminés.

A fachada principal era estruturada por uma porta e cinco janelas, possuindo num estrato inferior cinco aberturas retangulares, semelhantes ao Hotel Avenida, algo que indicia a existência de uma cave. A entrada era localizada na torre esquerda sendo depois sucedida horizontalmente pelas cinco janelas em arco abatido com a chave ornamentada. No primeiro andar a fachada era delineada por duas janelas rasgadas, encimadas por um frontão triangular e apetrechadas por uma varanda em ferro forjado. Estas, localizadas nas torres, diferiam das janelas no corpo central visto que as mesmas não detinham qualquer tipo de ornamento. Na zona central da fachada, duas das janelas eram rasgadas e apetrechadas por uma varanda, também em ferro forjado.

Coroado por um *dentil* e uma cimalha, era encimado por uma espécie de arquitrave que por sua vez era enquadrada nas extremidades por duas janelas rasgadas que rematavam a torre, assemelhando-se a dois mirantes direcionados para o jardim do cais.

Nos anos trinta, o edifício foi modificado e à estrutura inicial foi acrescentada uma fila janelas que veio suprimir a diferença de alturas entre o corpo central e as torres, e a este nível somava-se um novo. Desta forma, o edifício ficou constituído por três andares, passando a apresentar uma fachada mais austera que lhe conferiu feições mais modernas e idênticas ao Hotel Borges, quase uma antevisão da linguagem com o qual nos iremos deparar já durante a década de 1940, durante o Estado Novo. Em tom de modernização, passou a ser coroado pela denominação Coimbra-Hotel em néon (Fig. 36).

Nos inícios do século XXI, o edifício foi adquirido pelo Banco Comercial Português, Millennium BCP para nele ser instalada a sua filial. Neste sentido, o edifício foi totalmente demolido e reconstruído numa linguagem distinta, fator que impossibilita um estudo estrutural do edifício.

2.3. Um hotel para Coimbra

Relembro que embora o presente estudo assumo por vezes um pendor mais descritivo, motivado pelo desaparecimento de grande parte dos edifícios, procurei realizar sínteses interpretativas globais a partir da reconstituição da história dos vários equipamentos. As mesmas permitem a inserção dos hotéis de Coimbra nas tipologias já avançadas no primeiro capítulo.

Realizando uma análise comparativa entre as estruturas hoteleiras no geral, a hotelaria coimbrã parece acompanhar as tipologias e os ideais arquitetónicos da época. Neste sentido, surgem numa primeira fase dois hotéis, o Hotel do Comércio e o Hotel Mondego que, semelhantes aos primeiros hotéis da capital, são implantados em edifícios já existentes de traçado quinhentista, na qual predomina a ocupação do rés-do-chão por parte de estabelecimentos comerciais. Ambos apresentam pouco investimento ao nível estético nos exteriores, não estabelecendo qualquer distinção entre o edifício e o casario. Em parte, isto pode ser justificado pela importância reduzida que a hotelaria tinha em inícios do século XIX, e pelo escasso capital envolvido, uma vez que se tratava maioritariamente de negócios de foro familiar. Numa fase mais tardia aparece o Hotel Central que, implantado num edifício existente, de forma semelhante aos anteriores, distingue-se por ocupar o edifício na totalidade e denotar já algum cuidado estético ao nível da fachada. No entanto, sendo um imóvel anterior, o mesmo poderá apenas ter conservado o exterior, predominando a indiferenciação arquitetónica.

Relativamente ao Palace Hotel de Coimbra, e em comparação com os modelos portugueses de Palaces-hotéis, o mesmo parece ter ido beber inspiração ao Palace Hotel Avenida de Lisboa, desde logo pela sua implantação num local fronteiro à Estação, tal como o Palace Hotel Avenida. As influências notam-se ainda ao nível estético, pela repetição da mansarda afrancesada, elemento que, por sua vez, se repete não só no Palace em Lisboa, mas também e em vários Palaces, como é o caso do Palace Hotel de Madrid. Além do uso da mansarda, o imóvel repete elementos decorativos exteriores de matiz clássica, semelhantes ao Palace Hotel de Lisboa.

O mesmo, condicionado ao meio citadino, distanciava-se da tipologia do Palace Hotel Bussaco que privilegiava o contacto com a natureza ou da tipologia termal como o Palace

Hotel Vidago. Numa ótica de diferenciação importa também salientar que as dimensões do mesmo se mostram, em comparação com os restantes Palaces nacionais, extremamente reduzidas, aproximando-o dos restantes hotéis existentes na cidade.

Face a esta característica dimensional, pode ser avançada a hipótese de que este foi concebido para ser um hotel de pequenas dimensões, justificando-se pelo facto de ser uma construção privada que envolvia um grande investimento financeiro. Neste sentido, pode ser comparado um hotel de pequenas dimensões, mas que recorreu a todo um conjunto de opções estéticas que o aproximavam, ainda que de modo ilusório, de um Palace, quer pela elegância quer pelo pendor clássico que lhe fora impresso.

Este imóvel acaba por estar interligado à tipologia dos hotéis projetados de raiz para albergar complexos hoteleiros. Os mesmos aparecem numa outra fase e podem ser inseridos numa tipologia diferente. Veja-se a título de exemplo, o Hotel Bragança, o Hotel dos Caminhos de Ferro e o Hotel Avenida —o edifício que subsiste na contemporaneidade. Estes, em oposição aos primeiros complexos, apresentavam já um certo cuidado estético ao nível das fachadas, contando com elementos decorativos sobretudo de natureza clássica. Cite-se a como exemplo os frontões triangulares e circulares do Hotel Bragança; os azulejos das fachadas do Hotel dos Caminhos de Ferro; e as molduras ogivais das janelas no Hotel Avenida.

Importa relembrar que o Hotel dos Caminhos de Ferro poderia ser inserido na tipologia dos grandes hotéis, apesar de não ostentar a denominação de Grande Hotel dos Caminhos de Ferro. Contudo, achando-se parcialmente inacessível não permite um estudo mais concreto sobre a sua tipologia.

É de notar o facto de todos os imóveis referidos nesta categoria terem elementos em comum. Refira-se, como exemplo, a utilização de trapeiras no último registo, uma claraboia na parte mais central do edifício e a, já referida, utilização de elementos de matiz clássica, como acrotérios, frontões e balaustradas pontoadas de registos clássicos.

Neste ponto torna-se pertinente mencionar que Coimbra, enquanto cidade de relevância para o sector turístico (constituindo a terceira capital nacional do turismo), optou por ter vários hotéis de pequenas e médias dimensões em vez de um único edifício da tipologia Grande Hotel.

Em parte, a existência de uma vasta quantidade de pequenos hotéis poderá justificar-se pela continuidade dos negócios de família no sector, que tem o seu início na tipologia de hospedaria e evolui, no século XIX, para pequenos hotéis. Porém, esta será apenas uma

proposta interpretativa num leque que se poderá tornar mais abrangente aquando de novos estudos e caso de surgir documentação que permita desenvolver novas leituras.

Em comparação com outras cidades de igual importância, Coimbra possuía mais complexos hoteleiros de reduzidas dimensões, que curiosamente se edificavam relativamente próximos, do que um Grande Hotel que providenciasse mais acomodações e com melhores condições. Estes fatores levantam várias questões que convergem para a utopia do Grande Hotel.

Na generalidade, os hotéis em Coimbra estavam quase sempre lotados, como nos é dito pela imprensa, “mesmo nos mezes mais mortos, os hotéis abarrotam de forasteiros”³⁴⁹, sendo que os turistas quando não realizavam a prévia reserva dos alojamentos, tinham que se “retirar no mesmo dia por não encontrarem alojamentos”³⁵⁰.

Sem estruturas suficientes que pudessem responder à crescente procura turística, a direção da SDPC intercedeu junto dos habitantes para que os mesmos disponibilizassem quartos para alugar aos visitantes³⁵¹. Desta forma, a falta de alojamentos era atenuada sobretudo nas alturas em que a cidade era visitada com maior afluência, como no decorrer das festas da Rainha Santa ou aquando a realização de congressos³⁵².

Sendo que não seria uma medida definitiva, o arrendar de espaços privados e, dado que a população flutuante da cidade tinha crescido consideravelmente, tornava-se necessário preencher esta lacuna com a construção de novas estruturas com todas as condições modernas de conforto, higiene e recreio³⁵³.

Por iniciativa da SDPC, em 1919, alguns investidores hoteleiros visitaram Coimbra para que, após uma breve prospeção, pudesse ser escolhido um terreno para a construção de um edifício hoteleiro. Após algumas visitas, uma sociedade acabou por adquirir o terreno da Estrela com o intuito edificar um “esplêndido hotel”³⁵⁴. Contudo, este projeto não viria a ser concretizado devido à falência da Sociedade.

³⁴⁹ ARROBAS, João Ribeiro: Progresso Local. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1022. Ano IX. 22 junho 1920, p. 1.

³⁵⁰ ARROBAS, João Ribeiro: Progresso Local. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1022. Ano IX. 22 junho 1920, p. 1.

³⁵¹ ARROBAS, João Ribeiro: Congresso da sciencia. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1735. Ano XIV. 21 abril 1924, p. 2.

³⁵² ARROBAS, João Ribeiro: As festas da Rainha Santa. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 996. Ano IX. 20 abril 1920, p. 1.

³⁵³ ARROBAS, João Ribeiro: Interesses e aspectos de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1009. Ano IX. 22 maio 1920, p. 1

³⁵⁴ ARROBAS, João Ribeiro: Um grande Hotel nas ruínas da Estrela. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº947. Ano IX. 16 dezembro. 1919, p. 1.

Mais tarde, em 1922, uma nova sociedade teve o mesmo objetivo e elegeu o mesmo local da sociedade anterior. O projeto para o Hotel Palace Estrela³⁵⁵ ficou a cargo do arquiteto Raul Lino, sendo projetado para ter cerca de noventa quartos com base no reaproveitamento das ruínas da Torre de Belcouce. As obras de demolição e construção foram iniciadas no mesmo ano, porém o edifício não chegou a ser concluído devido à falência da empresa³⁵⁶, permanecendo em ruínas até ser adquirido pelo médico Ângelo da Fonseca para ser reformulado e transformado numa residência particular.

Sucessivamente, nos inícios dos anos vinte, o terreno contingente ao primeiro Hotel Avenida na Avenida Emídio Navarro foi adquirido pela Sociedade de Seguros *A Nacional*. Nele seria construído um edifício moderno e de grandes dimensões para instalar a sede da sociedade. No entanto, dadas as várias propostas de arrendamento por parte de grandes empresas hoteleiras, a Sociedade acabaria por arrendar o mesmo³⁵⁷. Edificado em 1924, foi adquirido por Alexandre de Almeida, proprietário dos mais importantes hotéis do país, como o Palace Hotel do Bussaco, o Hotel da Curia e em Lisboa o Hotel Metrópole³⁵⁸.

Denominado de Hotel Astória³⁵⁹, o edifício foi inaugurado a 30 de março de 1926, ficando a sua gerência a cargo de José Soleiro³⁶⁰. De linguagem eclética o edifício tornou-se rapidamente num dos ícones de Coimbra, sendo reconhecido a nível nacional como um dos melhores hotéis.

Trabalhado com harmonia e em consonância com os modelos dos grandes hotéis realizados na Europa — como o Hotel Ritz ou o Palace Hotel de Madrid —, o hotel apresenta uma fachada adornada ao pormenor com elementos clássicos e barrocos, sendo rematada lateralmente por uma torre circular por sua vez coroada por uma cúpula, que destaca o edifício quer pela monumentalidade, quer pela sumptuosidade.

³⁵⁵ Sobre o tema veja-se, entre outros: CRAVEIRO, Lurdes: Raul Lino em Coimbra. *Rev. Mundo da Arte*. Nº15. setembro 1983, p. 31-44.

³⁵⁶ MARQUES DOS CARVALHOS, Isabel Maria: *Memórias do sítio da estrela, um encontro de Caminhos*. Dissertação de mestrado em História da Arte. Coimbra. 2008, p. 8.

³⁵⁷ ARROBAS, João Ribeiro: Vida da cidade. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1555. Ano XIII. 2 fevereiro 1924, p. 2.

³⁵⁸ ARROBAS, João Ribeiro: Hotel Astória. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1819. Ano XV.10 novembro 1925, p. 2.

³⁵⁹ Sobre o tema veja-se, entre outros: MENDES, Maria de Fátima: *o Hotel Astória: 70 anos ao serviço de Coimbra*. Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 1996. Ou FERNANDES, José Manuel: duas obras do século XX na entrada de Coimbra: do Hotel Astória à Casa Ângelo da Fonseca. *Revista Monumentos*. Nº25. setembro 2006.

³⁶⁰ ARROBAS, João Ribeiro: Inauguração do Hotel Astória. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1875. Ano XV.30 março 1926, p. 2.

Estruturalmente organizado em sete andares, o edifício foi instalado com as melhores e mais luxuosas condições³⁶¹. Pelo interior, tal como nos é descrito pelas fontes jornalísticas, as paredes eram decoradas com “lambriz em madeira, com talha e papel género couro patinado”³⁶², sendo superiormente “decoradas com papel imitação de veludo e a contemplar a decoração da sala colunas em marmelite e cestas ornamentais com flores iluminadas”³⁶³. A sala de visitas, também ela decorada com lambriz, possuía papel de parede que imitava madeira com talha. A iluminação tanto das paredes como dos tetos era realizada “por cristais artísticos fundidos e assinados por uma das maiores novidades da exposição de artes decorativas em Paris. Os quartos mobilados com muito gosto pela casa Bartolo e Lopes do Porto”³⁶⁴.

Estruturalmente o hotel possuía todos os requisitos exigidos à época, distanciando-se dos restantes hotéis da cidade por oferecer comodidades de ponta. Com efeito, foi um dos primeiros hotéis a ter elevador³⁶⁵, cabine de telefone e casas de banho em todos os compartimentos. As cozinhas do hotel eram também dotadas das condições mais modernas de higiene igualando com as cozinhas dos grandes hotéis³⁶⁶.

Em 1944 o proprietário adquiriu o edifício onde estava instalado o primeiro Hotel Avenida e estabeleceu ligação entre os espaços ficando o Hotel Astória com a estrutura atual. Classificado, atualmente, como Monumento de Interesse Público, conserva ainda parte do seu espólio interior sobretudo nos espaços comuns, dado que, os quartos dos hóspedes sofreram algumas alterações³⁶⁷.

Apesar de existirem no início do século XX as referidas oito unidades hoteleiras, a constante necessidade de equipar a cidade com tais infraestruturas coexistia com a utilidade

³⁶¹ ARROBAS, João Ribeiro: Hotel Astória. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1819. Ano XV.10 novembro 1925, p. 2.

³⁶² ARROBAS, João Ribeiro: Inauguração do Hotel Astória. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1875. Ano XV.30 março 1926, p. 2.

³⁶³ ARROBAS, João Ribeiro: Inauguração do Hotel Astória. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1875. Ano XV.30 março 1926, p. 2.

³⁶⁴ ARROBAS, João Ribeiro: Inauguração do Hotel Astória. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1875. Ano XV.30 março 1926, p. 2.

³⁶⁵ ARROBAS, João Ribeiro: Hotel Astória. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1823. Ano XV. 19 novembro 1925, p. 2.

³⁶⁶ ARROBAS, João Ribeiro: Inauguração do Hotel Astória. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1875. Ano XV.30 março 1926, p. 2.

³⁶⁷ Companhia de Seguros, «A Nacional»: Projeto do Hotel Astória. 1681. Proc: 01/921/1944- L.O. 470/1958. Registo nº- 921/44;331/45;1098/47;1099/47;1371/47. Arquivo Municipal de Coimbra.

do turismo enquanto atividade rentável e imprescindível ao desenvolvimento citadino. A mesma levou ao surgimento dos projetos anteriormente mencionados do Palace Hotel Estrela culminando com a edificação do Hotel Astória. No entanto, antes da sua edificação surgiram ainda ideias relativas à criação de uma grande estrutura capaz de incentivar a estadia na cidade da camada burguesa mais endinheirada, ou seja, a edificação de um grande hotel.

Em 1919, a SDPC contactou com a SGHP para que a mesma se interessasse em construir na cidade um grande hotel. Esta idealização foi correspondida ainda no mesmo ano, e como nos dá conta a imprensa, a SGHP enviou a Coimbra “um categorizado representante da importante Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal”³⁶⁸, o engenheiro António Bossa³⁶⁹.

³⁶⁸ ARROBAS, João Ribeiro: Coimbra: Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1018. Ano IX. 12 junho 1920, p. 1.

³⁶⁹ ARROBAS, João Ribeiro: Hotéis de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1025. Ano X. 1 julho 1920, p. 1.

3. O Grande Hotel de Coimbra

Com o projeto datado de 1921, o Grande Hotel de Coimbra (Fig. 38) foi um dos projetos mais aclamados pela sociedade coimbrã nos inícios do século XX. Além de ser o tema de destaque nos principais cafés da cidade, como a Brasileira, os diversos jornais da época que expressam a vontade inerente da sua materialização.

Pelo interior, o hotel iria prover cento e cinquenta quartos, um amplo *hall* de entrada e várias salas, citando-se a título de exemplo as salas de receção, de chá, de leitura, de fumo e de baile. Além destes compartimentos, o hotel seria apetrechado com equipamentos hoteleiros de vanguarda, como ascensores, transportes próprios, — “auto-om-nibus e auto-cars”³⁷⁰—, e chauffage central.

Por sua vez, o exterior deste hotel contemplou a promoção de instrumentos dedicados ao deleite do ar livre. Assim, previa-se a construção de um amplo parque ajardinado semelhante ao Palace Hotel da Curia no espaço que antecedia o hotel. Completando o conjunto seria construído um campo de jogos³⁷¹ de uso exclusivo para os hóspedes, sendo por isso localizado na retaguarda do hotel. Estas comodidades aproximavam o projeto das novas conceções arquitetónicas hoteleiras das primeiras décadas do século XX.

Note-se que este projeto, para além de visar suprimir as necessidades na região de criar novos estabelecimentos hoteleiros capazes de albergar o fluxo turístico e os novos hábitos de lazer, ansiava aproximar-se dos Grandes Hotéis Europeus. De facto, a sua idealização deixa transparecer que o mesmo pretendia responder às exigências dos turistas mais endinheirados da alta burguesia, colocando ao dispor e usufruto dos hóspedes os equipamentos mais modernos, instalações inovadoras e higienizadas e ainda instrumentos de lazer, de acordo com o decreto nº 1.121 de 28 de novembro 1914³⁷².

³⁷⁰ ARROBAS, João Ribeiro: Entrevista com o Sr. Dr. Manuel Braga. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1045. Ano X. 19 agosto 1920, p.2.

³⁷¹ ARROBAS, João Ribeiro: Progressos de Coimbra: Hotéis de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1031. Ano X. 17 julho 1920, p.1.

³⁷² ARROBAS, João Ribeiro: Entrevista com o Sr. Dr. Manuel Braga. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1045. Ano X. 19 agosto 1920, p.2.

Para edificar o hotel, o representante da SDPC, Manuel Braga, apresentou cerca de oito locais ao Engenheiro António Bossa, destacando-se entre eles o Terreno da Estrela, a Mata de Vale de Canas e o Palácio dos Condes do Ameal. Pese embora a variedade de locais, nenhum deles se apresentava apto para implantar um hotel cuja área de ocupação mínima seria de quatro mil metros, forçando assim a SDPC a propor um nono local, a Ínsua dos Bentos. Tal como defendeu Manuel Braga, este era o melhor terreno para a edificação do imóvel, uma vez que os seus dezasseis mil metros quadrados³⁷³ implantados à beira rio proporcionariam uma perspetiva única sobre o rio, campos e colinas marginais³⁷⁴.

Esta questão da localização gerou várias controvérsias por parte de diversas personalidades políticas que se opunham à edificação do hotel³⁷⁵ num local que na altura consistia num arrabalde de “pasto e da pouca vergonha”³⁷⁶, como a imprensa à época o descreve. Em contrapartida, a SDPC defendia que a cidade apenas iria beneficiar na venda do terreno, visto que o mesmo seria totalmente transformado, cooperando com as diversas obras de modernização da cidade, e, conseqüentemente, atribuiria uma nova imagem à sua entrada principal. Para solucionar este problema a SGHP declarou que “a não ser ali, em nenhuma parte será construído”³⁷⁷.

Assim, a Ínsua dos Bentos foi o local escolhido para a edificação do hotel e, tal como foi acordado entre a SDPC e a SGHP, doze mil metros do terreno foram entregues à Câmara Municipal que se comprometeu, com parte do dinheiro da compra do terreno, a embelezá-lo e a transformá-lo num jardim público, um hipódromo e campo de jogos³⁷⁸, em consonância com o hotel a ser projetado³⁷⁹. Adquirido a 1920 pela importância de 87.675\$00 escudos, a SGHP comprometeu-se em pagar por quatro prestações³⁸⁰ sendo que à terceira prestação o valor pago até ao momento seria utilizado pela Câmara para a realização do Parque de Santa Cruz³⁸¹.

³⁷³ ARROBAS, João Ribeiro: Hotel de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1045. Ano X. 19 agosto. 1920, p. 2.

³⁷⁴ ARROBAS, João Ribeiro: Hotéis de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1034. Ano X. 24 julho 1920, p. 3.

³⁷⁵ ARROBAS, João Ribeiro: Os empatas. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1038. Ano X. 3 agosto 1920, p.2.

³⁷⁶ ARROBAS, João Ribeiro: Progresso Local. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1022. Ano IX. 22 junho 1920, p. 1.

³⁷⁷ ARROBAS, João Ribeiro: Hotéis de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1034. Ano X. 24 julho 1920, p. 3.

³⁷⁸ ARROBAS, João Ribeiro: Hotéis de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1034. Ano X. 24 julho 1920, p. 3.

³⁷⁹ ARROBAS, João Ribeiro: Os progressos de Coimbra: Hotéis de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1036. Ano X. 29 julho 1920, p. 1.

³⁸⁰ ARROBAS, João Ribeiro: O campo dos Bentos e o Parque de Santa Cruz. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1198. Ano XI. 30 agosto 1921, p. 1.

³⁸¹ ARROBAS, João Ribeiro: Hotel de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1041. Ano X. 10 de agosto 1920, p. 1

A edificação deste complexo iria também desencadear o já mencionado Triângulo de Turismo, que previa a união entre Coimbra, Penacova e Bussaco³⁸². Ao ser construído, iria ser estabelecida a rota entre o “Grande Hotel de Coimbra”, o “Palace Hotel do Bussaco”, um hotel bastante visitado e requisitado na altura, e um hotel que estava a ser projetado para Penacova³⁸³.

Em suma podemos constatar que a materialização do hotel ia impulsionar o desenvolvimento do turismo português na zona centro, desde logo pelas várias iniciativas como o desencadear da rota turística, a construção de um hotel sazonal em Penacova, e as diversas transformações no Campo de Santa Cruz, na Ínsua dos Bentos e na zona baixa da cidade com o alargamento da Estrada da Beira³⁸⁴.

Interior e exteriormente, este imóvel iria assemelhar-se aos modelos hoteleiros e seus contemporâneos, o Hotel Ritz e o Palace Hotel de Espanha³⁸⁵, ambos considerados os mais modernos, elegantes e confortáveis hotéis de turismo da Europa³⁸⁶. Deste modo a SGHP, encarregou o projeto ao arquiteto espanhol Eduard Ferrés i Puig, um dos mais afamados arquitetos da hotelaria moderna espanhola³⁸⁷ e autor dos hotéis mencionados.

3.1. O arquiteto Eduard Ferrés i Puig- breve resenha biográfica

Tentando enquadrar as mudanças que a viragem para o século XX trouxe nas novas opções estéticas que se iam disseminando um pouco por toda a Europa, os novos arquitetos, afirmando-se paulatinamente, foram direcionando os seus projetos para os novos paradigmas do século, ambicionando articular nos edifícios, quer residenciais quer públicos, o luxo e a

³⁸² ARROBAS, João Ribeiro: Triângulo de turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1039. Ano X. 5 agosto 1920, p. 1.

³⁸³ Este Hotel de Penacova, foi projetado na mesma altura que o hotel de Coimbra, pelo mesmo arquiteto e pela mesma empresa, sendo que iria ser um hotel de estação com cerca de 45 quartos, no entanto parece nunca ter sido realizado tal como o de Coimbra.

³⁸⁴ ARROBAS, João Ribeiro: Progressos de Coimbra: Entrevista com o Presidente da Comissão Executiva da Câmara: *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1071. Ano X. 23 outubro, 1920, p. 1.

³⁸⁵ Hotel Ritz, construído entre 1918-1919 em Barcelona e o Hotel Palace construído entre 1911-1912 em Madrid, ambos de cariz eclético.

³⁸⁶ ARROBAS, João Ribeiro: Hotéis de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1025. Ano X. 1 julho 1920, p. 1.

³⁸⁷ ARROBAS, João Ribeiro: Entrevista com o Sr. Dr. Manuel Braga. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1045. Ano X. 19 agosto 1920, p. 2.

novidade técnica do gosto moderno e criar um ponto de rutura para com os séculos anteriores. Neste contexto de desvinculação e afirmação, não só de um gosto estético, mas também de um contexto que se pretendia destacar e renovar pela denominação de modernismo, Eduard Ferrés i Puig torna-se uma personalidade relevante para o entendimento da rutura artística, científica e tecnológica do século XX.

Nascido em 1872, em Vilassar do Mar, Ferrés foi um dos mais importantes arquitetos modernistas espanhóis. Filho de uma família sobejamente conhecida pelas suas ligações ao mar, iniciou os seus estudos no ramo marítimo no Colégio Náutico e Mercantil de Vilassar de Mar. No entanto, a morte do seu avô, num naufrágio, fez com que deixasse o colégio e ingressasse no Instituto de Girona, em 1886³⁸⁸.

Em 1870 altura em que abriu de forma provisória uma Escola de Arquitetura em Barcelona, criada por Elies Rogent, Ferrés, mesmo depois de ter concorrido para a Universidade de Barcelona, concorreu para a nova escola e acabou por ingressar. Nesta recebeu formação de arquitetos já conhecidos, entre eles, Domenech i Montaner, August Font e Josep Vilaseca³⁸⁹.

A 30 de julho de 1897 foi-lhe atribuído o título de arquiteto, porém, mesmo depois de terminada a sua formação, nunca deixou de estudar, nomeadamente línguas, história e fotografia. Estes conhecimentos impulsionaram-no, ao longo da sua carreira, a realizar inúmeras viagens nomeadamente a Bruxelas, a Nice, a Cannes, a Alemanha e a Itália. Tais viagens influenciaram de forma direta os seus projetos. De facto, importa mencionar que no domínio das influências externas, o registo fotográfico obteve um papel preponderante, uma vez que em cada deslocação o arquiteto tinha a preocupação de fotografar diversos edifícios. Entre 1904 e 1922, Ferrés realizou um total de três mil e setecentas fotografias que serviram de base concecional das suas obras, ainda que mantendo a sua originalidade³⁹⁰.

Vinculado à empresa Miró I Trepal S.A., através dos laços familiares que o ligavam a uma das principais acionistas, Laureà Miro, Ferrés foi eleito em 1902 como diretor artístico, permanecendo no cargo até 1928. Considerando que a empresa de construções se fundou

³⁸⁸ SOLER, Andreu Folch i; SOLER, Ramon Folch i; PADRÓ, Xavier Ferrés i: *Eduard Ferrés i Puig: Arquitecte*. Ed. Ajuntament de Vilassar de Mar. Vilassar de Mar. 1997, p. 21.

³⁸⁹ SOLER, Andreu Folch i; SOLER, Ramon Folch i; PADRÓ, Xavier Ferrés i: *Eduard Ferrés i Puig: Arquitecte*. 1997, p. 24.

³⁹⁰ SOLER, Andreu Folch i; SOLER, Ramon Folch i; PADRÓ, Xavier Ferrés i: *Eduard Ferrés i Puig: Arquitecte*. 1997, p. 44.

com base no desenvolvimento tecnológico, e tinha o intuito de responder às necessidades construtivas do mundo moderno, torna-se relevante aferir que esta participação do arquiteto se mostrou flagrante no decorrer do seu percurso profissional influenciando-o largamente³⁹¹.

No início da carreira, Ferrés começou a elaborar projetos para edifícios residenciais na sua terra natal, Vilassar de Mar. Atualmente são reconhecidas como suas obras cento e cinquenta casas, realizadas sobretudo entre 1897 a 1907, situação que levou a que em 1902 fosse nomeado como arquiteto municipal de Vilassar e Mataró³⁹². Estas habitações espelhavam não só os gostos particulares da burguesia, como também denotavam um traçado único e característico que Ferrés ia aperfeiçoando dando uso aos materiais modernos como a cerâmica, vidro e ferro. Um dos primeiros projetos e dos mais marcantes para Vilassar é a Sènia del Rellotge, um edifício desenhado com base nas casas rurais catalãs, cujo o atributo mais emblemático é o relógio assente no corpo central do edifício³⁹³.

Em 1907, altura em que conhece Geores Marquet, promotor das cadeiras hoteleiras de Palace Hotels, a sua carreira profissional muda por completo³⁹⁴. A partir desta altura, Ferrés fica conhecido em todo o país pelas suas obras no setor hoteleiro³⁹⁵, havendo um destaque particular para o projeto do Palace Hotel de Madrid³⁹⁶, um dos mais importantes à época, com todas as comodidades modernas³⁹⁷.

Veemente conhecido no ramo da arquitetura hoteleira, Ferrés é contactado pela SGHP que, na sua ótica, considera-o como “um dos melhores nas competências e construções hoteleiras”³⁹⁸. Encarregado de vários projetos no território nacional como do «Grande Hotel de Lisboa» e do projeto Casino do Estoril³⁹⁹, Ferrés visitou Coimbra a pedido de ambas as

³⁹¹ SOLER, Andreu Folch i; SOLER, Ramon Folch i; PADRÓ, Xavier Ferrés i: *Eduard Ferrés i Puig: Architecte.*, p. 44.

³⁹² Sobre o assunto veja-se, entre outros: *Arquitectes Municipals: Manuel Joaquim Raspall I Mayol, Josep Puig I Cadafalch, Josep Maria Jujol I Gibert, Eduard Ferrés I Puig, Pere Falques*, ed: University- Press.

³⁹³ SOLER, Andreu Folch i; SOLER, Ramon Folch i; PADRÓ, Xavier Ferrés i: *Eduard Ferrés i Puig: Architecte*, p. 52.

³⁹⁴ Apesar de se começar a dedicar às construções hoteleiras, Ferrés vai continuar a trabalhar na “arquitetura privada” até à data da sua morte, essencialmente para a sua terra natal.

³⁹⁵ ACOSTA, Benet Meca: *La Finca de Vil.la Flora de Cante de Mar: História e Arquitectura*. Universitat Poliecnica Catalunya. 2010, p. 4.

³⁹⁶ O Palace era “naquele momento o hotel mais grande da Europa. Os interiores tinham sido decorados com um requintes extraordinário e o seu aspecto exterior estava inspirado nos grandes hotéis europeus” decorado com linguagem neoclássica na sua fachada.

³⁹⁷ SOLER, Andreu Folch i; SOLER, Ramon Folch i; PADRÓ, Xavier Ferrés i: *Eduard Ferrés i Puig: Architecte*, p. 73.

³⁹⁸ ARROBAS, João Ribeiro: Progressos de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. nº 1062. Ano X. 30 setembro 1920, p. 1.

³⁹⁹ ARROBAS, João Ribeiro: As Nossas informações. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1091. Ano X. 9 dezembro 1920, p. 1.

sociedades, SDPC e SGHP, em 27 de agosto de 1920, para que, após uma breve análise do terreno, assinasse contrato com a empresa construtora. Assim que concluído o processo burocrático, o arquiteto começou a projetar o “Grande Hotel de Coimbra”, declarando que, contrariamente aos boatos, o hotel não iria prejudicar a perspectiva e a estética geral do local, iria antes engrandecê-las e pô-las em mais saliente e brilhante destaque⁴⁰⁰.

3.2. Um Hotel em 2D: análise do espaço incorpóreo

Concluído e assinado em Lisboa a novembro de 1921, o projeto foi reencaminhado para a Câmara Municipal de Coimbra onde, depois de ser aprovado a 8 de novembro de 1921⁴⁰¹, permaneceu exposto nos armazéns do Chiado durante alguns dias⁴⁰². Nesta exposição podiam ser apreciadas quatro plantas, — dos andares, da sobreloja, do rés-do-chão e das caves —, três fachadas —, a principal, a lateral e a posterior —, e duas secções, —longitudinal AB e transversal CD.

A ocupar cerca de quatro mil metros quadrados, o imóvel erguia-se horizontalmente na malha urbana. Contudo, sem descurar o seu desenvolvimento horizontal, com as suas fachadas laterais a ocupar cento e dez metros e a posterior quarenta e quatro metros, também era verticalmente acentuado com auxílio da fachada principal que contava com vinte e dois metros na linha da frente⁴⁰³.

De planta triangular, semelhante ao “Palace Hotel Madrid”, o edifício desenvolvia-se em consonância com o terreno, impondo-se na paisagem pela fachada que se realçava através de duas torres circulares. A mesma era descrita pela imprensa da época como de linguagem “renascença”⁴⁰⁴, porém apresentava um vocabulário de pendor eclético na qual se fundiam elementos Neorrenascentistas, neoclássicos e Neo-Mudéjar.

⁴⁰⁰ ARROBAS, João Ribeiro: Progressos em Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1071. Ano X. 23 outubro 1920, p. 1.

⁴⁰¹ ARROBAS, João Ribeiro: Progressos de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1227. Ano XI. 8 novembro 1921, p. 1.

⁴⁰² ARROBAS, João Ribeiro: Exposição de todas as peças do projecto. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1243. Ano XI. 17 dezembro 1921, p. 1.

⁴⁰³ ARROBAS, João Ribeiro: Coimbra Moderna. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1268. Ano XI. 18 fevereiro 1922, p. 2.

⁴⁰⁴ ARROBAS, João Ribeiro: O grande hotel de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1164. Ano X. 12 março 1921, p. 1

A composição arquitetónica exterior opunha-se à dos restantes hotéis da cidade que, não sentindo necessidade de se distinguirem enquanto local de hospedagem, ocupavam, na maioria dos casos, imóveis sem se salientar na malha urbana. Em contrapartida, a imponente fachada deste hotel demarcava-se no jardim com o auxílio das duas torres que, ao enquadrá-la, permitiam a sua identificação a uma considerável distância. O mesmo acontecia em outros hotéis como o «Palace Hotel do Bussaco» que é delimitado verticalmente por um torreão, ou como o «Grande Hotel da Curia» que se impõe, após o jardim, com dois torreões retangulares e o corpo central.

Composicionalmente, a fachada (Fig. 47) do «Grande Hotel» dividia-se em duas partes: uma posterior e circular que compunha o corpo das duas torres, e outra central mais avançada.

Numa leitura ascensional, o primeiro registo era marcado pelo aparelho em silharia de junta fendida, nas torres, no pórtico e no corpo do hotel. Tenha-se em atenção que a presente composição começou a ser recorrentemente utilizada em edifícios de cariz público, nos inícios do século XIX, e vai continuar a estar presente ao longo do século XX. A título de exemplo veja-se o edifício da «Camara Municipal» ou o «Hotel Astória».

Neste nível do hotel sobressaía ainda um pórtico (Fig. 54) que se dispunha na horizontal e marcava a entrada apresentando-se semelhante ao que viria a ser construído na Praça de Espanha. Projetado, como é descrito pela imprensa à época, “de forma a ser amplo e elegante (...) para nele penetrarem as carruagens e automóveis ao serviço dos hóspedes”⁴⁰⁵, era constituído por duas entradas laterais e uma frontal interligada com a entrada do edifício. Estas aberturas eram ladeadas por dois pares de colunas cujos capitéis seriam decorados com motivos vegetalistas. Na sua totalidade, eram emolduradas pelo aparelho parietal de silharia.

Dado o seu desenvolvimento horizontal, este pórtico permitiria o reaproveitamento da parte superior para um pátio. Para tal, foi projetado resguardado por uma balaustrada no nível superior, minuciosamente trabalhada, e intercalada entre faixas esculpidas e pedestais que, por sua vez, suportavam urnas. Este terraço era acedido através do segundo registo, ou seja, a sobreloja.

⁴⁰⁵ ARROBAS, João Ribeiro: O Grande hotel de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1164. Ano X. 12 março 1921, p. 1.

Ainda ao primeiro nível, o corpo das torres era marcado por dois pares de janelas, que espacialmente eram separadas pelo pórtico. Além dos vãos existiam ao nível inferior respiradores. Note-se que estes serão um elemento que se repetirá ao longo da composição, sendo recorrentes em todo o edifício. Superiormente, todo este conjunto do rés-do-chão era ladeado por um friso decorado.

No desenvolvimento ascensional da restante fachada é sempre realizada a distinção entre os dois corpos das torres e o corpo central que se elevava e salientava pelo uso das pilastras. Estes elementos davam enfâse ao corpo central e respetiva entrada.

O segundo nível, regia-se pelas janelas já existentes do primeiro, repetindo-as simetricamente. Neste sentido, as torres eram constituídas por dois pares de janelas de sacada, em cada lado do volume central, apetrechadas com a respetiva sacada e balaustrada. Estas eram trabalhadas em consonância com a balaustrada presente ao segundo nível — terraço do pórtico —, ou seja, era intercalada entre motivos geométricos e pedestais.

O centro pautava-se por três janelas rasgadas que estabeleciam a ligação entre o terraço assente no pórtico e a sobreloja. Todas as janelas do segundo registo eram ornamentadas por um friso esculpido, na parte superior, semelhante aos existentes no Palace Hotel de Coimbra, cujos frisos apresentavam motivos vegetalistas. Esta composição ornamental dava aso às sacadas do terceiro registo.

Simétrico e semelhante ao segundo patamar, este nível apenas se diferenciava em alguns elementos decorativos presentes nas sacadas. Assim, no corpo das torres as guardas das sacadas apresentavam uma mistura entre o ferro forjado trabalhado com formas geométricas e a pedra que servia apenas como remate exterior da sacada. Esta composição era idêntica à existente no terceiro nível do Hotel Astória. A encimar os vãos existiam pequenos frisos retangulares ornamentados com motivos neoclássicos.

Ainda ao terceiro nível, o corpo central era constituído pelas três janelas rasgadas que se distanciavam esteticamente das demais, quer pelas sacadas retangulares rematadas nas extremidades por dois pedestais encimados com elementos esféricos, quer pelas molduras ornamentadas de forma semelhante às janelas do «Palace Hotel de Coimbra», com apontamentos neoclássicos esculpidos. Tal como as janelas do segundo registo, as do terceiro eram encimadas por frisos retangulares, na qual se destacavam medalhões no centro.

Entre o quarto e quinto registo apenas difere a tipologia das grades das sacadas, dado que a disposição dos vãos se mantém em consonância com os níveis inferiores. As guardas

destas varandas eram compostas somente em ferro forjado que se entrançavam e delineavam figuras geométricas, sendo predominante no quarto nível o círculo e no quinto a fusão entre o círculo e a linha reta.

No nível superior, toda a fachada era rematada por uma arquitrave e um friso que se estendia ao corpo do hotel, abarcando-o na sua totalidade. Trabalhado de forma minuciosa, o friso apresentava elementos esculpidos sobretudo de foro neoclássico como volutas, medalhões e folhas de acanto. Esta composição parecia representar uma edificação grega pelo uso das pilastras, arquitrave, friso e frontão triangular.

As pilastras do corpo central estendiam-se desde o terceiro registo até à arquitrave, com o seu fuste trabalhado de forma linear e o capitel coríntio. A fração do friso que encimava este volume, contrariamente ao restante, apresentava a denominação Grande Hotel, de forma similar ao Hotel Avenida, ou seja, esculpido. Todo este corpo central alongava-se verticalmente com auxílio de um frontão triangular. O mesmo, enquadrado nas extremidades por dois pedestais e duas urnas, conferia ênfase à zona mais central onde sobressaía o brasão de Portugal, através da repetição simétrica da composição dos pedestais com urnas. No topo do frontão, uma haste suportava a bandeira portuguesa.

À semelhança do corpo central, as torres também eram adornadas por pilastras, que arrancavam no terceiro registo até culminar na arquitrave. Por sua vez, distinguiam-se das assentes no corpo central pelo fuste e pelo capitel, dado que, em oposição, dispunham de uma constituição mais simples ostentando um capitel dórico e um fuste simples.

Também encimadas pela arquitrave e pelo friso, as torres eram projetadas por balaustradas, trabalhadas de forma semelhante às sacadas do terceiro registo, intercaladas com pedestais. Estes últimos elementos, davam sustento a quatro colunas, em cada uma das torres, com capitéis esculpidos e fustes canelados. Representando quase que uma construção isolada, as colunas, por sua vez, serviam de base a uma arquitrave e um friso todo trabalhado escultoricamente, e rematado, no registo superior, por duas cúpulas bulbosas. As mesmas eram ladeadas por ornamentos que parecem ser trabalhados em ferro forjado.

Note-se que o formato destas cúpulas não é de todo comum em Portugal, denotando um traçado quase neomourisco. Neste sentido, o próprio formato circular das torres parece assemelhar-se à composição de dois minaretes, imprimindo largamente um traçado árabe no edifício. Refira-se a título comparativo as cúpulas da Praça de Touros do Campo Pequeno em Lisboa. Apesar de apresentarem uma composição idêntica, as cúpulas do hotel denotam um

traçado mais vertical e sumptuoso, parecendo ser resultado das várias viagens do arquiteto, pela mistura entre as cúpulas russas e islâmicas. Para tal, e como comparação, veja-se a Igreja de Fiódorovskaya, em Yaroslavl, ou da mesma cidade, a Igreja de Dormition.

O corpo do hotel (Fig. 49) é facilmente dividido em quatro volumes. Um primeiro que, estruturalmente e esteticamente se apresenta semelhante ao volume central da fachada, contíguo às torres circulares. Este era composto ao rés-do-chão pelo corpo em silharia de junta fundida, no segundo nível dava acesso ao pátio superior do pórtico e nos registos superiores era totalmente simétrico ao corpo central da fachada, quer pelas sacadas quer pelas pilastras coríntias.

Na sua disposição horizontal, seguia-se o segundo volume vinculadamente destacado em relação ao restante conjunto. O mesmo era totalmente revestido a silharia de junta fendida e delineado por quatro filas de três janelas, que se pautavam em simetria com as demais. Ao invés de terem como funcionalidade o usufruto dos hóspedes, estas serviam como forma de iluminar a escadaria que se desenvolvia verticalmente e dava acesso aos pisos superiores. A rematar este volume, um pequeno frontão triangular era ladeado por duas urnas, e suportado, ao nível inferior, pelo friso e pela arquitrave.

Note-se, que esta disposição da escadaria poderá ser comparada à estrutura do «Hotel dos Caminhos de Ferro», dado que, tal como já tinha avançado, esta parte do imóvel apresenta algumas semelhanças estéticas e funcionais. Tais características vêm reforçar a tese de que o Hotel dos Caminhos de Ferro possuía uma estrutura bastante semelhante à dos Grandes Hotéis.

A terceira parte do edifício era delineada por quatro filas de janelas, sendo as três superiores destinadas a quartos de hóspedes e o primeiro registo para um estabelecimento. Tendo como base o desenho das fachadas laterais no primeiro nível, abriam-se onze vãos que aparentam ser separados entre si por pilastras de fuste canelado. No entanto, numa análise ao croqui do hotel, destaca-se neste nível um pequeno pórtico coberto, voltado para o rio.

Há que ter em conta que as janelas são projetadas em conformidade com a funcionalidade, e neste nível todo o conjunto foi projetado para albergar um café com esplanada, fator que explica a amplitude das mesmas e a existência de um décimo segundo vão, localizado na extremidade do corpo, idealizado para ser uma porta de acesso ao parque ajardinado e esplanada. No cimo, cada abertura era destacada por um elemento circular,

possivelmente esculpido, numa espécie de arquitrave que era encimada, —quase que repetindo o remate superior do edifício— por um friso todo esculpido.

Os outros registos destinados, ao nível interior, a aposentos dos hóspedes denotam um carácter mais privado. Neste sentido, contam-se três fileiras de doze vãos, cada um apetrechado por uma sacada cuja tipologia se distingue de piso para piso, repetindo o corpo central da fachada. Ou seja, num primeiro registo as sacadas são compostas por uma balaustrada cujas extremidades são rematadas por dois pedestais encimados por dois elementos esféricos; ao segundo registo a guarda passa a ser só em ferro forjado trabalhado que forma elementos circulares; no último registo a sacada torna-se mais simplista, em ferro forjado trabalhado de forma geométrica com linhas retas e circulares. Estes registos eram delineados pelas pilastras, que simétricas às do registo inferior, separavam as aberturas e, esteticamente, davam suporte ao entablamento superior. Nesta zona, a parte mais central do edifício, o hotel era rematado por uma balaustrada que, ao invés de ser rematada por urnas, era por elementos esféricos.

A última parte integrada no corpo horizontal do hotel, era delineada em comunhão com o restante edifício, dispondo na mesma linha, as quatro filas de vãos. Ao primeiro registo, no corpo em silharia de junta fendida três vãos rasgados, opunham-se às restantes aberturas pelo arco de volta perfeita. Este conjunto parece assemelhar-se ao primeiro registo do Hotel Astória. Superiormente os três registos eram destinados a quartos de hóspedes, sendo apetrechado por três filas de três janelas. Note-se que as três janelas centrais apresentam dimensões diferentes das demais, dado que as mesmas não seriam destinadas a iluminar os quartos, mas sim o corredor.

A fachada posterior (Fig. 45) fora projetada composicionalmente semelhante à principal, sendo apetrechada por um pórtico (Fig. 53) na zona mais central, conferindo destaque à porta principal das traseiras. Em oposição ao pórtico da fachada, este era apenas suportado por colunas jónicas, oito no total, que suportavam um entablamento com o friso ornamentado por grinaldas e tríglifos. Superiormente, e de forma simétrica à localização das colunas, o pórtico era rematado por elementos esféricos.

A restante fachada, visivelmente mais recuada, era delineada em consonância com o restante complexo arquitetónico, ou seja, pelos quatro registos. Num primeiro nível, contam-se nove vãos, oito deles janelas esteticamente iguais às da última parte constituinte do corpo do hotel. No centro, abria-se a porta para o parque, sucedida por uma escadaria acompanhada

nas extremidades por uma balaustrada. Os três registos superiores reproduzem estrutural e esteticamente a parte mais central do corpo do hotel, refletindo a sua funcionalidade enquanto quartos para hóspedes. Superiormente toda esta parte da retaguarda era encimada por urnas, contando-se dez no total na qual faziam parte da balaustrada que resguardava o topo do hotel.

Pelo interior, o hotel era constituído por uma cave (Figs. 43 e 44) reservada sobretudo aos armazéns, albergando, como menciona a memória descritiva, “os serviços do hotel e um bar no género americano para os hóspedes”⁴⁰⁶. Numa leitura das plantas, o bar era localizado na primeira divisão, achando-se acessível aos hóspedes. Contrariamente, os espaços que sucediam este compartimento eram reservados aos empregados dividindo-se sobretudo em arrecadações, dispensas subdivididas para cristais, pratos e pratos, salas de jantar e casas de banho somente para empregados, cozinha, lavanderia e outros. Note-se a existência de uma barbearia neste nível, localizada na zona interdita aos hóspedes, ou seja, seria destinada aos empregados. Será curioso constatar que a chaminé da cozinha, elemento bastante saliente na seção longitudinal A.B., se localizava, não na cozinha, mas no compartimento a seguir, nos Wc. De modo hipotético, dada a sua localização, a chaminé podia ser utilizada pela cozinha e pela casa de banho, servindo como extrator de vapor e de cheiros, ou podia servir igualmente para aquecer o ambiente do WC, pese embora a inexistência de qualquer elemento ou descrição que aborde tal opção.

Acedia-se das caves ao rés-do-chão através dos ascensores que percorriam todos os níveis ou pelas escadarias, uma localizada do lado rio para usufruto dos hóspedes e outra do lado da Estrada da Beira, exclusiva para os funcionários. Dado o desaparecimento da planta referente a este nível, a sua análise é baseada nas secções e na memória descritiva.

Segundo a mesma, este nível, era constituído por “um grande vestíbulo circular um magnífico *hall* com cobertura de vidro, tendo ao fundo o vastíssimo restaurante e do lado do rio um grande café com acesso também pelo lado exterior. Do lado da Estrada da Beira dois amplos salões e uma sala para música”⁴⁰⁷.

Após atravessar o pórtico da fachada, o hóspede entrava no *hall* de entrada que seria sucedido pelo grande vestíbulo circular, observável na Seção Transversal C.D., composto por

⁴⁰⁶ Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal: *memória descritiva do projeto do Grande Hotel de Coimbra*. Lisboa. Novembro 1921, p. 2.

⁴⁰⁷ Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal: *memória descritiva do projeto do Grande Hotel de Coimbra*. Lisboa. Novembro 1921, p. 2.

oito colunas de fuste canelado. O mesmo repetia-se, com o pé direito mais reduzido, ao longo dos níveis superiores mantendo a mesma configuração. Nas laterais deste espaço situavam-se as escadarias, mencionadas anteriormente, que permitiam o acesso direto do *hall* ao bar das caves ou aos pisos superiores. Ressalve-se que os corrimões da escadaria do lado do rio — ou seja a destinada aos hóspedes — é totalmente ornamentada, repetindo os elementos da balaustrada que encima o pórtico exterior, cujo terraço se acede pela sobreloja. Depois desta zona do vestíbulo existiam os dois ascensores que percorriam verticalmente todo o edifício e antepunham o denominado “*hall*”.

O ponto central deste piso seria um grande “*hall*”, cuja a análise será baseada na secção Longitudinal A.B.. Sumptuoso e em forma de elipse, comunicava diretamente com todas as salas e compartimentos, constando como ponto central e de passagem fulcral no hotel. Abria-se para os compartimentos através arcos de volta perfeita, intercalados entre si por colunas. As mesmas serviam de base a um friso semelhante ao do peristilo da fachada posterior, e a uma cúpula envidraçada.

Esta composição apresenta-se de forma idêntica ao *hall* do Palace Hotel Madrid (Fig. 51), algo que é confirmado pelas fontes jornalísticas ao declararem que, “na sua disposição interior serve como modelo o Palace-Hotel de Madrid”⁴⁰⁸. Neste sentido importa comparar o projeto de ambos, sobretudo a zona do *hall*.

No projeto do Grande Hotel de Coimbra, na Secção Longitudinal A.B. (Fig. 52), existe uma abertura no centro do edifício que parece ser concebida mormente para iluminar a cúpula do *hall*, porém iria possibilitar também a abertura de janelas nos restantes andares voltadas para o interior. Esta composição repete-se no Palace Westin de Madrid — conhecido nos anos 20 como Palace Hotel de Madrid —, na qual se pode verificar através de uma vista aérea. A mesma apresenta no interior e centro do edifício um elemento arquitetónico redondo, cujo formato nos remete a uma claraboia. Através da análise da planta do Palace Hotel confirma-se que aquele compartimento se trata de um *hall* envidraçado, edificado no rés-do-chão.

Será plausível avançar com a tese de que o Grande hotel de Coimbra se trata de uma repetição ou cópia, a nível do interior, do Palace. Neste sentido, veja-se a título comparativo o *hall* envidraçado e edificado no Palace Westin e o *hall* no projeto do Grande Hotel. Ambos

⁴⁰⁸ ARROBAS, João Ribeiro: Em Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1069. Ano X. 19 outubro. 1920, p. 1.

apresentam uma composição semelhante, são suportados por dois pares de colunas intercalados pelas entradas e possuem um friso trabalhado, pese embora sejam desconhecidas as características da cúpula, a do Grande Hotel deveria aproximar-se à do Palace, ostentando vitrais coloridos e ornamentados com elementos neoclássicos.

Do lado direito do *hall*, ou seja, voltado para o rio, existia o já mencionado café, que usufruía da esplanada e permitia a ligação entre o interior e exterior do imóvel. A suceder este espaço central existia o restaurante. Localizado na zona posterior do hotel, tinha, à semelhança do café, acesso pelo exterior através do, já mencionado, peristilo da fachada posterior. Do lado da Estrada da Beira, além do salão de música, existia uma sala para festas e outra sala de bilhar⁴⁰⁹.

A sobreloja (Figs. 41 e 42), ocupava apenas parte do edifício. Neste sentido, note-se que o segundo registo de vãos na fachada Principal não se prolonga no corpo do hotel ou na fachada posterior, pois visava prover iluminação natural somente à sobreloja. Segundo a memória descritiva, este piso era composto por “instalações necessárias para a delegação da Administração da Sociedade, gerência do hotel, habitação do Director e sua família, (...) instalações do serviço, além do cabeleireiro para os hóspedes, homens e senhoras, lavabos e W.C.”⁴¹⁰.

Este nível era acedido, por parte dos hóspedes, através dos ascensores ou pela escadaria localizada ao lado do rio. Ao subirem, encontravam o vestíbulo circular que constitui neste andar o ponto mais central e de acesso aos compartimentos. Do lado do rio as divisões eram destinadas ao cabeleireiro, W.C. salão para receber e lavabos, em contrapartida no lado oposto, existia o cuidado de reservar a rouparia e alfaiataria aos empregados, dado que a escada destinada aos mesmos, se situava na rouparia.

Na zona da fachada principal, as torres eram aproveitadas na sobreloja para albergar do lado direito um gabinete, e do lado esquerdo a gerência do hotel. Depois destes compartimentos existia ainda ao centro uma sala para conselhos (ou seja, para reuniões), que dava acesso direto ao terraço, uma sala de arquivo e uma secretaria.

Além desta primeira parte da sobreloja, existiam ainda outros compartimentos em redor da cúpula do *hall* que eram exclusivamente destinados às entidades gerentes do hotel.

⁴⁰⁹ ARROBAS, João Ribeiro: Os grandes melhoramentos de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1117. Ano X. 15 fevereiro 1921, p. 2.

⁴¹⁰ Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal: *memória descritiva do projeto do Grande Hotel de Coimbra*. Lisboa. Novembro 1921, p. 2.

Com o acesso reservado no rés-do-chão, nesta zona existiam quartos e, em específico, um quarto para o diretor, salas e salas de jantar. Note-se que esta parte era igualmente apetrechada por vãos que permitiam a iluminação natural, algo que a Secção Longitudinal A.B. mostra ao representar parte de um compartimento e a respetiva janela.

Os três andares seguintes eram na íntegra destinados a quartos de hóspedes (Figs. 39 e 40). Segundo a memória descritiva “em cada andar haverá 40 quartos todos com lavabos e 15 tendo anexo quarto de banho. Os quartos que ocupam a parte mais estreita do gaveto constituem verdadeiros *apartements* de luxo. Também se acham projetados três salões em cada antas destinados a recepção para os hóspedes que não desejem descer ao rés-do-chão”⁴¹¹.

Ao analisar a planta referente aos andares, é possível dividi-la em três partes: uma referente à fachada, outra que corresponde ao corpo do hotel e uma terceira que ocupa a parte posterior do hotel. A primeira apresenta um amplo salão que se localizava no centro da fachada apetrechado por uma sacada, nas laterais existiam *boudoirs*, salas sobretudo comuns na tipologia dos Palaces, pois pretendiam representar os antigos quartos de vestir dos palácios. Cada uma estava ligada ao quarto que existia na torre. Cada um destes quartos era ainda equipado por um guarda roupa e uma sala de banho. A parte posterior delineada pelo vestíbulo circular, apresentava-se, tal como na sobreloja, como ponto central de acesso ao piso. Assim, era antecedido pelos ascensores e nas laterais pelas escadas, de um lado as dos hóspedes e do outro as dos empregados.

A zona que se sucedia apresentava-se constituída por dois enfiamentos de quartos, separados pela abertura central que permitia a iluminação dos corredores pelo abrir de janelas para o interior do hotel. Estes vinte quartos, dez voltados para o Rio Mondego e outros dez para a Estrada da Beira, eram apetrechados por uma sacada e lavabos. O último quarto de cada lado era de maiores dimensões e assim equipado por um quarto de banho e lavabos.

A última parte era constituída por sete quartos que se alinhavam de acordo com a fachada posterior, sendo cada um apetrechado por uma sacada, e mais cinco quartos opostos a estes, voltados para a abertura central e interior do edifício. Todos estes compartimentos eram dotados ora por lavabos, ora por casas de banho. Nas extremidades da fachada posterior

⁴¹¹ Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal: *memória descritiva do projeto do Grande Hotel de Coimbra*. Lisboa. Novembro 1921, p. 2.

existiam salas, que seriam hipoteticamente as salas referidas na memória descritiva. Ressalve-se que em três dos quartos o arquiteto desenhou como seria a sua composição interior.

Na parte superior todo o hotel era rematado pela já mencionada balaustrada, isto porque, tal como descrito na memória descritiva, “na parte superior do edifício far-se-há um terasso (roof-garden)”⁴¹².

De um modo geral, o hotel ia usufruir de comodidades tais como iluminação a luz elétrica, água quente e fria em todas as casas de banho, aquecimento central, ventilação das instalações, monta cargas perto das escadas reservadas aos empregados, entre outras.

Todo este aparato arquitetónico, exterior e interior, iria suprimir a enorme falta que Coimbra sentia de ter um Grande Hotel. Contudo, existe alguma contradição entre a denominação e a tipologia arquitetónica, colocando em aberto a discussão sobre as tipologias hoteleiras. Este hotel pretendia ser inserido na tipologia de um Grande Hotel, no entanto, o mesmo apresenta características próprias dos Palace Hotéis. De facto, sendo concebido numa configuração muito próxima do Palace Hotel Madrid, e apresentando, tal como o referido, um projeto construído de raiz, não aproveitando nenhuma estrutura pré-existente, este hotel foi planeado para conter a sumptuosidade e os compartimentos típicos dos Palaces, como o *Boudoir*, fundidos na dimensionalidade de um Grande Hotel. Desta forma, podemos concluir que o hotel acaba por juntar duas tipologias, a do Grande Hotel pelos equipamentos, pela dimensão e por alguns compartimentos, nomeadamente os reservados na sobreloja aos gerentes e a tipologia dos Palaces, pela arquitetura e toda composição interior.

3.3. Dos pequenos Hotéis à utopia do Grande Hotel

O projeto do Grande Hotel de Coimbra engloba uma série de características e preocupações que estão diretamente relacionadas com as condições que eram exigidas no Decreto lei número 1121 de 28 novembro de 1914. Relembro que o mesmo previa a isenção de impostos e a atribuição de prémios, como forma de estímulo à construção hoteleira, estabelecendo, porém, algumas regras em relação à edificação. Segundo o decreto, os hotéis teriam que ser edificadas de forma a ficar isoladas das construções urbanas, albergar mais de

⁴¹² Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal: *memória descritiva do projeto do Grande Hotel de Coimbra*. Lisboa. Novembro 1921, p. 3.

cem quartos que necessitavam de receber luz e ar, diretos do exterior, oferecer instalações sanitárias, esgotos, ventilação e aquecimento central em todos os andares, prover salas de leitura e recreio, iluminar todos os compartimentos a luz elétrica e instalar ascensores em edifícios que ultrapassassem o primeiro andar⁴¹³.

Neste sentido importa lembrar que nenhum hotel em Coimbra reunia todas estas condições. Grande parte deles, fruto de construções anteriores ao século XIX, mantinham a mesma estrutura e as mesmas condições, gerando por vezes sérias críticas à hotelaria Coimbrã.

A cidade de Coimbra não possuía um grande hotel, mas, em contrapartida, para colmatar essa falta existiam vários estabelecimentos. Assim que realizada a proposta para edificar um hotel de grandes dimensões, a Câmara apresentou-se logo disposta a aceitar o projeto apresentado todas as facilidades e colaborando ativamente com a SDPC e a SGHP. Contudo, o hotel não se materializou.

A 11 de março de 1922, a SGHP pagava a terceira e penúltima prestação da compra do terreno⁴¹⁴, informando que as obras iriam iniciar nesse mesmo ano e nesse mês, março, a última prestação (22 contos) vencia-se a 10 de setembro⁴¹⁵. Por esta altura, a Câmara já tinha recebido 65.756\$25, por parte da empresa construtora, porém não avançava com as obras de requalificação e transformação do espaço.

A 3 de agosto de 1922, o jornal a *Gazeta de Coimbra* informa que a Câmara mandara realizar algumas obras na Ínsua dos Bentos para edificações. Porém, após serem realizados os alicerces, verificou-se que essas obras estavam a ser realizadas no terreno destinado ao Hotel⁴¹⁶. As mesmas paralisaram alguns dias depois para a extração da água do rio dado que, por falta de verba, a cidade estava sem iluminação elétrica⁴¹⁷. Além da ocupação indevida do terreno, nesta notícia dá-se conta de que a Câmara estava com pouco capital para investir.

Neste sentido, importa revelar alguns factos e lançar algumas hipóteses sobre as razões da não edificação do hotel, dado que o projeto já tinha sido aprovado pela Câmara

⁴¹³ Ministério do Fomento: Decreto Lei nº 1:121. I Série. Nº 225. 2 dezembro 1914.

⁴¹⁴ ARROBAS, João Ribeiro: o Hotel de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1276. Ano XI. 11 março 1922, p. 2.

⁴¹⁵ ARROBAS, João Ribeiro: Progressos de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1342. Ano XII. 22 agosto 1922, p. 1.

⁴¹⁶ ARROBAS, João Ribeiro: Mais para o rol. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1334. Ano XII. 3 agosto 1922, p. 3.

⁴¹⁷ ARROBAS, João Ribeiro: Camara Municipal. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1340. Ano XII. 17 agosto 1922, p. 1.

Municipal, o arquiteto tinha o projeto realizado e a SGHP estava apta à sua construção. Num dos pontos assinalados no decreto 1121, refere-se a necessidade de o projeto ser aprovado pelo Ministério do Fomento, porém apesar do mesmo ter sido reencaminhado para a entidade, em 1924 continuava por aprovar.

Ao realizar um esforço interpretativo e comparativo da fachada, é de notar a inexistência de qualquer imóvel edificado em território português com um traçado similar. Contudo, ao realizar um levantamento dos projetos realizados pelo mesmo autor, é possível equiparar o projeto do Grande Hotel de Coimbra a um hotel projetado um ano antes, 1920, para Lisboa denominado de Grande Hotel de Lisboa. Ambos apresentam uma composição idêntica, sendo compostos no rés-do-chão por um pórtico, e ao nível superior por duas torres que ladeiam o edifício e um frontão triangular, a rematar o centro. Tenha-se em conta que além das várias características arquitetónicas que permitem confrontar os projetos, tanto um como outro acabaram por não ser edificados o que levanta algumas questões de natureza política.

Os dois parecem ter sido concebidos como símbolos marcantes da arquitetura espanhola em pleno território português. Como exemplo veja-se um conjunto arquitetónico que marca o expoente máximo do regionalismo Espanhol, a Praça de Espanha em Sevilha⁴¹⁸. Construída em 1928 sobressai, na praça, a composição central que, ao ser comparada com ambos os projetos se apresenta idêntica às fachadas, pese embora o facto de a mesma ter sido concebida após os hotéis, mas o traçado similar destas edificações remete de imediato à arquitetura eclética espanhola. Este fator poderá estar ligado ao facto de o mesmo nunca ter chegado a ser aprovado pelo Ministério do Fomento.

Em junho de 1923, a empresa construtora do hotel, SGHP, declara que está em liquidação, vendendo com isso o hotel em construção na Praia da Rocha no Algarve⁴¹⁹. Mais tarde, surge a notícia na Gazeta de Coimbra, de que por falta de pagamento da quarta prestação o contrato entre a SGHP e a Câmara fora rescindido. Apesar de todos os esforços por parte da entidade construtora, a Câmara recusou-se a receber qualquer representante,

⁴¹⁸ Sobre este tema veja-se, entre outros: Kenneth Frampton: *Towards a Critical Regionalism: Six Points for na Archicheture of Resistance*, in FOSTER, Hal. *The Anti-aesthetic: essays on postmodern culture*. Washington: Bay Press, 1983.

⁴¹⁹ ARROBAS, João Ribeiro: O Hotel dos Bentos. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1456. Ano XII. 2 junho 1923, p. 1.

declarando que o terreno da Ínsua dos Bentos, adjudicado a 10 de março de 1921 à empresa, ficaria a cargo da Câmara⁴²⁰.

É necessário reforçar a tese de que a entidade pública não se encontrava em condições de sustentar um projeto de tal envergadura, deixando-o ao encargo, desde o início, de uma sociedade particular. Porém, apesar da mesma ter declarado falência em 1924, o projeto já estava realizado e os estaleiros prontos para iniciar a construção. Tratando-se de um projeto tão aclamado e rentável, podia ter sido entregue a outra entidade ou empresa, porém foi abandonado.

Tenha-se em consideração que anos mais tarde, entre 1923-1926, foi edificado num local oposto à Ínsua dos Bentos o Hotel Astória. Ao invés de se reaproveitar o projeto, a companhia *A Nacional*, preferiu elaborar um novo projeto, que ia de encontro de uma estética eclética afrancesada, característica dos inícios da *Belle Époque*.

Neste contexto será pertinente analisar a edificação da tipologia dos Grandes Hotéis no território português. Tenha-se em conta que no contexto Europeu a tipologia dos Grandes Hotéis era uma das mais difundidas e edificadas durante inícios do século XX, contudo no panorama português, esta tipologia foi utópica. A maioria dos casos relatados no primeiro capítulo adaptava a denominação não chegando por vezes aos cinquenta quartos, pelo que, salvo a edificação de um ou dois, como o Grande Hotel Vidago, Portugal vivia muito em torno dos Palaces e dos Hotéis de pequenas dimensões. Estes últimos eram justificados em parte pelos vários fatores políticos e económicos.

Contudo, foram realizados vários projetos, entre eles o Grande Hotel de Lisboa e o de Coimbra, ambos projetados em 1920 pelo arquiteto Eduard Ferrés I Puig, e não concretizados. Tais aspetos levam a refletir sobre as questões estéticas hoteleiras.

A opção estética no caso do Grande Hotel de Coimbra pode ter sido escolhida para dar ao espaço alguma familiaridade com os modelos então existentes, procurando oferecer ao público estruturas que, apesar de modernas, se mostravam idênticas às conhecidas, algo natural da arquitetura do início do século em Portugal. Durante viragem de século e ao longo de todo o século XX, indústria e a modernidade dividem o público e as entidades nacionais, existindo a necessidade de agradar a ambos criando estruturas modernas revestidas de

⁴²⁰ ARROBAS, João Ribeiro: Interesses de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1459. Ano XII. 9 junho 1923, p. 2.

elementos que preservem e conservem o gosto anterior, que é conhecido e familiar⁴²¹. De facto, vamos encontrar este tipo de adaptação em estruturas diversas, ao longo da viragem para o século XX, citando-se a título de exemplo a Estação do Rossio, em Lisboa ou o Elevador de Santa Justa.

Deste modo, torna-se pertinente questionar se a opção de “forrar” o Grande Hotel de Coimbra com elementos característicos dos Palace foi uma escolha ponderada para conciliar as características modernas e importadas da primeira tipologia com as conhecidas e aceites pelo público nacional da segunda, amplamente explorada em território nacional, mantendo-se atrativa para a camada que de modo geral o procurava à data, a nova burguesia.

Colocada de parte a ideia de construir o hotel, a Câmara acabou por cumprir a parte do acordo em que se propunha a ajardinar e transformar o Campo dos Bentos num grande parque. Desta forma nomeou uma comissão formada pelos engenheiros Abel Urbano, Jorge Lucena e Luís Carriço⁴²², a qual elegeu um dos mais importantes paisagistas do país para a realização do projeto, Jacinto de Matos⁴²³. As obras começaram logo em 1924, com a mudança do coreto que se situava à frente do Coimbra-Hotel para o centro do novo parque⁴²⁴, prevendo a construção de vários lagos e fontes tornando-o num dos mais belos parques de Portugal⁴²⁵. Inaugurado em 1927, ficou denominado Parque Dr. Manuel Braga devido a todo o investimento e promoção que o mesmo lhe havia dedicado⁴²⁶. Assim que foi terminado, a Câmara realizou outro parâmetro do acordo e utilizou parte do dinheiro dado pela SGHP para transformar a Avenida Sá da Bandeira e todo o Parque de Santa Cruz⁴²⁷.

Recordando a já mencionada necessidade latente, no final do século XIX e inícios de XX, de construir um grande Hotel em Coimbra, é conveniente salientar que este problema seria solucionado pela proposta apresentada. No entanto, uma estrutura que há muito era

⁴²¹ PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte Portuguesa: do Barroco à Contemporaneidade*, Volume III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, p. 485-499.

⁴²² ARROBAS, João Ribeiro: O projeto dos aformoseamentos do Campo dos Bentos. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1522. Ano XIII. 8 novembro 1923, p. 4.

⁴²³ ARROBAS, João Ribeiro: Melhoramentos de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1550. Ano XIII. 19 janeiro 1924, p. 2.

⁴²⁴ ARROBAS, João Ribeiro: vida na cidade. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1549. Ano XIII. 17 janeiro 1924, p.1.

⁴²⁵ ARROBAS, João Ribeiro: O Parque da Cidade. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1553. Ano XIII. 26 janeiro 1924, p. 1.

⁴²⁶ ARROBAS, João Ribeiro: O parque da cidade. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 2006. Ano XVI. 17 fevereiro 1927, p.1.

⁴²⁷ ARROBAS, João Ribeiro: O parque de Santa Cruz. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra Nº 2146. Ano XVII. 21 janeiro 1928, p. 1.

esperada não foi concretizada, pelas várias condicionantes apresentadas, acabando por ser esquecido numa pasta do arquivo da Câmara e prevalecendo aos dias de hoje como um hotel em 2D.

Conclusão

O hotel, enquanto elemento fulcral do turismo, é um dos principais estímulos da prática, servindo como cartão de visita à própria cidade onde está instalado. O seu conceito transformou-se ao longo do tempo e as diferentes comodidades e tipologias que assumiu permitem traçar e conhecer as transformações sociais a que este equipamento procurou dar resposta.

Antes de abordar os primórdios do hotel, como imóveis essenciais à prática turística, importa compreender e sinteticamente caracterizar o conceito de turismo. É na modernidade que são lançadas não só as bases para o conceito de hotel, mas também para o conceito de turismo e vilegiatura que servem de base ao património hoteleiro.

O turismo, visto numa primeira abordagem enquanto novo recurso económico, acaba por marcar o início de uma nova era no território nacional, desenvolvendo-se, sobretudo nos inícios do século XIX através das várias viagens realizadas fora do país nomeadamente por Leonildo de Mendonça e Costa, considerado pai do turismo português.

Ao realizar essas inúmeras viagens pela Europa, Leonildo de Mendonça e Costa acaba por constatar diferentes formas de conceber e potenciar o turismo, em relação ao que ocorria no panorama português. Assim, em 1906, com base em modelos europeus, funda a SPP, organismo de cariz particular e sem fundos lucrativos que acaba por desencadear uma nova visão sobre o turismo e as estâncias de vilegiatura, conceitos que, em Portugal, ao contrário de vários países no contexto europeu, apresentavam um certo estragamento e até retrocesso.

Este organismo tornou-se pioneiro no que concerne ao turismo nacional, dado que tentou implementar uma série de medidas que pretendiam o desenvolvimento da prática turística tendo como modelo a Suíça e a França, conhecidas a nível mundial como estâncias de vilegiatura.

Constituída por várias entidades, sobretudo provenientes da burguesia, a SPP foi responsável por e/ou estimulou vários projetos, nomeadamente o desenvolvimento dos transportes, a redação de guias sobre Portugal, a elaboração de leis que priorizavam a construção hoteleira e várias infraestruturas vinculadas ao turismo.

Ao serem incutidas estas novas ações pode-se concluir que de forma direta e indireta a SPP desenvolveu um papel fundamental na modernização do país, alterando a perspetiva de Portugal, contribuindo para mitigar a visão de um país no canto da Europa e para lançar a imagem de um país como centro de ligação da Europa com o mundo.

Para além da SPP, importa ter em conta o surgimento de diversas sociedades de cariz privado que, ao verem o turismo como um investimento rentável, tentaram ter sucesso pela construção hoteleira ou pela propaganda do território. É neste contexto que surge a Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal (SGHP), fundada em 1919 por várias entidades ilustres.

Considerada a terceira cidade mais importante do território nacional, Coimbra conheceu desde cedo a vasta afluência turística. Contemplada por vários pontos de interesse que permitiram o rápido crescimento turístico, a cidade conheceu vários planos de transformação desde o século XVIII ao século XX. Estas transformações em redor da malha urbana visavam a modernização da cidade, que permanecia com a sua malha quinhentista, e a sua adaptação como centro turístico. Grande parte destas intervenções devem-se sobretudo à SDPC.

Filial da SPP, foi fundada em 1909, constituindo um projeto pioneiro a nível local. Tinha como objetivos fomentar e divulgar a cidade, pela intercessão junto das entidades governativas, ou seja, atuava de forma indireta transmitindo a voz da sociedade civil. Dentro dos principais feitos alcançados, destaque-se a implementação da viação elétrica, a larga promoção das festividades locais e a divulgação da cidade por intermédio da realização de excursões.

Atuando de forma semelhante à SPP, esta sociedade também contribuiu ativamente no desenvolvimento turístico, pelo fomentar do empreendimento hoteleiro e estímulo à edificação de infraestruturas necessárias ao turismo.

Há que ter em conta que as primeiras estruturas hoteleiras tiveram um papel fulcral no que concerne ao desenvolvimento quer económico quer urbanístico. Mais do que complexos essenciais à prática turística, a hotelaria coimbrã dos séculos XIX e XX, contribui na atualidade para um melhor entendimento sobre o desenvolvimento arquitetónico hoteleiro essencialmente em Coimbra.

No total contam-se oito hotéis, entre o século XIX até ao século XX. Contudo, nenhum deles correspondia aos novos decretos sobre hotelaria lançados sobretudo a partir de 1914,

que vinham defender a visão moderna da hotelaria em oposição às antigas hospedarias. Fundados sobretudo nos inícios do século XVIII, eram alvos de sérias críticas referentes às condições higiénicas e de recreio, apresentando também um número de quartos reduzido. Porém, note-se que a maioria das críticas provinham de turistas estrangeiros, habituados a outro tipo de conforto, assim, os hotéis de Coimbra apresentavam-se em conformidade com o padrão nacional, sendo por vezes inclusive, elogiados pela SPP, como os melhores hotéis da zona centro.

Dado que nenhum dos hotéis tinha capacidade suficiente para albergar o elevado número de turistas, foram surgindo várias notícias nos jornais locais, onde era expressa a necessidade de construir novos hotéis ou um Grande Hotel.

Neste sentido, a SDPC contactou com a SGHP para que a mesma se interessasse em edificar um hotel na cidade. Ao constatar a falta de um Grande Hotel em Coimbra, a sociedade demonstrou desde cedo interesse em edificar um com todas as comodidades modernas.

Projetado para a Ínsua dos Bentos, o «Grande Hotel de Coimbra» tornou-se rapidamente no assunto principal de todos os jornais da época, sendo uma ideia aclamada e desejada. Para a sua projeção foi escolhido um dos arquitetos mais famosos do século XX em arquitetura hoteleira, Eduard Ferrés I Puig. Este era visto por muitos como o melhor arquiteto de Espanha, sendo autor dos projetos do «Palace Hotel Westin» e do «Ritz», ambos de Madrid.

Assinado e concluído a novembro de 1921, o projeto foi aprovado no mesmo ano pela Câmara Municipal de Coimbra, que logo procedeu à venda do terreno à entidade construtora, sendo com isso celebrado um acordo entre a Câmara e a SGHP. No mesmo, a venda do terreno era dividida em quatro prestações, e a Câmara comprometia-se com o dinheiro a embelezar e ajardinar a parte frontal do hotel, e o Campo de Santa Cruz.

Assim que paga a terceira prestação, em 1923, começaram a ser trazidos os materiais e a ser construídos os estaleiros na Ínsua dos Bentos, porém as obras de edificação não foram mais além.

Com a grande demora da aprovação do projeto por parte do Ministério do Fomento, a edificação começou a ficar para um plano secundário, e para dificultar, a Câmara acabou por autorizar algumas construções na Ínsua dos Bentos, indo contra o acordo celebrado inicialmente. No remate final, a empresa construtora, SGHP, declarou falência, abdicando do

projeto do Grande Hotel de Coimbra, do Hotel construído na Praia da Rocha e do terreno adjudicado, a Ínsua dos Bentos.

Mais tarde, a Câmara acabaria por cumprir a sua parte do acordo e, a cargo do paisagista Jacinto Matos, foi realizado o que na atualidade é conhecido como Parque Dr. Manuel Braga. No entanto, a não edificação do hotel deixou algumas questões por responder, sobretudo o porquê do projeto não ser construído por outra empresa.

Tenha-se em conta de que dois anos mais tarde, nas proximidades da Ínsua dos Bentos, foi fundado o «Hotel Astória», edifício que começou a ser construído na mesma altura que seria edificado o «Grande Hotel». Contudo, ao invés de reaproveitar o projeto, a companhia «A Nacional» preferiu elaborar um novo projeto, que ia ao encontro com a estética eclética afrancesada, tão apreciada na época. Ou seja, a não edificação do hotel poderá estar relacionada com questões estéticas, dado que o arquiteto realizou dois projetos de dois hotéis —Grande Hotel de Lisboa e o Grande Hotel de Coimbra— e nenhum deles foi materializado.

Tais aspetos levam a refletir sobre a profusão dos Palaces e dos pequenos hotéis ao invés da edificação de um Grande Hotel. A edificação desta tipologia parece ter sido levada a cabo apenas de forma experimental no território nacional, dado que os poucos que se foram desenhando surgem na sua maioria revestidos por fachadas que se assemelham a Palaces, estética essa já familiarizada no território português em oposição aos Grandes Hotéis europeus, como o Ritz ou o Savoy, austeros, modernos e despidos de toda a exuberância exterior, primando pelo conforto interior.

Deste modo, torna-se pertinente questionar se a opção de revestir o «Grande Hotel de Coimbra» com elementos característicos dos Palace constituiu uma escolha ponderada para conciliar as características modernas e importadas da primeira tipologia com as conhecidas e aceites pelo público nacional da segunda, amplamente explorada em território nacional, mantendo-se atrativa para a camada que de modo geral o procurava à data, a nova burguesia.

Em suma importa sublinhar que a transição do século XIX para o século XX foi um período controverso. Por um lado, assistimos a diversas transformações a nível social, político e económico, onde a viagem ganha novos adeptos provenientes da burguesia e, com isso, estimula o crescimento das várias infraestruturas. Por outro, deparamo-nos com um país com pouco capital para investir, que se pretende modernizar, mas manter as raízes.

Assim, fazendo a manutenção das pequenas infraestruturas hoteleiras, de pendor familiar e modesto, a cidade de Coimbra idealizou a construção de um Grande Hotel que ao

nível internacional poderia elevar a urbe e que ao nível nacional agradasse aos paradigmas nacionais da sociedade. No entanto, por razões ainda meramente especulativas, esse projeto nunca abandonou o papel. Apesar das tentativas, a desejada estrutura hoteleira manteve-se até hoje apenas presente sob a forma de planta e alçados no arquivo da Câmara Municipal aguardando novos estudos e indícios que permitiam consubstanciar a história do utópico Grande Hotel de Coimbra.

Documentação e Bibliografia

1.1 Documentação de arquivo

Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal: Projeto do Grande Hotel de Coimbra. Lisboa. novembro 1921. Sem cota (por inventariar). Arquivo Municipal de Coimbra.

Projeto de Infraestrutura Telefónica no Hotel Bragança. 1991. Ref. 581 B-91. Arquivo Municipal de Coimbra.

Levantamento realizado pelo arquiteto António da Fonseca. Projeto de Remodelação do Hotel Mondego 1937. Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra. Sem Cota. (Por inventariar).

Companhia de Seguros, «A Nacional»: Projeto do Hotel Astória. 1681. Proc: 01/921/1944- L.O. 470/1958. Registo nº- 921/44;331/45;1098/47;1099/47;1371/47. Arquivo Municipal de Coimbra.

1.2 Documentação impressa

a) Periódicos

Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. 1916-1917. Coimbra.

Coimbra Pittoresca. 1910. Coimbra.

Diário Ilustrado. 1882-1906. Lisboa

Gazeta de Coimbra. 1911-1928. Coimbra.

Gazeta dos Caminhos de Ferro 1900-1952. Lisboa.

Notícias de Coimbra. 1907-1920. Coimbra.

O Conimbricense. 1860-1901. Coimbra.

O século. 1918-1921. Lisboa.

Resistência: órgão do Partido Republicano de Coimbra. 1895-1909. Coimbra

Revista de Turismo. 1916-1928. Lisboa

b) Artigos de Periódicos

[s. n.]. Carta de Leonildo Mendonça. *Gazeta dos Caminhos de Ferro. Lisboa.* Nº 1485. 1 novembro 1949, p. 8.

[s.n.] Para a história dos Caminhos de Ferro em Portugal. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. Nº 1154. 16 janeiro.1936 Ano XLVIII, p. 3.

[s.n.]. Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. Nº 1681. 1 janeiro 1958, p. 9 -16

[s.n.]. História da Gazeta dos Caminhos de Ferro. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. nº 1542. 16 março 1952. Ano LXV, p. 11.

[s.n.]. Notas de viagem. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. Nº 373. 1 julho 1903, p.223-224

[s.n.]. Uma grande figura contemporânea. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Lisboa. nº 1485. 1 novembro 1949, p. 1-11.

ANACLETO, Regina: Arquitectura revivalista de Coimbra. *Mundo da arte*. Coimbra. julho/agosto. 1982, p. 20-22.

ARROBAS, Diamantino Ribeiro: Coimbra e sua região. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1877. 6 de abril. 1926, p. 6.

ARROBAS, Diamantino Ribeiro: *O azeite da Cidade*. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1427. Ano XII. 22 março. 1923, p. 4.

ARROBAS, João Ribeiro: Hotel Avenida. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº748. Ano VIII. 10 agosto 1918, p. 2.

ARROBAS, João Ribeiro: Academia de Música. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1078. Ano X. 9 novembro, 1920, p. 1.

ARROBAS, João Ribeiro: Academia de música. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1103. Ano X. 11 janeiro 1921, p. 2.

ARROBAS, João Ribeiro: As festas da Rainha Santa. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 996. Ano IX. 20 abril 1920, p. 1.

ARROBAS, João Ribeiro: As Nossas informações. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1091. 9 dezembro.1920, p. 1.

ARROBAS, João Ribeiro: Câmara Municipal. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1340. Ano XII. 17 agosto 1922, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: Catolicismo e Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 962. Ano IX. 24 janeiro. 1920, p. 1

ARROBAS, João Ribeiro: Coimbra Moderna. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1268. Ano XI. 18 fevereiro 1922, p. 2.

ARROBAS, João Ribeiro: Coimbra: Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1018. Ano IX. 12 junho 1920, p. 1.

ARROBAS, João Ribeiro: Congresso da sciencia. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1735. Ano XIV. 21 abril 1924, p. 2.

ARROBAS, João Ribeiro: Em Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1069. Ano X. 19 outubro. 1920, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: Em foco: O triangulo de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1039. Ano X. 5 agosto 1920, p. 1

ARROBAS, João Ribeiro: Em vias de realização. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1412. Ano XII. 15 fevereiro. 1923, p. 1

ARROBAS, João Ribeiro: Entrevista com o Sr. Dr. Manuel Braga. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1045. Ano X. 19 agosto 1920, p.2.

ARROBAS, João Ribeiro: Exposição de todas as peças do projecto. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1243. Ano XI. 17 dezembro 1921, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: Grande exposição de fotografias. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 466. Ano V. 12 janeiro. 1916, p. 1

ARROBAS, João Ribeiro: Hotéis de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1025. Ano X. 1 julho 1920, p. 1.

ARROBAS, João Ribeiro: Hotéis de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1034. Ano X. 24 julho 1920, p.3.

ARROBAS, João Ribeiro: Hotel Astória. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1819. Ano XV.10 novembro 1925, p. 2.

ARROBAS, João Ribeiro: Hotel Astória. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1823. Ano XV. 19 novembro 1925, p. 2.

ARROBAS, João Ribeiro: Hotel avenida. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº748. Ano VIII. 10 agosto 1918, p. 2.

ARROBAS, João Ribeiro: Hotel Central. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1888. Ano XV. 1 maio 1926, p. 2

ARROBAS, João Ribeiro: Hotel Central. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1740. Ano XIV. 2 maio 1925, p. 2.

ARROBAS, João Ribeiro: Hotel Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº524. Ano VI. 25 outubro 1916, p. 3.

ARROBAS, João Ribeiro: Hotel de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1041. Ano X. 10 de agosto 1920, p.1

ARROBAS, João Ribeiro: Hotel de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1045. Ano X. 19 agosto. 1920, p.2.

ARROBAS, João Ribeiro: Inauguração do Hotel Astória. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1875. Ano XV.30 março 1926, p. 2.

ARROBAS, João Ribeiro: Interesses de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1459. Ano XII. 9 junho, p.2.

ARROBAS, João Ribeiro: Interesses e aspectos de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1009. Ano IX. 22 maio 1920, p. 1

ARROBAS, João Ribeiro: Mais para o rol. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1334. Ano XII. Coimbra. 3 agosto 1922, p.3.

ARROBAS, João Ribeiro: Melhoramentos de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1550. Ano XIII. Coimbra. 19 janeiro 1924, p.2.

ARROBAS, João Ribeiro: Melhoramentos. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1609. Ano XIII. 14 junho 1924, p. 2.

ARROBAS, João Ribeiro: Novo Hotel. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 134. Ano II. 12 outubro 1912, p. 3.

ARROBAS, João Ribeiro: Novo hotel. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº532. Ano VI. 2 setembro 1916, p. 2.

ARROBAS, João Ribeiro: O campo dos Bentos e o Parque de Santa Cruz. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1198. Ano XI. 30 agosto 1921, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: O Coreto. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1547. Ano XIII. 12 janeiro 1924, p.2.

ARROBAS, João Ribeiro: O grande hotel de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1164. Ano X. 12 março 1921, p.1

ARROBAS, João Ribeiro: O Grande hotel de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1164. Ano X. 12 março 1921, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: O Hotel de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1276. Ano XI. 11 março 1922, p.2.

ARROBAS, João Ribeiro: O Hotel dos Bentos. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1456. Ano XII. 2 junho 1923, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: O Parque da Cidade. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. nº 1553. Ano XIII. 26 janeiro 1924, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: O parque da cidade. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 2006. Ano XVI. 17 fevereiro 1927, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: O parque de Santa Cruz. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 2146. Ano XVII. 21 janeiro 1928, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: O pintor e a sua arte. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1460. Ano XII. 12 junho 1923, p. 2.

ARROBAS, João Ribeiro: O projeto dos aformoseamentos do Campo dos Bentos. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1522. Ano XIII. 8 novembro 1923, p.4.

ARROBAS, João Ribeiro: Os empatas. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1038. Ano X. 3 agosto 1920, p.2.

ARROBAS, João Ribeiro: Os grandes melhoramentos de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1117. Ano X. 15 fevereiro 1921, p.2.

ARROBAS, João Ribeiro: Os progressos de Coimbra: Hotéis de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1036. Ano X. 29 julho 1920, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: Palace Hotel. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 145. Ano II. 20 novembro 1912, p. 2.

ARROBAS, João Ribeiro: Pro Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 360. Ano IV. 2 janeiro. 1915, p. 1

ARROBAS, João Ribeiro: Progresso Local. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1022. Ano IX. 22 junho 1920, p. 1.

ARROBAS, João Ribeiro: Progresso Local. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1022. Ano IX. 22 junho 1920, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: Progressos de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1062. Ano X. 30 setembro 1920, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: Progressos de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1227. Ano XI. 8 novembro 1921, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: Progressos de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1342. Ano XII. 22 agosto 1922, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: Progressos de Coimbra: Entrevista com o Presidente da Comissão Executiva da Câmara: *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1071. Ano X. 23 outubro, 1920, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: Progressos de Coimbra: Hotéis de Turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1031. Ano X. 17 julho 1920, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: Progressos em Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1071. Ano X.23 outubro 1920, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: Reuniões íntimas. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1544. Ano XIII. 5 janeiro 1924, p. 2.

ARROBAS, João Ribeiro: Serviço de incêndios. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 854. Ano VIII. 3 maio 1919, p. 1.

ARROBAS, João Ribeiro: Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 466. Ano V. 12 janeiro. 1916, p. 1

ARROBAS, João Ribeiro: Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1089. Ano X. 4 dezembro. 1920, p. 1

ARROBAS, João Ribeiro: Sociedade de Defesa. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 363. Ano IV. 13 janeiro. 1915, p. 1

ARROBAS, João Ribeiro: Triangulo de turismo. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1039. Ano X. 5 agosto 1920, p.1.

ARROBAS, João Ribeiro: Um grande Hotel nas ruínas da Estrela. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº947. Ano IX. 16 dezembro. 1919, p. 1.

ARROBAS, João Ribeiro: Uma festa Patriótica. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº554. Ano VI. 18 novembro 1916, p. 2.

ARROBAS, João Ribeiro: Vida da cidade. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº1555. Ano XIII. 2 fevereiro 1924, p. 2.

ARROBAS, João Ribeiro: vida na cidade. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra. Nº 1549. Ano XIII. 17 janeiro 1924, p.1.

BOYER, M, El Turismo en Europa, de la Edad moderna ao siglo XX. Rev. História Contemporânea. Nº25. 2002. P. 13-31.

CALMEIRO, Margarida Relvão: *A Paisagem Urbana Oitocentista: embelezamento e política urbana na renovação da Imagem de Coimbra*. 88 CEMN.º 4/Cultura, Espaço & Memória, Coimbra: Revista do CITCEM. 2013.

CAMPOS, Agostinho: Novo Hotel. *Diário Ilustrado*. Lisboa. Nº 11:887. 15 abril. 1906, p. 2.

CARVALHO, Francisco Martins (dir.): Hotel dos Caminhos de Ferro. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº5.454. ano 53. 10 fevereiro 1900, p. 4.

CARVALHO, Francisco Martins (dir.): Novo Hotel. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº5.605. ano 54. 10 agosto 1901, p. 4.

CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): A estalagem do Paço do Conde. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 2590. Ano XXV. 21 maio 1872, p. 3.

CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hospedaria do Caes Novo. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 1308. Ano XIII. 11 agosto 1866, p. 4.

CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hospedaria. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 1276. Ano XIII. 21 abril 1866, p. 3.

CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel Central. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº2477. Ano XXIV. 18 abril 1871, p. 4.

CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel dos Caminhos de Ferro. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 907. Ano IX. 4 outubro 1862, p. 2-4.

CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel dos Caminhos de Ferro. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº2496. Ano XXIV. 27 junho 1871, p. 4.

CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel dos Caminhos de Ferro. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 2914. Ano XXX. 19 junho 1875, p. 4.

CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel Mondego. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 790. Ano VIII. 20 agosto 1861, p. 2.

CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel Mondego. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 2645. Ano XXVI. 30 novembro 1872, p. 4.

CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel Mondego. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 907. Ano IX. 4 outubro 1862, p. 2.

CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Hotel Mondego. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 949. Ano X. 3 março 1863, p. 3.

CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Nova estalagem do Paço do Conde. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 5.274. Ano 51. 31 maio 1898, p. 4.

CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): Novo Hotel. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº3204. Ano XXXI, p. 4.

CARVALHO, Joaquim Martins (dir.): O Hotel Central do Mondego ou O Lopes. *O Conimbricense*. Coimbra. Nº 1276. Ano XIII. 21 abril 1866, p. 4.

CARVALHO, José Maria Baptista de: Hotel Borges. *Diário Ilustrado*. Lisboa. Nº 3:406. 31 outubro. 1882, p. 24.

CARVALHO, José Maria Baptista de: O Anexo da Central do Rocio. *Diário Illustrado*. Lisboa. Nº 7.018. 10 outubro. 1892, p. 1.

CORTÊS, Diogo Barata (dir.): A nossa acção. *Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*. Coimbra. Nº3. Ano I. 15 fevereiro. 1917, p. 23.

CORTÊS, Diogo Barata (dir.): Anúncios. *Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*. Coimbra. Nº3. Ano I. 15 fevereiro. 1917, p. 32.

CORTÊS, Diogo Barata (dir.): Anúncios. *Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*. Coimbra. Nº2. Ano I. 15 agosto. 1916, p. 28.

CORTÊS, Diogo Barata (dir.): Anúncios. *Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*. Coimbra. Nº1. Ano I. 15 maio. 1916, p. 29.

CORTÊS, Diogo Barata (dir.): Apresentação. *Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*. Coimbra. Nº1. Ano 1. 15 maio 1916, p. 1.

CORTÊS, Diogo Barata (dir.): Extracto das actas das sessões da Direcção. *Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*. Coimbra. nº1. Ano I. 15 maio. 1916, p. 20.

CORTÊS, Diogo Barata (dir.): Turistas Ingleses. *Boletim de defesa e propaganda de Coimbra e a sua região*. Ano I. nº 2. Tipografia Literária. 15 de agosto. Coimbra. 1916, p. 10.

CRAVEIRO, Lurdes: Raul Lino em Coimbra. *Rev. Mundo da Arte*. Nº15. setembro 1983, p. 31-44.

FERNANDES, José Manuel: duas obras do século XX na entrada de Coimbra: do Hotel Astória à Casa Ângelo da Fonseca. *Revista Monumentos*. Nº25. setembro 2006.

FERREIRA, Joaquim (dir.): Comissão de Propaganda. *Notícias de Coimbra*. Coimbra. Nº 5. Ano I. 25 setembro.1907, p. 1.

FERREIRA, Joaquim (dir.): Propaganda e Defesa de Coimbra. *Notícias de Coimbra*. Coimbra. Nº 158. Ano II. 17 março.1909. p. 1.

FERREIRA, Joaquim (dir.): Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. *Notícias de Coimbra*. Nº 181. Ano II. Coimbra. 9 junho.1909, p. 1.

FRIAS, M. F. João (dir.): Hotel Commercio. *Resistência: órgão do partido republicano de Coimbra*. Coimbra. Nº 1. Ano I. 21 fevereiro 1895, p. 4.

FRIAS, M. F. João (dir.): Arrendamento. *Resistência: órgão do partido Republicano de Coimbra*. Coimbra. Nº 541. Ano VI. 3 maio 1900, p. 4.

FRIAS, M. F. João (dir.): Caminho de ferro de Arganil. *Resistência: órgão do partido Republicano de Coimbra*. Coimbra. Nº 998. Ano XI. 20 abril 1905, p. 2.

FRIAS, M. F. João (dir.): Hotel Bragança. *Resistência: órgão do partido Republicano de Coimbra*. Coimbra. Nº 428. Ano V. 30 março 1899, p. 2.

FRIAS, M. F. João (dir.): Jantar do quinto ano. *Resistência: órgão do partido Republicano de Coimbra*. Coimbra. Nº 821. Ano IX. 2 agosto 1903, p. 3.

FRIAS, M. F. João (dir.): Novo Hotel. *Resistência: órgão do partido Republicano de Coimbra*. Coimbra. Nº 277. Ano III. 17 outubro 1897, p. 3.

FRIAS, M. F. João (dir.): Trespasse. *Resistência: órgão do partido Republicano de Coimbra*. Coimbra. Nº 38. Ano I. 30 junho 1895, p. 4.

GOMES, Manuel Teixeira: Coimbra. Regressos. *Seara Nova*. Nº349. 29 de junho 1933, p. 201.

LIMA, Magalhães: Grandes hotéis de Portugal. *O século*. Lisboa. Nº 13:617. Ano. 39º. 23 novembro. 1919, p. 2

LIMA, Magalhães: Subscrição De Acções. *O Século*. Lisboa. Nº13:613. 19 novembro. 1919, p. 3.

MAIO, Guerra: A hotelaria Portuguesa. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº82.20 novembro 1919, p. 74.

MAIO, Guerra: A magna questão hoteleira. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº80. 20 outubro. 1919, p. 57.

MAIO, Guerra: Ao abrigo da Lei. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº 24. 20 junho. 1917, p. 1.

MAIO, Guerra: Congresso Hoteleiro. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº11. 5 dezembro. 1916, p. 83.

MAIO, Guerra: Hotéis do Bom Jesus. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº 107. maio. 1921, p. 170.

MAIO, Guerra: Hotel Avenida de Coimbra. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº51. 5 agosto 1918, p. 22.

MAIO, Guerra: Hotel Santa Luzia. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº58. 20 novembro. 1928, p. 80.

MAIO, Guerra: Notícias Diversas. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº 91 e 92. abril. 1920, p. 123.

MAIO, Guerra: Notícias Diversas. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº103. Janeiro. 1921, p. 115.

MAIO, Guerra: O Grande Hotel do Porto. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº 26. 20 julho. 1917, p. 16.

MAIO, Guerra: O Grande Hotel do Porto. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº 49. 5 julho. 1918, p. 1.

MAIO, Guerra: Portugal no Estrangeiro. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº105. Março. 1921, p. 137.

MAIO, Guerra: Vidago. *Revista de Turismo*. Lisboa. Nº25. 5 julho. 1917, p. 1.

MENDES, José Maria Amado: Coimbra no primeiro quartel do século XX. *Biblos*. Coimbra. Vol. LX. 1984, p. 392.

NOGUEIRA, Isabel: *Coimbra: Alguns aspectos da evolução da cidade do início do século XX aos nossos dias*. *Biblos*. Coimbra. Vol. IV. 2006.

OLIVEIRA, Carlos de (dir.): Coimbra Pittoresca. *Coimbra Pittoresca*. Coimbra. Nº1. Ano 1º. março. 1910, p. 1.

ROQUE, João: *Coimbra de meados do século IX a inícios do século XX*. Vol.12. Coimbra: Sep. Revista História das Ideias. Faculdade de Letras, 1990, p. 303.

ZAGALHO, Rodrigo de Mello Carneiro: Gerez. *Diário Ilustrado*. Lisboa. Nº 8:028. 29 julho. 1895, p. 2.

ZAGALHO, Rodrigo de Mello Carneiro: Hotel Lisbonense. *Diário Ilustrado*. Lisboa. Nº 7:991. 22 junho. 1895, p. 1

c) Decretos

Ministério do Fomento: Decreto nº1121, de 28 de novembro de 1914.

d) Outros

Anais do Município de Coimbra 1870-1939. Coimbra.

BAEDEKER, K., Spain and Portugal: Handbook for travellers. 2ª ed. Leipsic: ed. K. Baedker. 1901.

CASTRO, Abade, Itinerário que os estrangeiros que vêm a Portugal devem seguir na observação exame dos edifícios e monumentos notáveis deste reino. 1845.

CASTRO, Eugénio de: *Guia de Coimbra*. Coimbra: Ed. F. França Amado. Pub. Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. 1916.

CASTRO, João Baptista, Roteiro Terrestre de Portugal. Lisboa. 1747.

CORREIA, António: *Identificações Toponímicas*. Arquivo Coimbrão – Boletim da Biblioteca Municipal. Coimbra: Biblioteca Municipal de Coimbra. Ano VI. 1942.

D., L. R.: *Roteiro Ilustrado do Viajante em Coimbra*. Coimbra: Typ. Auxiliar d'Escriptorio. 1894.

Estatutos da Repartição do Turismo. Art.1º. Diário da Câmara dos Deputados. 139º sessão. Lisboa. 18 de junho de 1912, p. 10.

Estatutos da Sociedade Propaganda de Portugal. Aprovados por decreto de 4 de julho de 1906. 1906. Lisboa: Typographia Universal

Guia dos Proprietários de Hotéis. 1915. 2.ª ed., Lisboa: Sociedade Propaganda de Portugal

JUNIOR, José Maria Santos; MORGADO, A., Guia ilustrado do Viajante em Portugal ou Manual do Viajante. 1ª ed. Lisboa: Ed. Do Almanach Palhares. 1905.

PECCHIO, Giuseppe, tre mesi in Portogallo nel 1822. Itália: ed. Vittoria Iguazu. 2013.

PERES ABREU, João António: Roteiro do Viajante no continente e nos Caminhos de Ferro em Portugal em 1865. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 1865. Disponível online: <http://www.castroesilva.com/store/sku/1311JC118/roteiro-do-viajante>) [consultado a 28 dezembro 2017].

PROENÇA, Raul: *Guia de Portugal*. Vol.1.1ª ed. Lisboa: Ed. REIMP. 1924.

REICHARD, Na Itinerary of Spain and Portugal, or a complete guide to travellers through those countries. 1820.

SILVA, M. E. da, IV Congrès International de Tourisme: Lisbonne, 1911, Discours prononcé à la séance inaugurale par Manuel Emygdio da Silva, Secrétaire general du Congrès. Lisboa. 1911.

STARKE, Mariana: travels on the Continent: written for the use and particular information of travelers. London: Cambridge Library Collection. 1820.

1.3 Bibliografia

ACOSTA, Benet Meca: *La Finca de Vil.la Flora de Cante de Mar: História e Arquitectura*. Universitat Poliecnica Catalunya. 2010.

ANES, Nelson Bruno Mesquita, Hotel: a importância e o valor diferenciador a arquitetura. Coimbra: Universidade de Coimbra. 2012. Dissertação de mestrado em Arquitetura.

Arquitectes Municipals: Manuel Joaquim Raspall I Mayol, Josep Puig I Cadafalch, Josep Maria Jujol I Gibert, Eduard Ferrer I Puig, Pere Falques, ed: University- Press. Catalunha. 2013.

AZEVEDO, Clara, O mito do grande Hotel: Splendid Isolation. Lisboa: O Autor. 1999.

BARROS, Vera Gouveia, Turismo em Portugal. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. 2015.

BRITO, Sérgio Palma: Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo. Vol.1. Lisboa: ed. Media Livros. 2003.

CASCÃO, Rui: *Coimbra 1900: retrato de uma cidade: comunicação*. Coimbra: Faculdade de Letras. 2005.

CORREIA, Sandra: *Inventário da documentação de turismo do Arquivo Histórico Municipal de Coimbra*. Coimbra: Câmara Municipal. 2009.

CUNHA, Licínio, *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*. Ver. Fluxos & Riscos. Nº1. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 2010.

DIAS, Pedro [et. All.]: *Museu da Cidade: edifício do Chiado*. Coimbra: Câmara Municipal. 2001.

FARIA, José Santiago: *Evolução do espaço físico de Coimbra*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 2006.

FERREIRA, Bruna Daniela: *Arquitetura industrial em Coimbra no século XX: a Zona industrial da Pedrulha*. Coimbra: [s.n.] 2012 Dissertação de Mestrado em Arquitectura.

FONSECA, A. De O. Cardoso: *Outros Tempos ou velharias de Coimbra: 1850 a 1880*. Lisboa. Ed. Livraria Tabuense. 1911.

GUIMARÃES, Manuel; VALDEMAR, António: *Grandes Hotéis de Portugal*. Lisboa: Ed. Inapa. 2001.

HUME, Martin, Trought Portugal. London: ed. Grand Richards. 1907.

JESUS, Pedro Manuel Cerdeira de: *A Sociedade Propaganda de Portugal: Turismo e Modernidade (1906-1911)*. Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa. 2014.

Kenneth Frampton: Towards a Critical Regionalism: Six Points for the Architecture of Resistance, in FOSTER, Hal. *The Anti-aesthetic: essays on postmodern culture*. Washington: Bay Press, 1983.

LOBO, Susana Mexia, *Arquitetura e Turismo: Planos e Projetos: as Cenografias do lazer na costa Portuguesa: Da 1ª República à Democracia*. Vol 1. Parte. I. Coimbra: Universidade de Coimbra. 2012. Dissertação de Doutoramento em Arquitetura.

LOBO, Susana Mexia, *Pousadas de Portugal: Reflexos da arquitetura portuguesa do século XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2007.

MARQUES DOS CARVALHOS, Isabel Maria: *Memórias do sítio da estrela, um encontro de Caminhos*. Dissertação de mestrado em História da Arte. Coimbra. 2008.

MARTINS, João Paulo do Rosário: *Cottinelli Telmo 1897-1948: a obra do arquitecto*. Vol. I. Dissertação de mestrado em História da Arte Contemporânea. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. 1995.

MENDES, Maria de Fátima: *o Hotel Astória: 70 anos ao serviço de Coimbra*. Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 1996.

PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte Portuguesa: do Barroco à Contemporaneidade*, Volume III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995.

PINA, Paulo, *Cronologia do Turismo Português: 1900-1929*, Colectânea de Factos e opiniões. Porto: Direção Geral do Turismo. 1982.

PINA, Paulo, *Portugal: o turismo no século XX*. Lisboa. Lucidus Publicações. 1988.

REAL, José Alberto: *Viagem dos imperadores do Brasil a Portugal*. Coimbra. Imprensa da Universidade. 1872.

RIBEIRO, Elói Figueiredo, [et all.]: *Caminhos de Ferro e turismo em Portugal Final do século XIX e primeiras décadas do século XX*. Palma. 2009.

RIBEIRO, Irene: *Raul Lino pensador nacionalista da arquitectura*. Porto: Faculdade de Arquitectura. 1994.

SENNOT, R. S., *Encyclopedia of 20 th Century architecture*. Vol. 1. New York: A-F. ed. Taylor & Francis books. 2004.

SERRÃO, Vítor : *A Cripto-história da Arte. Análise de obras de arte Inexistentes*. Lisboa. Livros Horizonte. 2001.

SOLER, Andreu Folch i; SOLER, Ramon Folch i; PADRÓ, Xavier Ferrés i: *Eduard Ferrés i Puig: Arquitecte*. Ed. Ajuntament de Vilassar de Mar. Vilassar de Mar. 1997.

SOUSA, Fernando de, *Caminhos de Ferro: Notas sobre Portugal*. Vol.1. Lisboa: Imprensa Nacional. 1908.

SOUSA, Magda Pinheiro de, *Chemins de fer, structure financière de l'état et dépendance extérieure au Portugal (1850-1890)*. Paris: Universidade de Paris. Tese de Doutoramento em História. 1987.

SOUSA, Maria da Conceição: *Sociedade de Propaganda de Portugal: um olhar retrospectivo aos primeiros anos da sua actividade (1907-1911)*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 2005. Dissertação de mestrado em História Económica e Social.

TOSTÕES, Ana: *Arquitectura moderna e obra global a partir de 1900*. 1ª ed. Fubu Editores. Porto. 2009.

TRANCOSO, Vasco, Grandela e a Foz do Arelho. 2ª ed. Caldas da Rainha: Cadernos de História. Património Histórico. 2009.

Webgrafia

A Fundação do clube. Disponível online: (<https://www.acp.pt/Institucional/Historia>) [consultado 27 de dezembro 2017].

Coimbra Hotel: <https://www.pinterest.pt/pin/670121619527860908/> [consultado 23 de janeiro 2017]

Cúpula do Palace Hotel Madrid: <http://www.hotelroomsearch.net/slovakia/hotel-palace> [consultado a 11 junho 2018]

Detalhe do Coimbra Hotel: https://www.instagram.com/p/BhflnOwghgn/?hl=pt&taken-by=old_coimbra [consultado 23 janeiro 2017]

Hotel Avenida e o Coimbra Hotel: <https://www.pinterest.pt/pin/107312403597346988/> [consultado 23 de janeiro 2017]

Hotel Avenida, Coimbra: <https://www.pinterest.pt/pin/107312403594046318/> [consultado a 27 de agosto 2018]

Hotel Bragança, Coimbra: Fonte: Pinterest, <https://www.pinterest.pt/pin/670121619527860896/> [consultado a 27 de agosto 2018]

Hotel Central Coimbra: Pinterest. <https://www.pinterest.pt/pin/670121619527860871/> [consultado a 27 de agosto 2018]

Hotel Metrópole, Disponível Online: <http://www.almeidahotels.pt/pt/hoteis-em-lisboa> [consultado a: 19 de janeiro 2018]

Hotel Ritz Barcelona: <http://www.poblesdecatalunya.cat/fotos/normal/009261.jpeg> [consultado a 12 de fevereiro 2018]

Palace Hotel Madrid: <http://www.historichotelsthenandnow.com/palacemadrid.html> [consultado a 12 de fevereiro 2018]

Palace Hotel, Coimbra: Fonte: Pinterest, <https://www.pinterest.pt/pin/670121619527860867/> [consultado a 27 de agosto 2018]

Anexos

Índice de Anexos

| | |
|--|-----|
| Figura 1 Brasão da sociedade Dos Grandes Hotéis de Portugal. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra. 1921. | 122 |
| Figura 2 Palace Hotel Madrid nos inícios do século XIX. Fonte: http://www.historichotelsthenandnow.com/palacemadrid.html [consultado a 12 de fevereiro 2018] | 122 |
| Figura 3 Hotel Ritz Barcelona. Fonte: http://www.poblesdecatalunya.cat/fotos/normal/009261.jpeg [consultado a 12 de fevereiro 2018] | 123 |
| Figura 4 Recordação de Coimbra, 1905, PINA, Paulo, Portugal: o turismo no século XX. Lisboa. Lucidus Publicações. 1988.p. 21..... | 123 |
| Figura 5 Planta da Cidade. Fonte: António Augusto Gonçalves: Roteiro Ilustrado do Viajante em Coimbra 1894. p. 3. | 124 |
| Figura 6 Brasão da Sociedade Defesa e Propaganda de Coimbra. Fonte: Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. 1916..... | 125 |
| Figura 7 Nova sede da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. Fonte: MARQUES, Rafael: Coimbra através dos Tempos. Ed. Cruz Vermelha. 2004. p. 134. | 125 |
| Figura 8 Hotel do Comércio na Cheia de 1900. Fonte: MARQUES, Rafael: Coimbra através dos Tempos. Ed. Cruz Vermelha. 2004. p. 25. | 126 |
| Figura 9 Edifício do Antigo Hotel Comércio na atualidade. 2018. Foto da Autora. | 127 |
| Figura 10 Fachada Antiga do Hotel Mondego. Fonte: Levantamento realizado pelo arquiteto António da Fonseca. Projeto de Remodelação do Hotel Mondego 1937. Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra. | 128 |
| Figura 11 Projeto do Novo Hotel Mondego. Fonte: Levantamento realizado pelo arquiteto António da Fonseca. Projeto de Remodelação do Hotel Mondego 1937. Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra. | 129 |
| Figura 12 Planta do Segundo Andar. Fonte: Levantamento realizado pelo arquiteto António da Fonseca. Projeto de Remodelação do Hotel Mondego 1937. Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra. | 129 |
| Figura 13 Planta do Rés-do-chão. Fonte: Levantamento realizado pelo arquiteto António da Fonseca. Projeto de Remodelação do Hotel Mondego 1937. Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra. | 130 |
| Figura 14 Planta do Primeiro Andar. Fonte: Levantamento realizado pelo arquiteto António da Fonseca. Projeto de Remodelação do Hotel Mondego 1937. Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra. | 131 |
| Figura 15 Edifício do antigo Hotel dos Caminhos de Ferro. Foto da Autora..... | 132 |
| Figura 16 Fachada Lateral do Hotel dos Caminhos de Ferro. Foto da Autora. | 133 |
| Figura 17 Hotel Central à esquerda nos inícios do século XX. Fonte: Pinterest. https://www.pinterest.pt/pin/670121619527860871/ [consultado a 27 de agosto 2018]..... | 134 |
| Figura 18 Anúncio do Hotel Central. Fonte: Gazeta de Coimbra 1 maio de 1926. | 134 |
| Figura 19 Fachada do Hotel Central na atualidade. Foto da Autora..... | 135 |
| Figura 20 Edifício do Hotel Bragança nos inícios do século XX. Fonte: Pinterest, https://www.pinterest.pt/pin/670121619527860896/ [consultado a 27 de agosto 2018]..... | 136 |
| Figura 21 Planta das Caves do novo edifício do Hotel Bragança. Fonte: Projeto de Infraestrutura Telefónica no Hotel Bragança. 1991. Ref. 581 B-91. Arquivo Municipal de Coimbra..... | 136 |

| | |
|---|-----|
| Figura 22 Parte da Fachada Lateral do atual edifício do Hotel Bragança. Foto da Autora. | 137 |
| Figura 23 Anúncio do Palace- Hotel. Gazeta de Coimbra. Nº 143. Ano II. 13 de novembro 1912, p. 2. | 137 |
| Figura 24 Palace Hotel nos inícios do Século XX. Veja-se ainda, do lado esquerdo, o edifício do Hotel Mondego. Fonte: Pinterest, https://www.pinterest.pt/pin/670121619527860867/ [consultado a 27 de agosto 2018]...... | 138 |
| Figura 25 Vista da fachada Lateral do Palace Hotel. Fonte: Anais do Município de Coimbra 1923. Coimbra, p.74. | 138 |
| Figura 26 Anúncio da Casa das Lotarias do Júlio da Cunha Pinto. Fonte: Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. Nº 2. Ano I. 15 de agosto de 1916, p.28..... | 139 |
| Figura 27 Palace Hotel transformado em Academia de Música. Fonte: https://www.pinterest.pt/pin/670121619528014261/ [consultado a 27 de agosto 2018]...... | 139 |
| Figura 28 Edifício do Palace Hotel na atualidade. Foto da Autora..... | 140 |
| Figura 29 Detalhe dos vestígios do Palace Hotel. Foto da Autora. | 140 |
| Figura 30 Foto do primeiro Hotel Avenida no século XIX. Fonte: Pinterest, https://www.pinterest.pt/pin/107312403594046318/ [consultado a 27 de agosto 2018]...... | 141 |
| Figura 31 Vista sobre o Coimbra – Hotel e o Hotel Avenida, com a sucursal já construída ao fundo. Fonte: LOUREIRO, José Pinto (org.): Anais do Município de Coimbra 1904-1919. Coimbra. | 141 |
| Figura 32 Anúncio ao primeiro Hotel Avenida. Fonte: Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. Nº 1. Ano 1. 15 de maio 1916, p.29..... | 142 |
| Figura 33 Edifício da Sucursal do Hotel Avenida na atualidade. Foto da Autora..... | 142 |
| Figura 34 Planta do Rés-do- Chão do Hotel Avenida. Foto da Autora. | 143 |
| Figura 35 Vista da Avenida Emídio, com o Coimbra Hotel e o Hotel Avenida. Fonte: Pinterest, https://www.pinterest.pt/pin/107312403597346988/ [consultado 23 de fevereiro 2018]...... | 144 |
| Figura 36 Vista do novo edifício do Coimbra Hotel. https://www.pinterest.pt/pin/670121619527860908/ [consultado a 12 de fevereiro 2018]...... | 144 |
| Figura 37 Publicidade ao Hotel Avenida e ao Coimbra Hotel de 1932. Fonte: Sandra Correia: Inventário da documentação de turismo do Arquivo Histórico Municipal de Coimbra. Coimbra. 2009. P. 49..... | 145 |
| Figura 38 Croqui do Grande Hotel de Coimbra, Eduard Férres i Puig 1921 Fonte: O Século. Lisboa. Nº 14:187. Ano 41º. 9 agosto 1921..... | 146 |
| Figura 39 Planta Grande Hotel de Coimbra: Andares. Realizada pela autora a partir da planta original. | 147 |
| Figura 40 Planta Grande Hotel de Coimbra: Andares. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921. | 147 |
| Figura 41 Planta Grande Hotel de Coimbra: Sobre-loja. Realizada pela Autora a partir da planta original..... | 148 |
| Figura 42 Planta Grande Hotel de Coimbra: Sobre-loja. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande hotel de Coimbra, 1921..... | 148 |
| Figura 43 Planta Grande Hotel de Coimbra: Caves. Realizada pela Autora a partir da planta original. | 149 |
| Figura 44 Planta Grande Hotel de Coimbra: Caves. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921. | 149 |
| Figura 45 Grande Hotel de Coimbra: Fachada Posterior. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921. | 150 |
| Figura 46 Grande Hotel de Coimbra: Fachadas Laterais. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921. | 151 |

| | |
|--|-----|
| Figura 47 Fachada Principal, Grande Hotel de Coimbra. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921. | 152 |
| Figura 48 Grande Hotel de Coimbra: Fachada Principal. Desenho Digital Realizado pela Autora com base no projeto da fachada..... | 153 |
| Figura 49 Grande Hotel de Coimbra: Secção longitudinal A.B. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921. | 154 |
| Figura 50 Grande Hotel de Coimbra: Secção transversal C.D.. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921. | 155 |
| Figura 51 Hall do Palace Hotel, Madrid. Fonte: : http://www.hotelroomsearch.net/slovakia/hotel-palace [consultado a 11\06\2018] | 156 |
| Figura 52 Grande Hotel de Coimbra: detalhe: Secção longitudinal A.B. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921. | 157 |
| Figura 53 Detalhe do pórtico posterior. Foto da autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921..... | 158 |
| Figura 54 Detalhe da fachada lateral. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921..... | 159 |
| Figura 55 Memória descritiva do Projeto do Grande Hotel. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921. p. 1. | 160 |
| Figura 56 Memória descritiva do Projeto do Grande Hotel de Coimbra. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921. p. 2. | 161 |
| Figura 57 Memória descritiva do Projeto do Grande Hotel de Coimbra. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921. p. 2. | 162 |
| Figura 58 Memória descritiva do Projeto do Grande Hotel de Coimbra. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921. p. 3. | 163 |
| Figura 59 Memória descritiva do Projeto do Grande Hotel de Coimbra. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921. p. 4..... | 164 |



Figura 1 Brasão da sociedade Dos Grandes Hotéis de Portugal. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra. 1921.



Figura 2 Palace Hotel Madrid nos inícios do século XIX. Fonte: <http://www.historichotelsthenandnow.com/palacemadrid.html> [consultado a 12 de fevereiro 2018]



Figura 3 Hotel Ritz Barcelona. Fonte: <http://www.poblesdecatalunya.cat/fotos/normal/009261.jpeg> [consultado a 12 de fevereiro 2018]

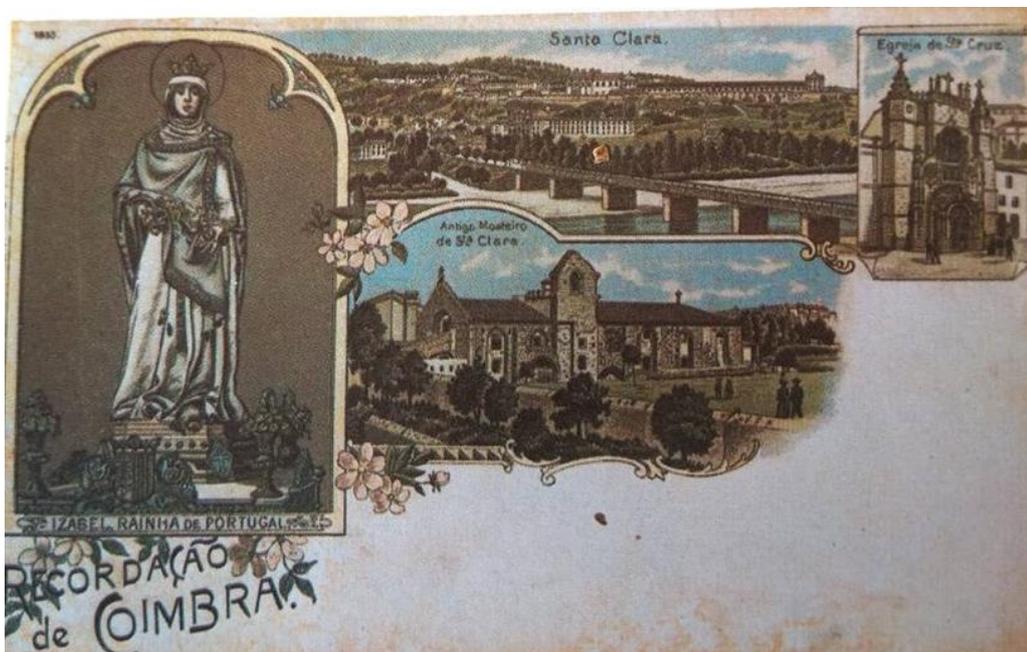


Figura 4 Recordação de Coimbra, 1905, PINA, Paulo, Portugal: o turismo no século XX. Lisboa. Lucidus Publicações. 1988.p. 21.



Figura 5 Planta da Cidade. Fonte: Antônio Augusto Gonçalves: Roteiro Illustrado do Viajante em Coimbra 1894, p. 3.



Figura 6 Brasão da Sociedade Defesa e Propaganda de Coimbra. Fonte: Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. 1916.



Figura 7 Nova sede da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. Fonte: MARQUES, Rafael: Coimbra através dos Tempos. Ed. Cruz Vermelha. 2004. p. 134.



Figura 8 Hotel do Comércio na Cheia de 1900. Fonte: MARQUES, Rafael: Coimbra através dos Tempos. Ed. Cruz Vermelha. 2004. p. 25.



Figura 9 Edifício do Antigo Hotel Comércio na atualidade. 2018. Foto da Autora.

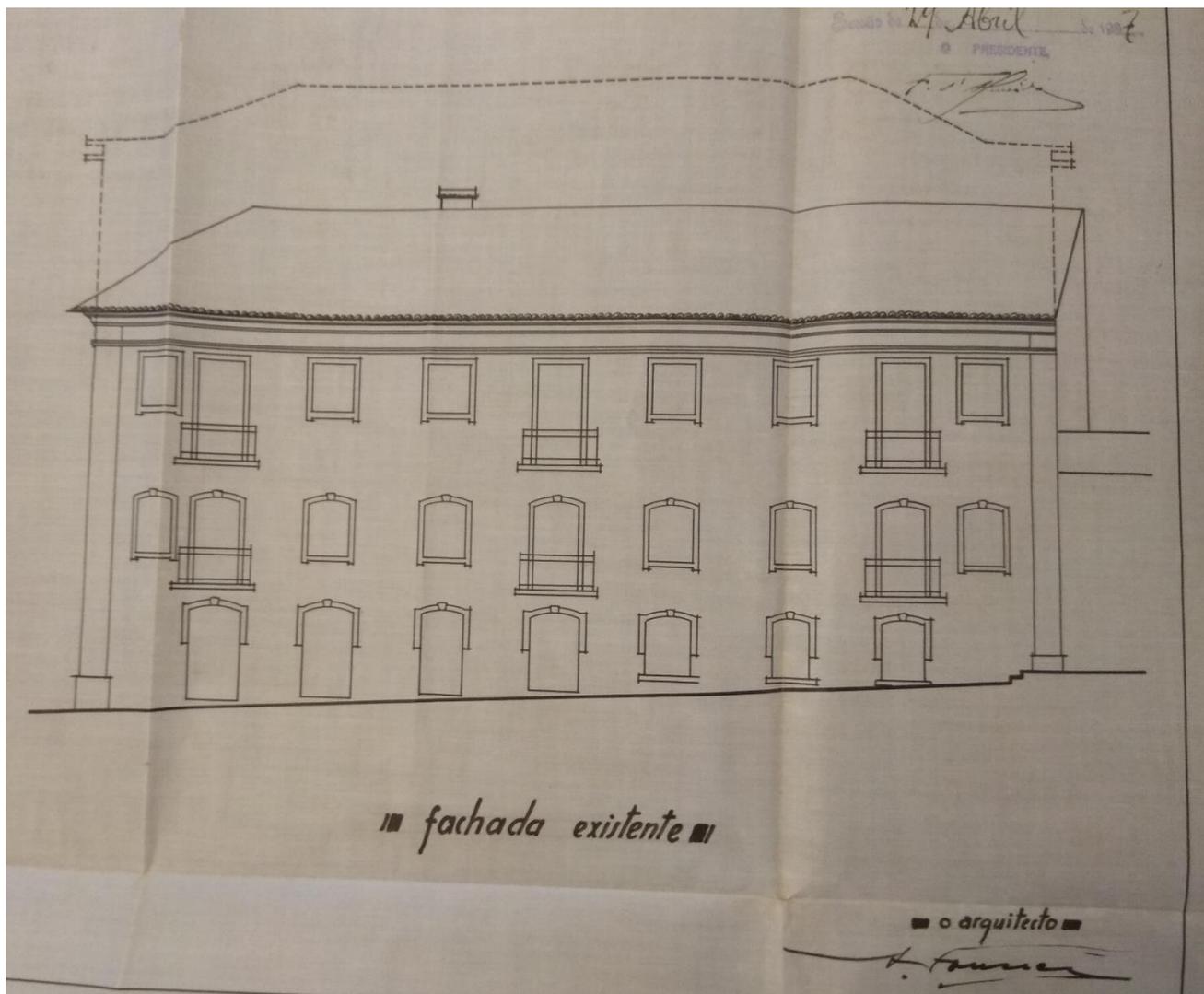


Figura 10 Fachada Antiga do Hotel Mondego. Fonte: Levantamento realizado pelo arquiteto António da Fonseca. Projeto de Remodelação do Hotel Mondego 1937. Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra.

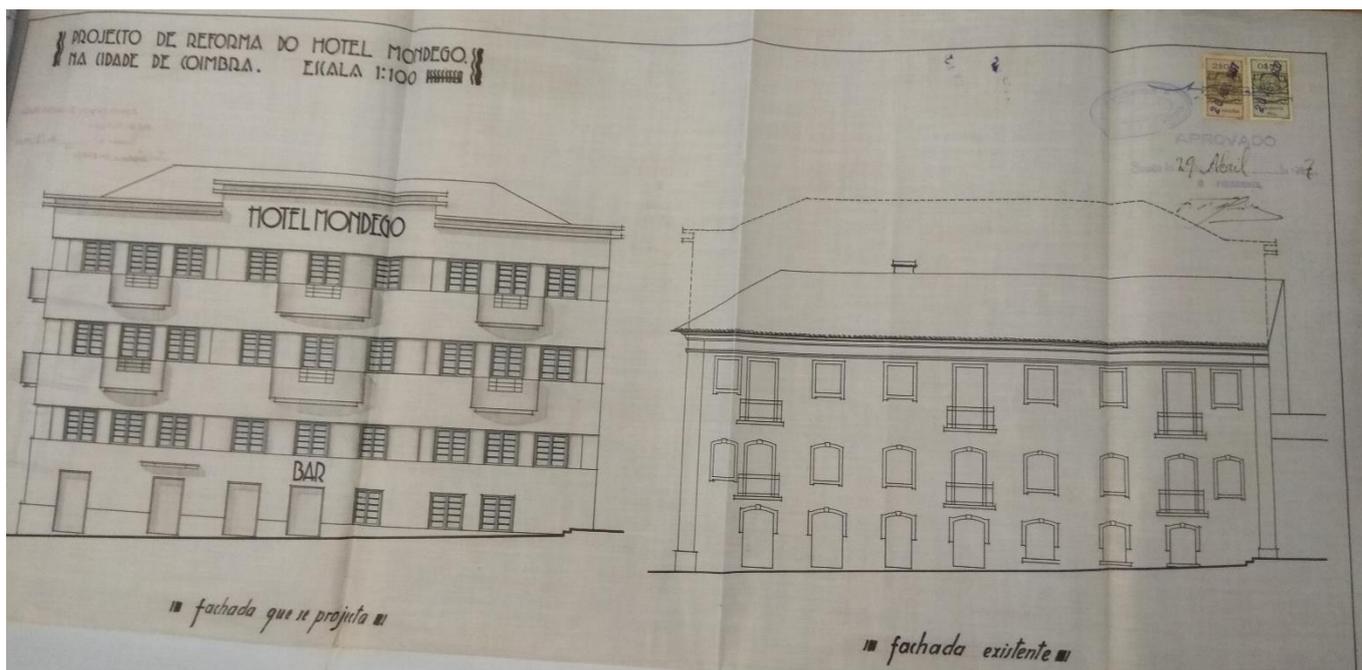


Figura 11 Projeto do Novo Hotel Mondego. Fonte: Levantamento realizado pelo arquiteto António da Fonseca. Projeto de Remodelação do Hotel Mondego 1937. Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra.

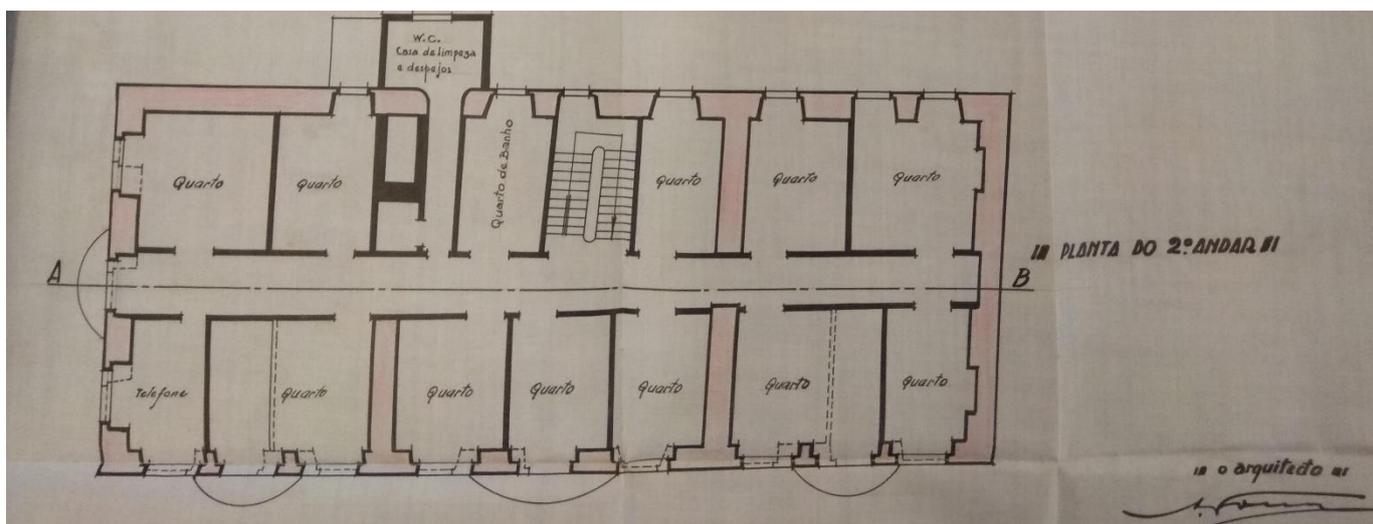


Figura 12 Planta do Segundo Andar. Fonte: Levantamento realizado pelo arquiteto António da Fonseca. Projeto de Remodelação do Hotel Mondego 1937. Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra.

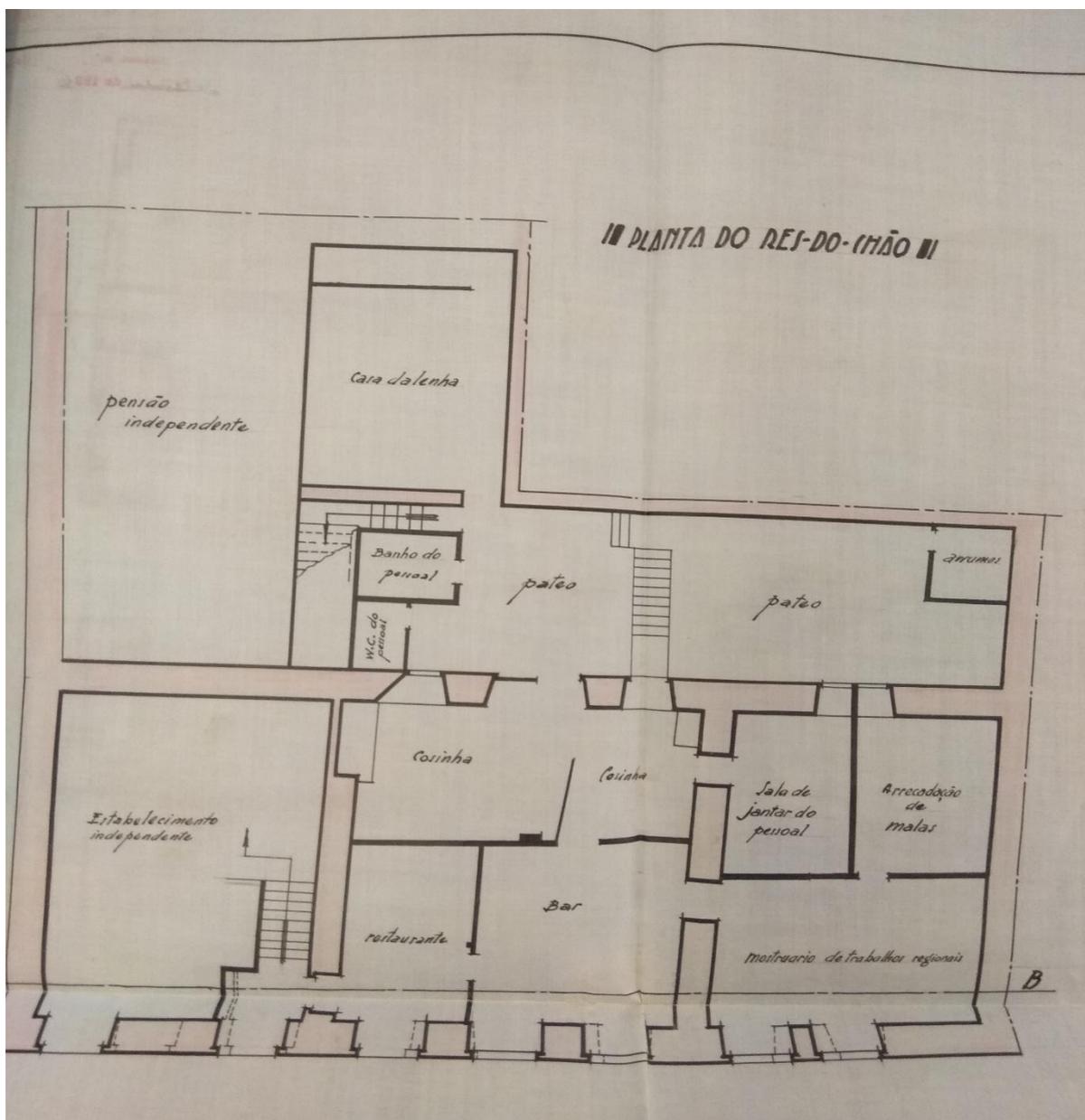


Figura 13 Planta do Rés-do-chão. Fonte: Levantamento realizado pelo arquiteto António da Fonseca. Projeto de Remodelação do Hotel Mondego 1937. Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra.

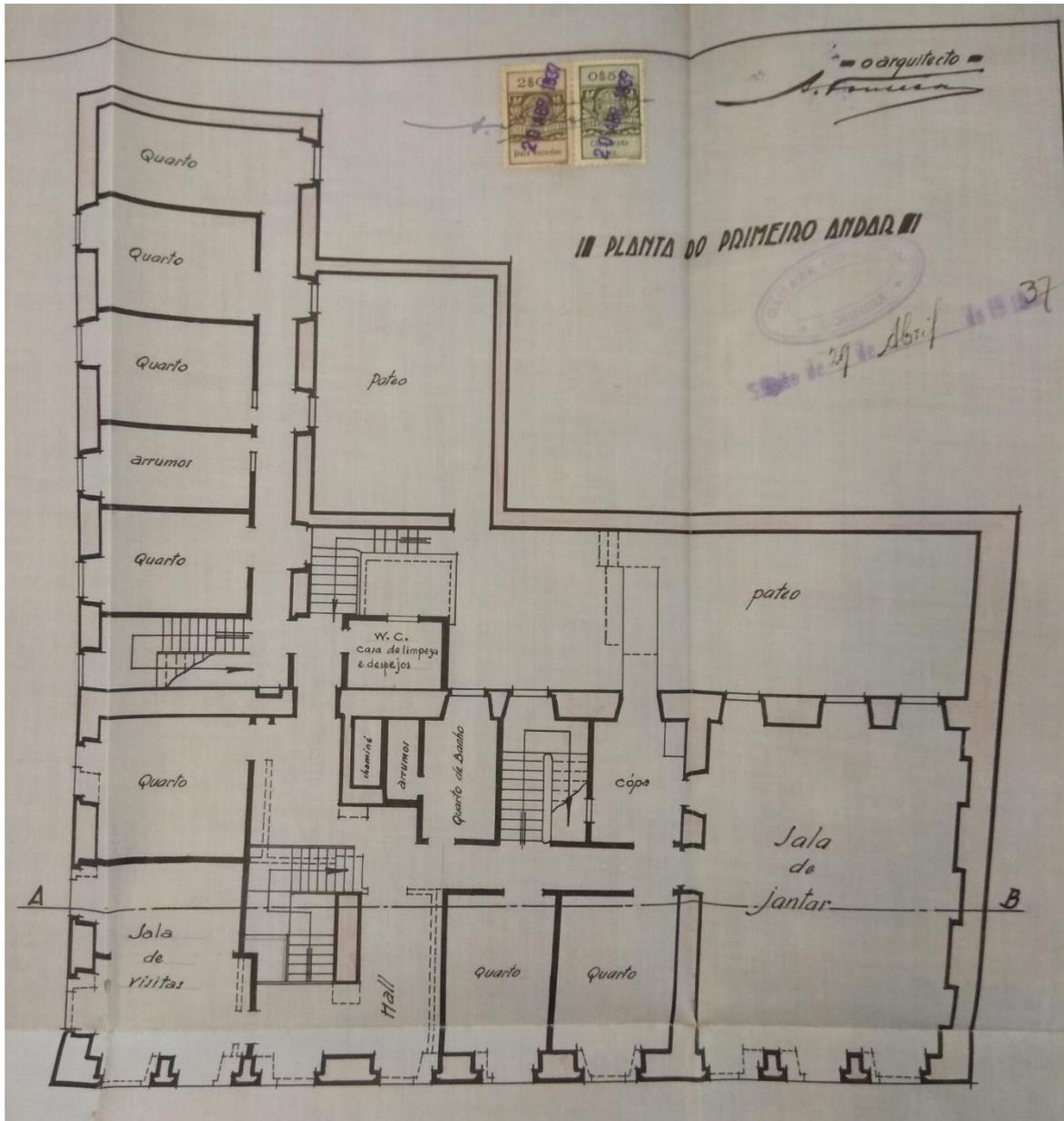


Figura 14 Planta do Primeiro Andar. Fonte: Levantamento realizado pelo arquiteto António da Fonseca. Projeto de Remodelação do Hotel Mondego 1937. Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra.



Figura 15 Edifício do antigo Hotel dos Caminhos de Ferro. Foto da Autora.



Figura 16 Fachada Lateral do Hotel dos Caminhos de Ferro. Foto da Autora.



Figura 17 Hotel Central à esquerda nos inícios do século XX. Fonte: Pinterest.
<https://www.pinterest.pt/pin/670121619527860871/> [consultado a 27 de agosto 2018]



Figura 18 Anúncio do Hotel Central. Fonte: Gazeta de Coimbra 1 maio de 1926.



Figura 19 Fachada do Hotel Central na atualidade. Foto da Autora.



Figura 20 Edifício do Hotel Bragança nos inícios do século XX. Fonte: Pinterest, <https://www.pinterest.pt/pin/670121619527860896/> [consultado a 27 de agosto 2018]

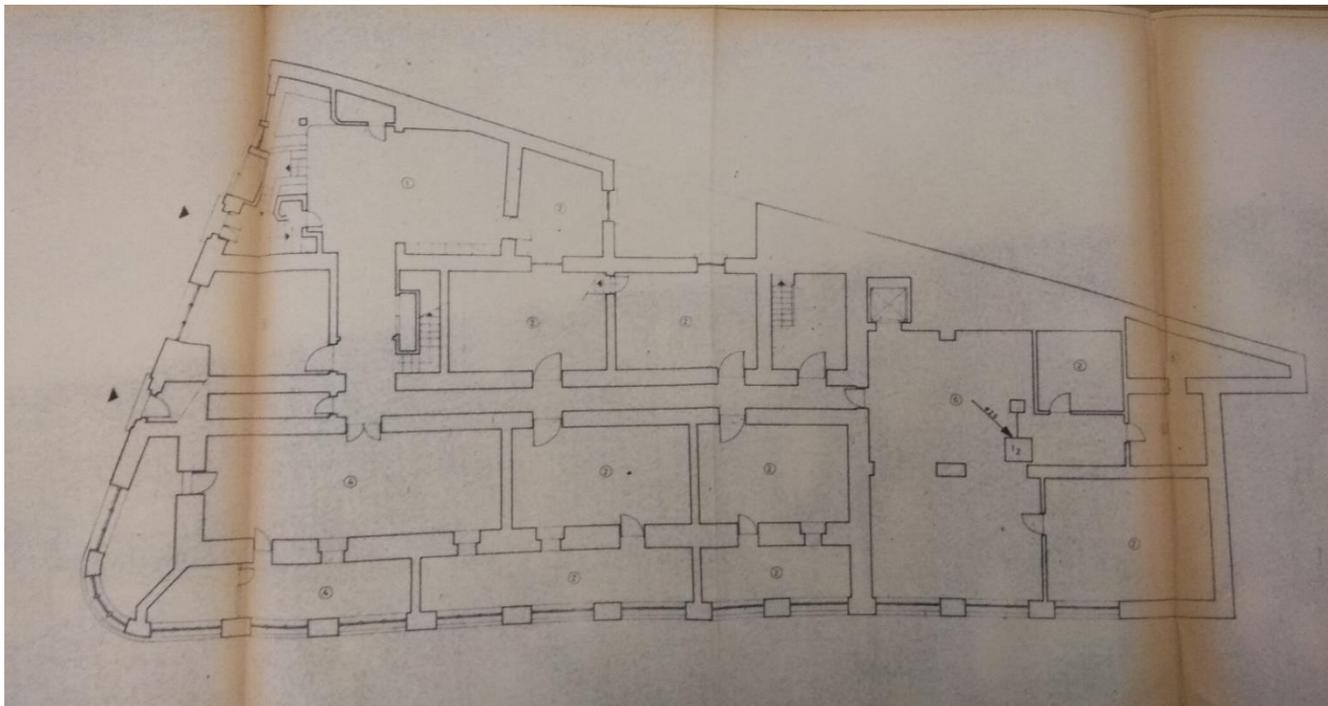


Figura 21 Planta das Caves do novo edifício do Hotel Bragança. Fonte: Projeto de Infraestrutura Telefónica no Hotel Bragança. 1991. Ref. 581 B-91. Arquivo Municipal de Coimbra.



Figura 22 Parte da Fachada Lateral do atual edifício do Hotel Bragança. Foto da Autora.

PALACE-HOTEL

Abre a 13 de Novembro

Situado na Avenida Navarro, proximo à estação do caminho de ferro, em casa construida recentemente com todos os requisitos que o conforto e o bom gosto recomendam nos modernos estabelecimentos desta genero, o

PALACE-HOTEL

impõe-se não só pela sua magnifica situação, que é inegalavel, mas especialmente pelos seus esmeradissimos serviços de cozinha francesa e portuguesa prestados em mesas pequenas, e boas aposentos para familias. TEM CASA DE BANHO.

Iluminação a gaz em todas as dependencias.
Corretor a todos os comboios.

AS PROPRIETARIAS,
Maria da Encarnação Alves de Sousa Vieira & Filhas
e bem assim do conhecido e acreditado *Grande Hotel Universal* do Bairro Novo, Figueira da Foz.

Recebem-se comensais

Figura 23 Anúncio do Palace- Hotel. Gazeta de Coimbra. Nº 143. Ano II. 13 de novembro 1912, p. 2.



Figura 24 Palace Hotel nos inícios do Século XX. Veja-se ainda, do lado esquerdo, o edifício do Hotel Mondego. Fonte: Pinterest, <https://www.pinterest.pt/pin/670121619527860867/> [consultado a 27 de agosto 2018].



Figura 25 Vista da fachada Lateral do Palace Hotel. Fonte: Anais do Município de Coimbra 1923. Coimbra, p.74.



Figura 26 Anúncio da Casa das Lotarias do Júlio da Cunha Pinto. Fonte: Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. Nº 2. Ano I. 15 de agosto de 1916, p.28.



Figura 27 Palace Hotel transformado em Academia de Música. Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/670121619528014261/> [consultado a 27 de agosto 2018].



Figura 28 Edifício do Palace Hotel na atualidade. Foto da Autora.



Figura 29 Detalhe dos vestígios do Palace Hotel. Foto da Autora.



Figura 30 Foto do primeiro Hotel Avenida no século XIX. Fonte: Pinterest, <https://www.pinterest.pt/pin/107312403594046318/> [consultado a 27 de agosto 2018]



Figura 31 Vista sobre o Coimbra – Hotel e o Hotel Avenida, com a sucursal já construída ao fundo. Fonte: LOUREIRO, José Pinto (org.): *Anais do Município de Coimbra 1904-1919*. Coimbra.



Figura 32 Anúncio ao primeiro Hotel Avenida. Fonte: Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. Nº 1. Ano 1. 15 de maio 1916, p.29



Figura 33 Edifício da Sucursal do Hotel Avenida na atualidade. Foto da Autora.

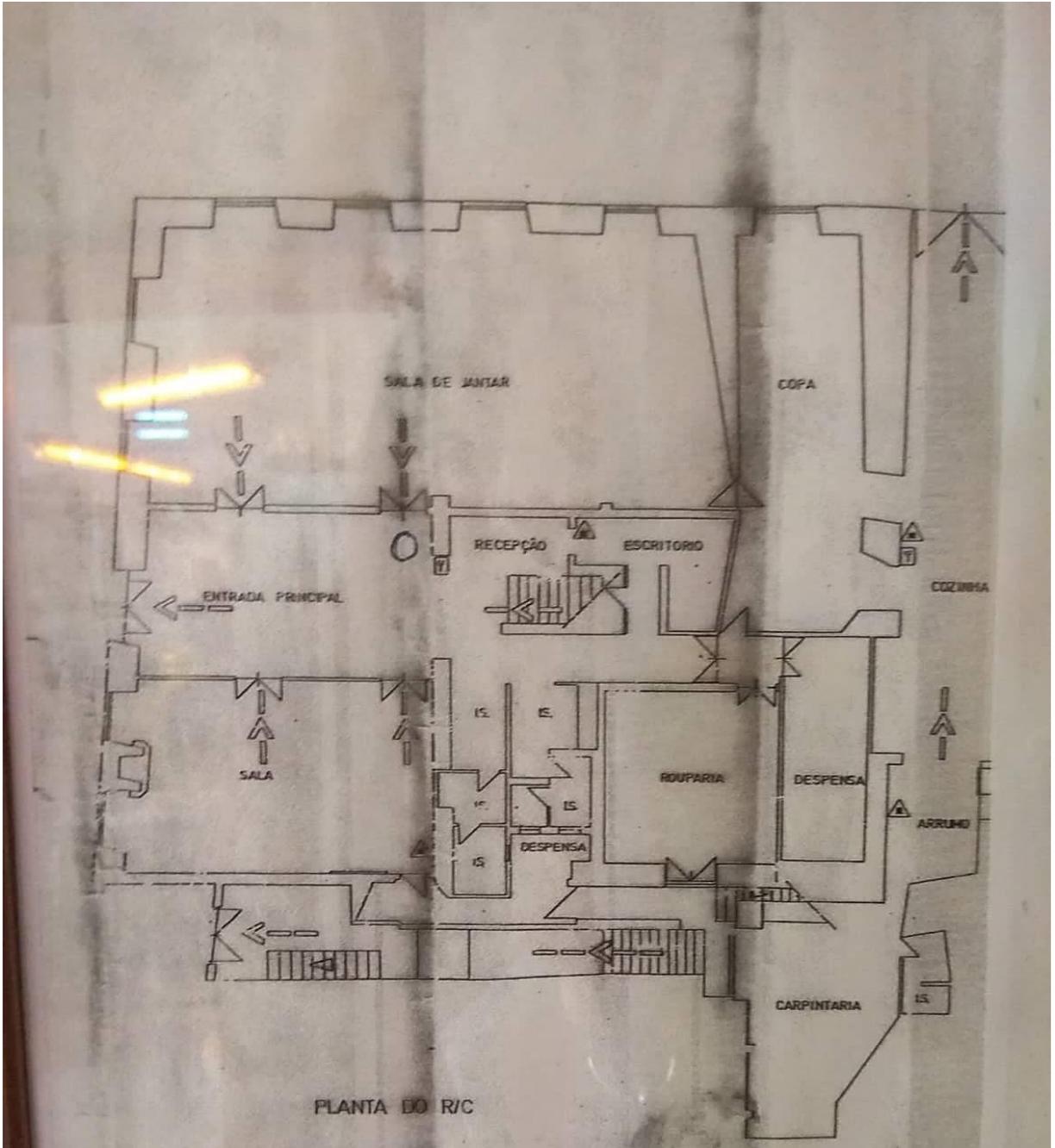


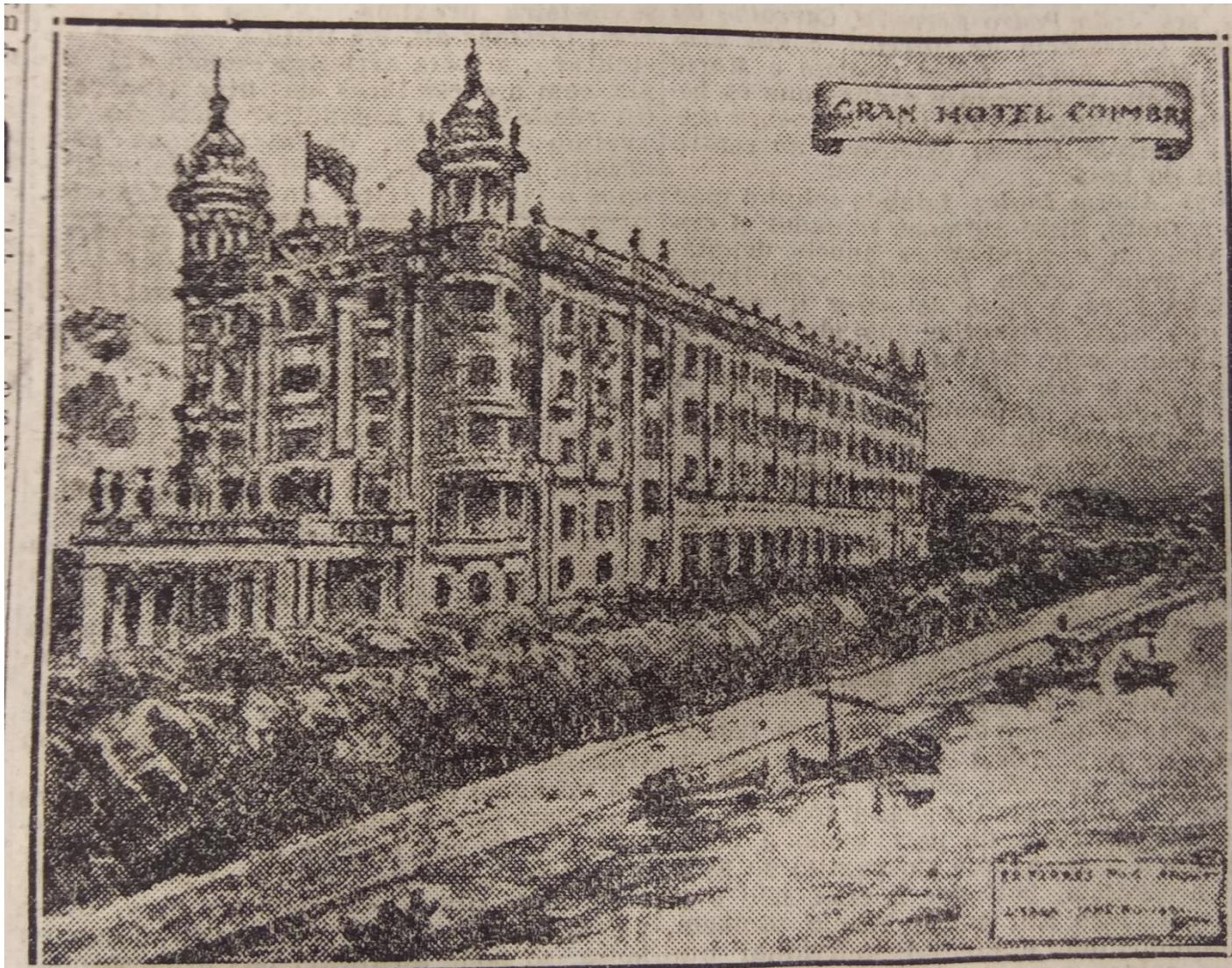
Figura 34 Planta do Rés-do- Chão do Hotel Avenida. Foto da Autora.



Figura 35 Vista da Avenida Emídio, com o Coimbra Hotel e o Hotel Avenida. Fonte: Pinterest, <https://www.pinterest.pt/pin/107312403597346988/> [consultado 23 de fevereiro 2018]



Figura 36 Vista do novo edifício do Coimbra Hotel. <https://www.pinterest.pt/pin/670121619527860908/> [consultado a 12 de fevereiro 2018]



O projeto do grande hotel de Coimbra

Figura 38 Croqui do Grande Hotel de Coimbra, Eduard Férres i Puig 1921 Fonte: O Século. Lisboa. Nº 14:187. Ano 41º. 9 agosto 1921.

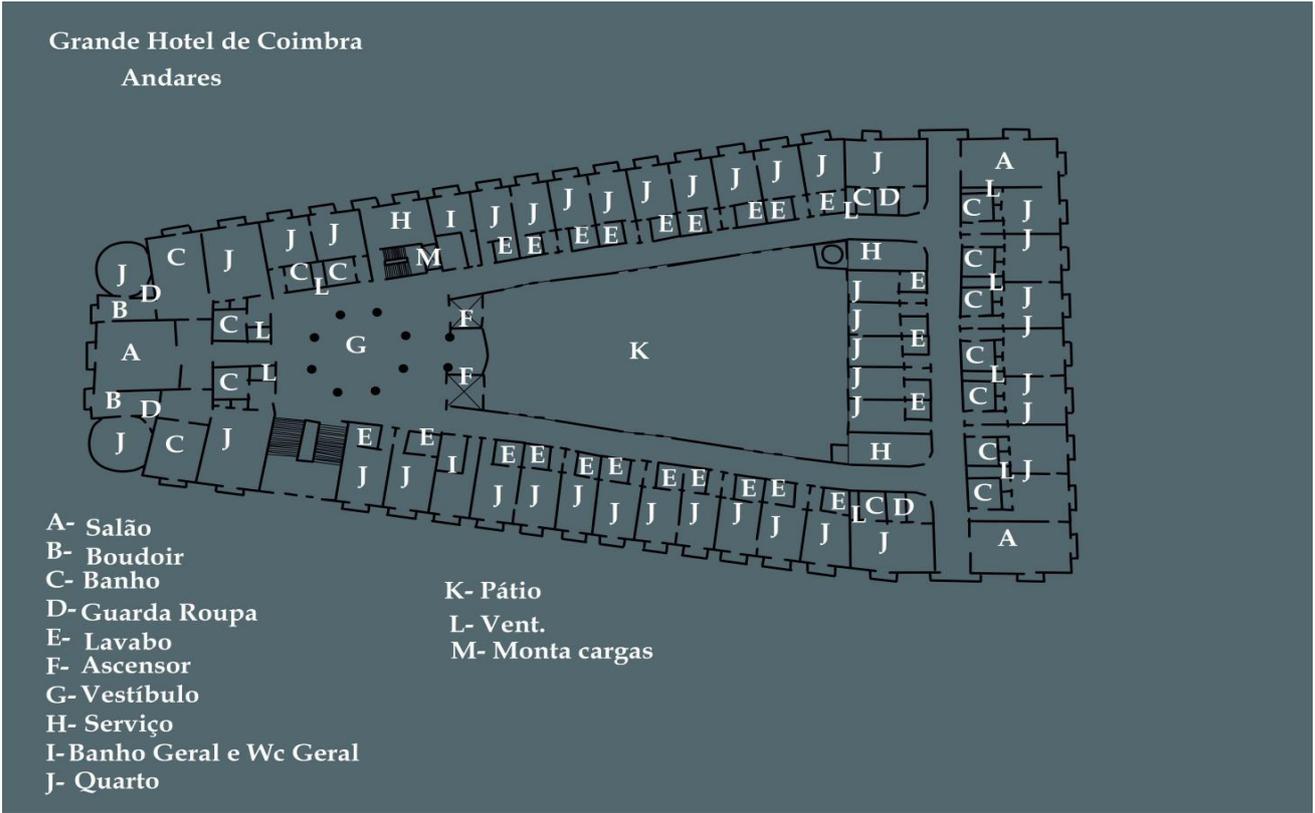


Figura 39 Planta Grande Hotel de Coimbra: Andares. Realizada pela autora a partir da planta original.

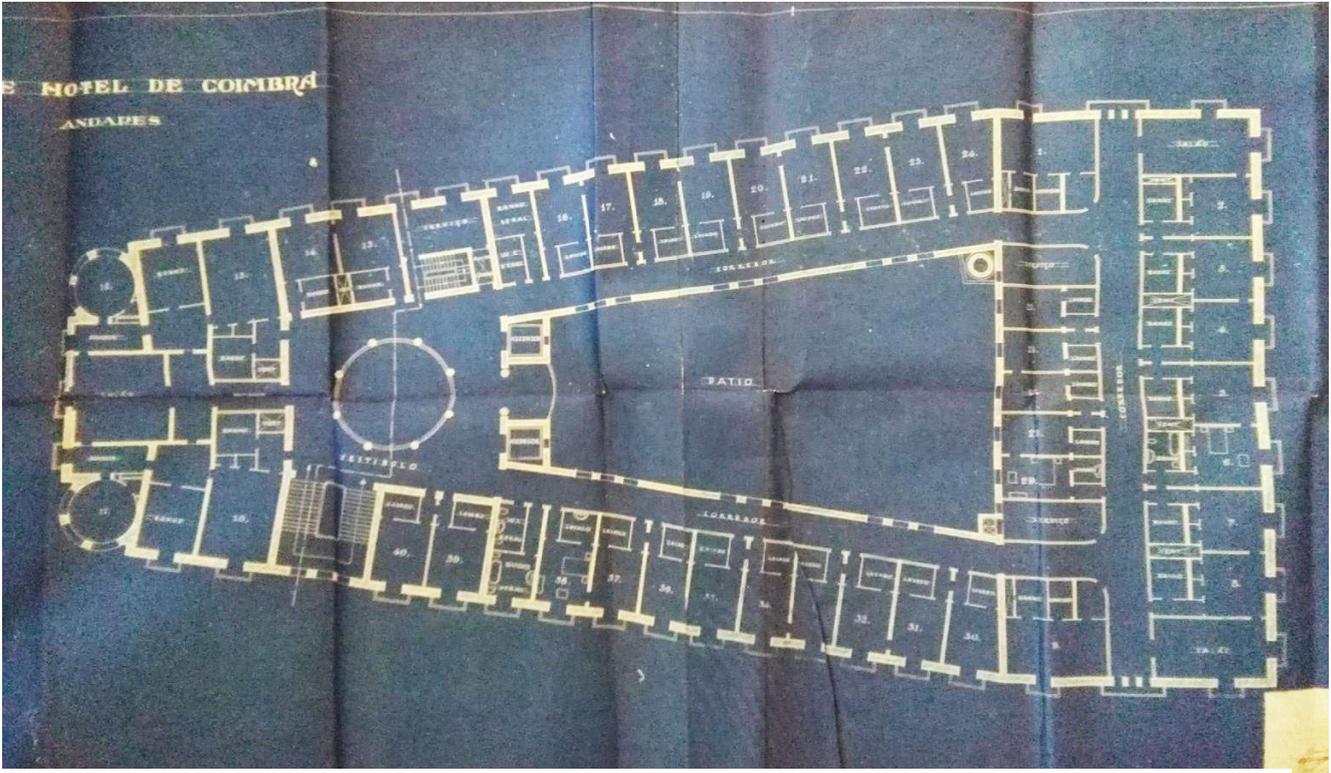


Figura 40 Planta Grande Hotel de Coimbra: Andares. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921.

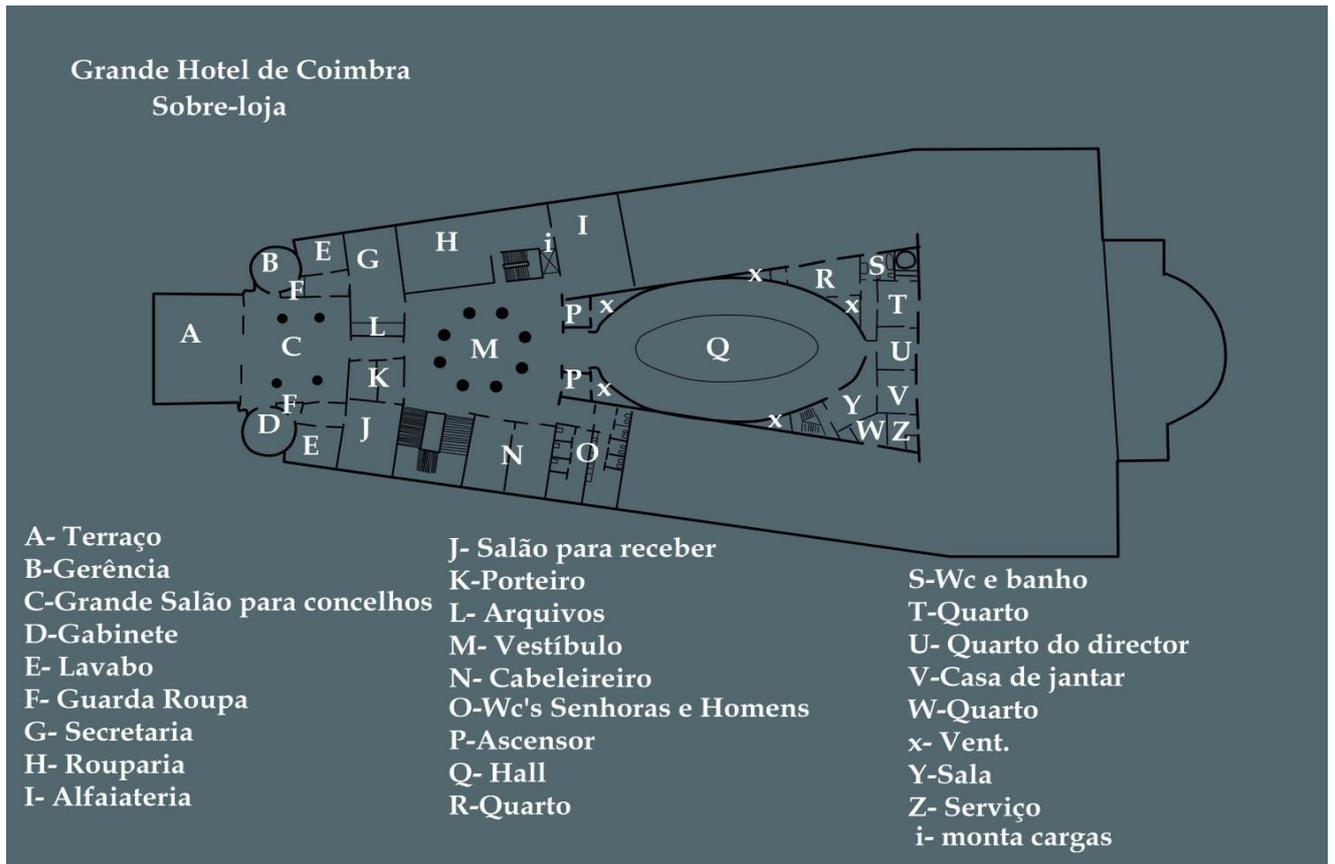


Figura 41 Planta Grande Hotel de Coimbra: Sobre-loja. Realizada pela Autora a partir da planta original.

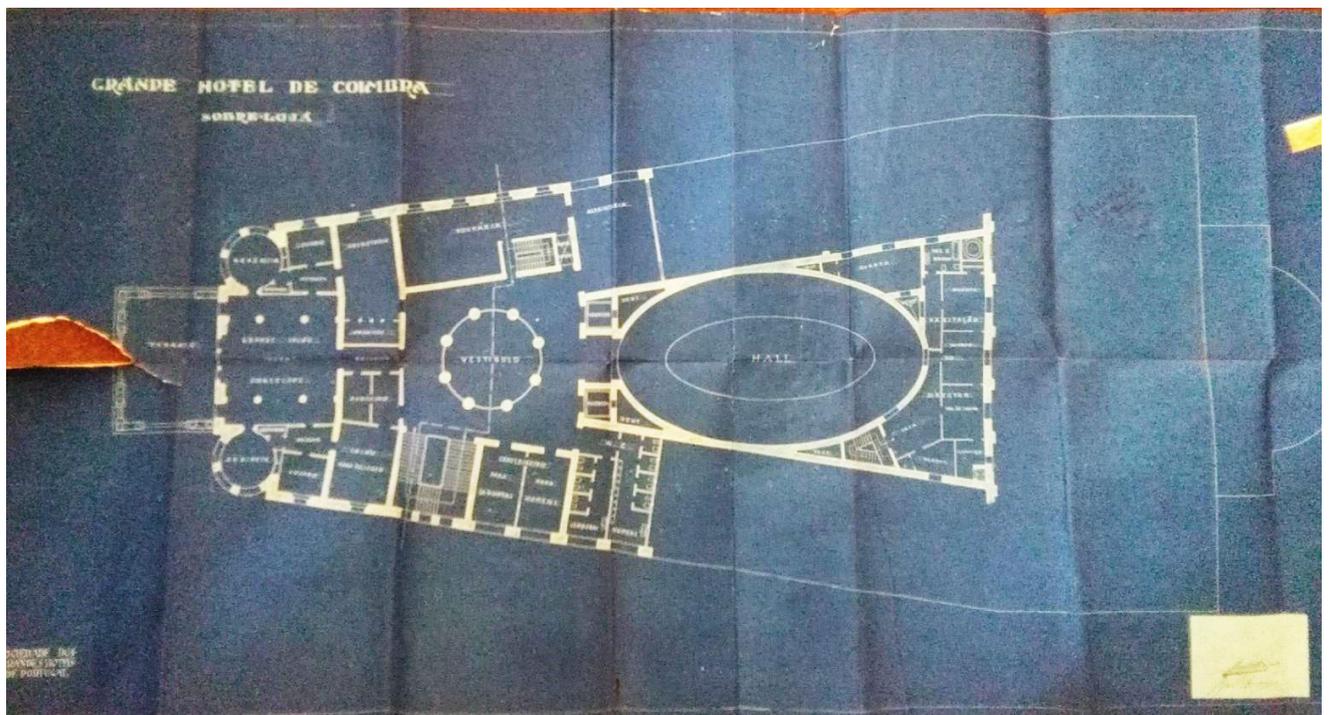


Figura 42 Planta Grande Hotel de Coimbra: Sobre-loja. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande hotel de Coimbra, 1921.

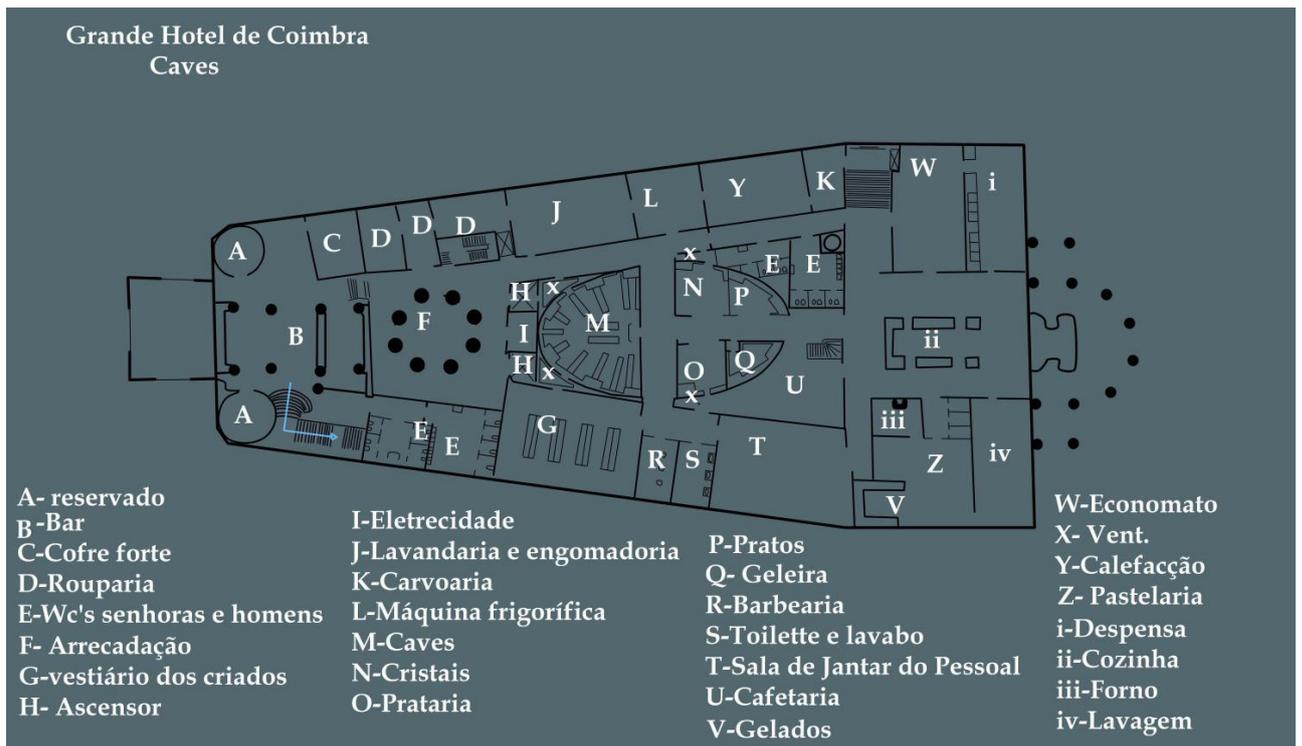


Figura 43 Planta Grande Hotel de Coimbra: Caves. Realizada pela Autora a partir da planta original.

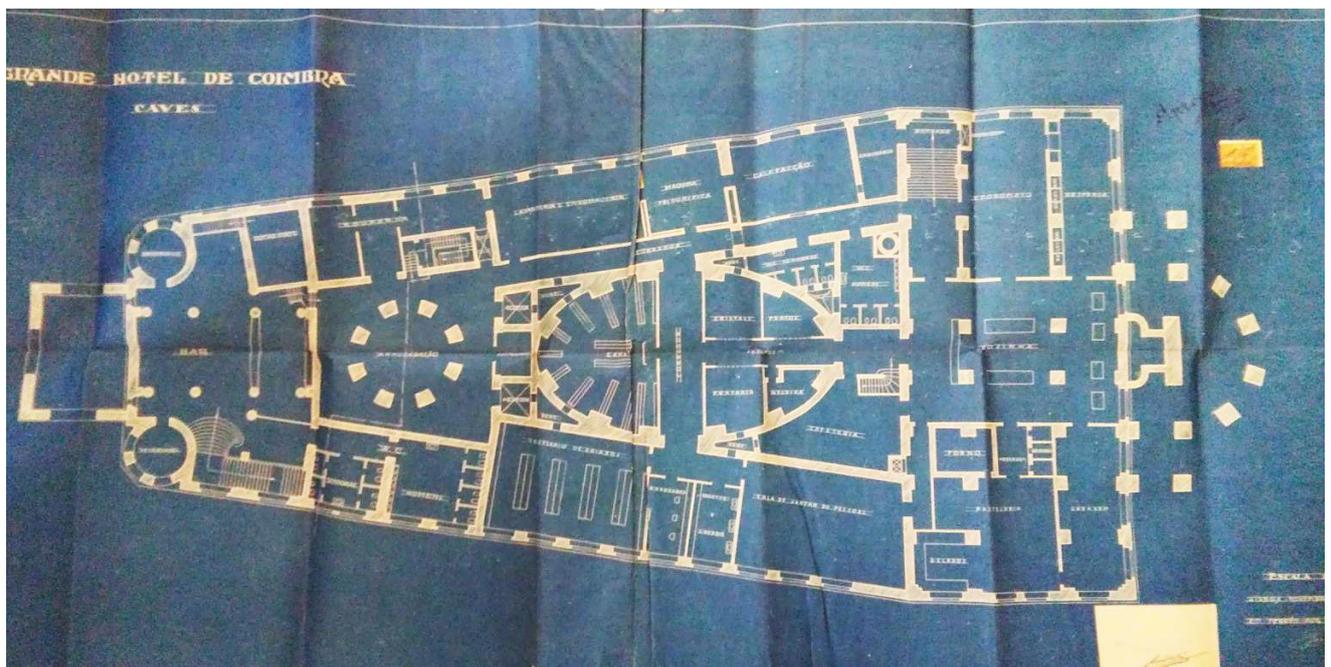


Figura 44 Planta Grande Hotel de Coimbra: Caves. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921.

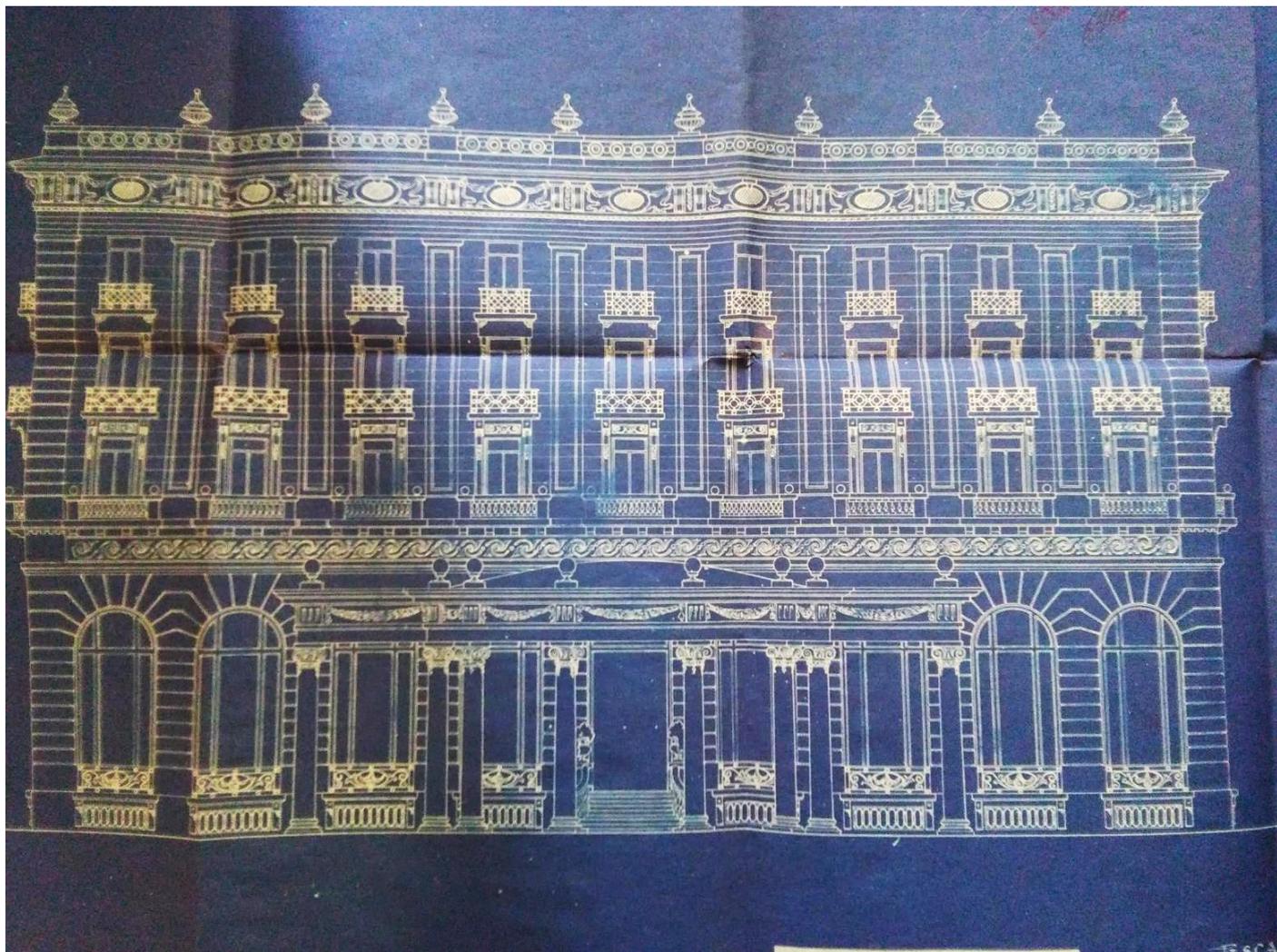


Figura 45 Grande Hotel de Coimbra: Fachada Posterior. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921.



Figura 46 Grande Hotel de Coimbra: Fachadas Laterais. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921.

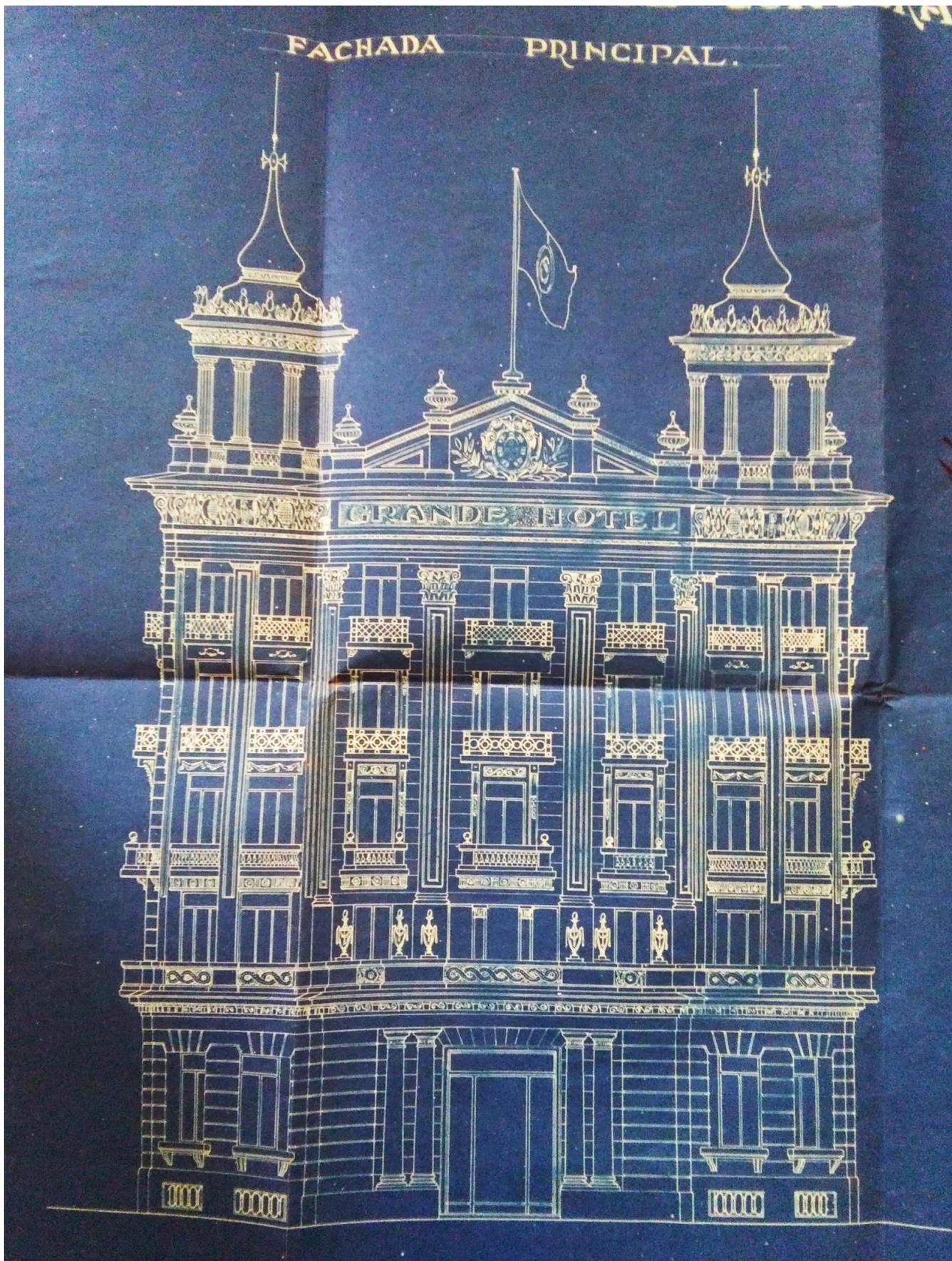


Figura 47 Fachada Principal, Grande Hotel de Coimbra. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921.

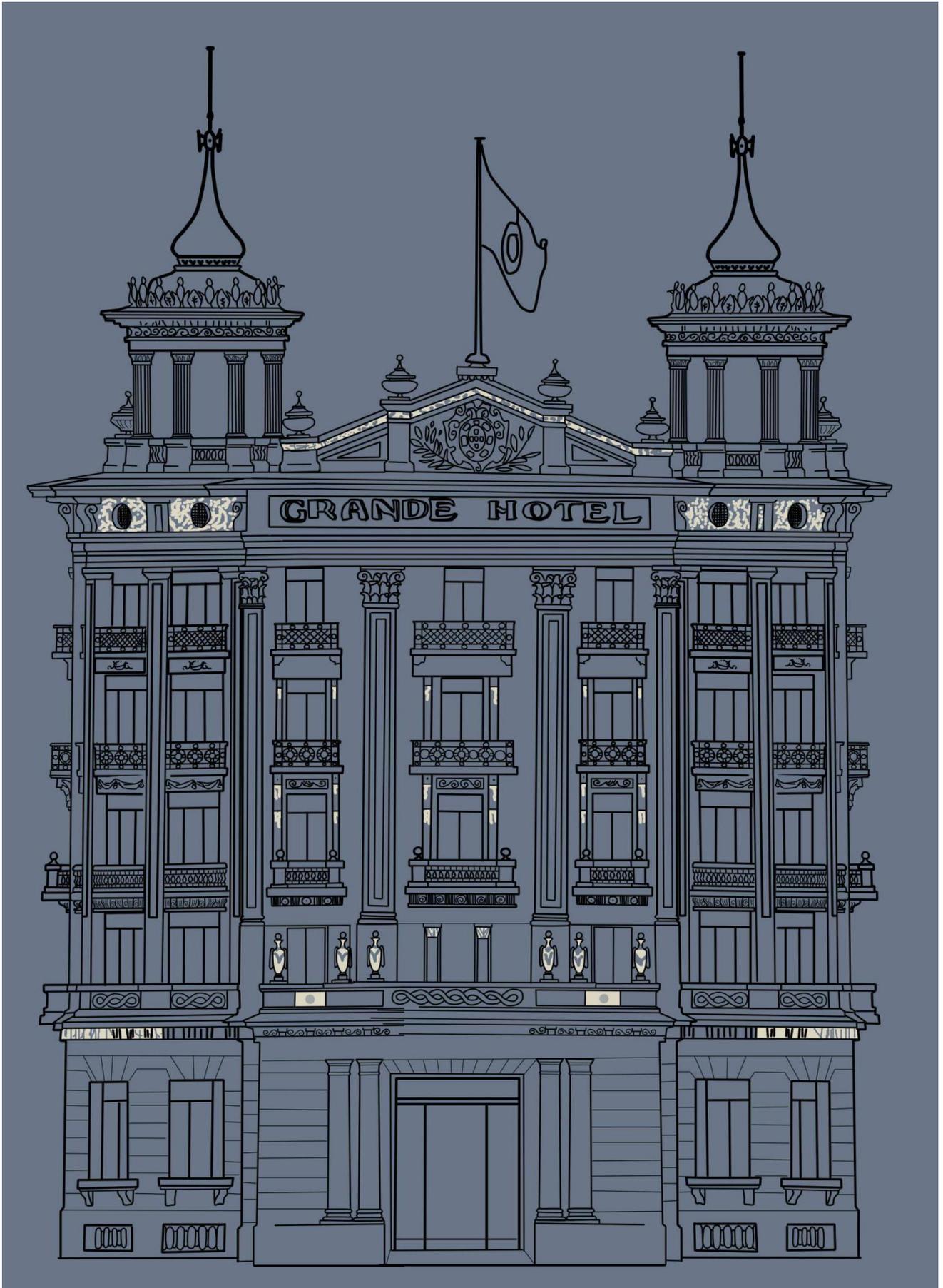


Figura 48 Grande Hotel de Coimbra: Fachada Principal. Desenho Digital Realizado pela Autora com base no projeto da fachada.

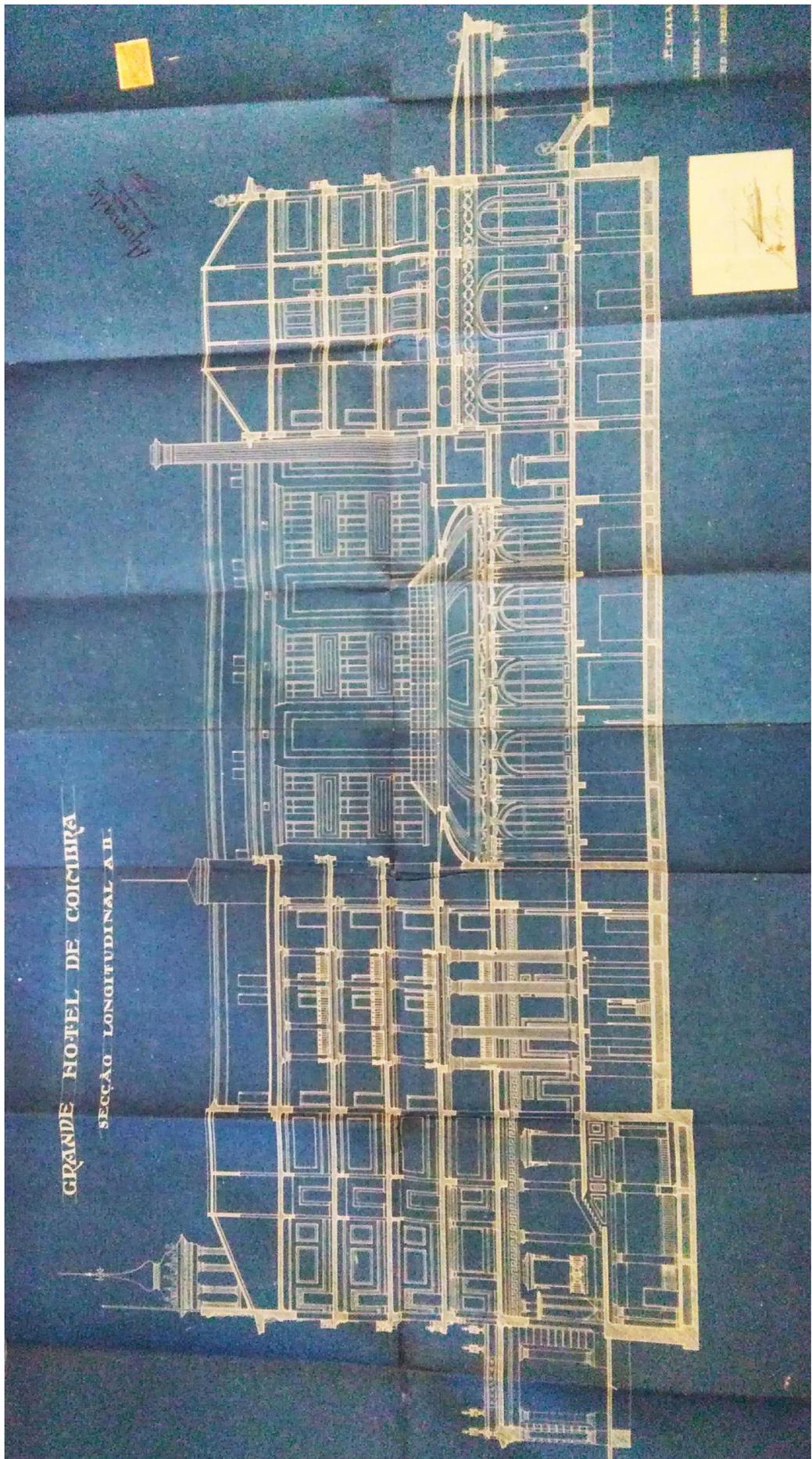


Figura 49 Grande Hotel de Coimbra: Secção longitudinal A.B. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921.

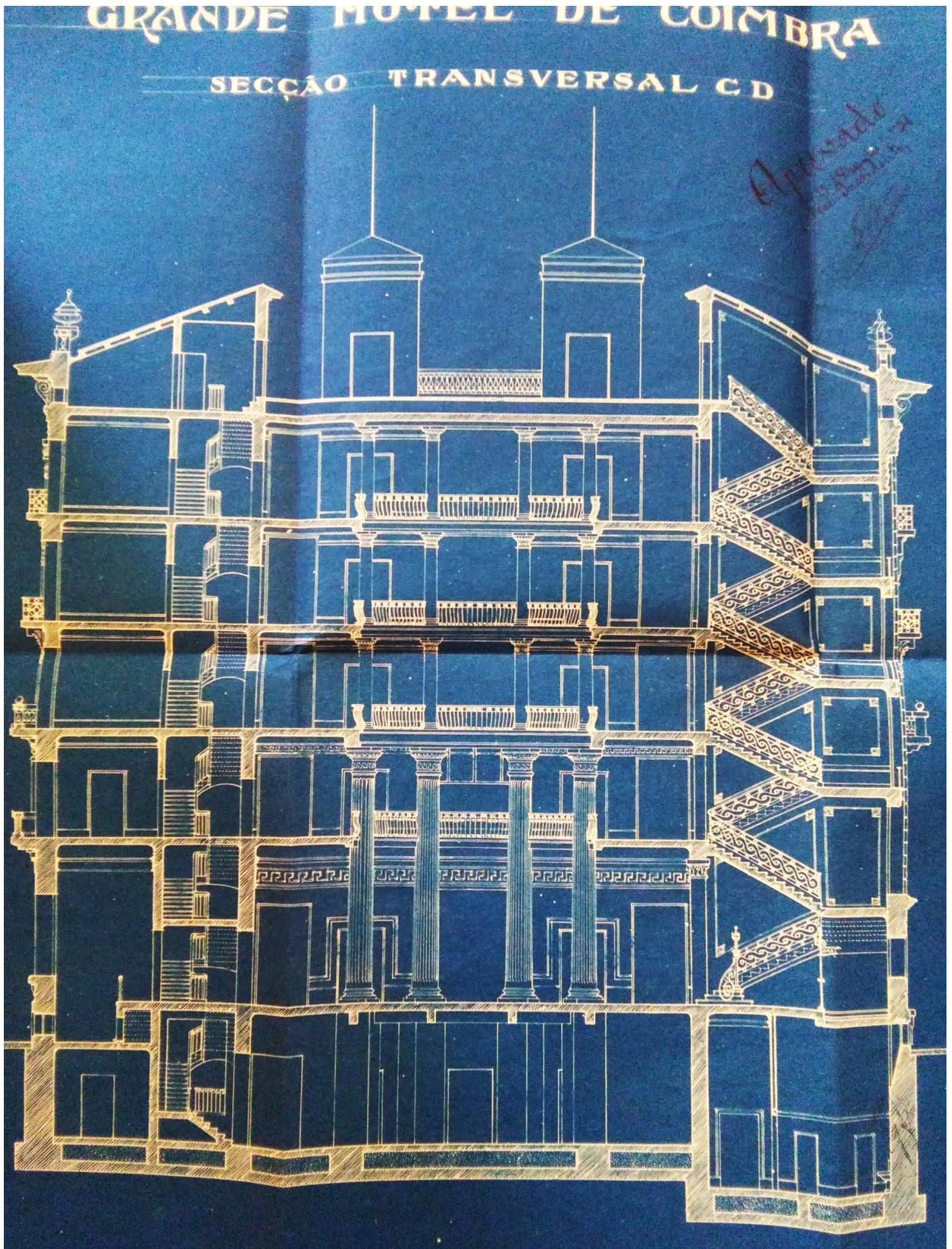


Figura 50 Grande Hotel de Coimbra: Secção transversal C.D.. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921.



Figura 51 Hall do Palace Hotel, Madrid. Fonte: : <http://www.hotelroomsearch.net/slovakia/hotel-palace> [consultado a 11\06\2018]

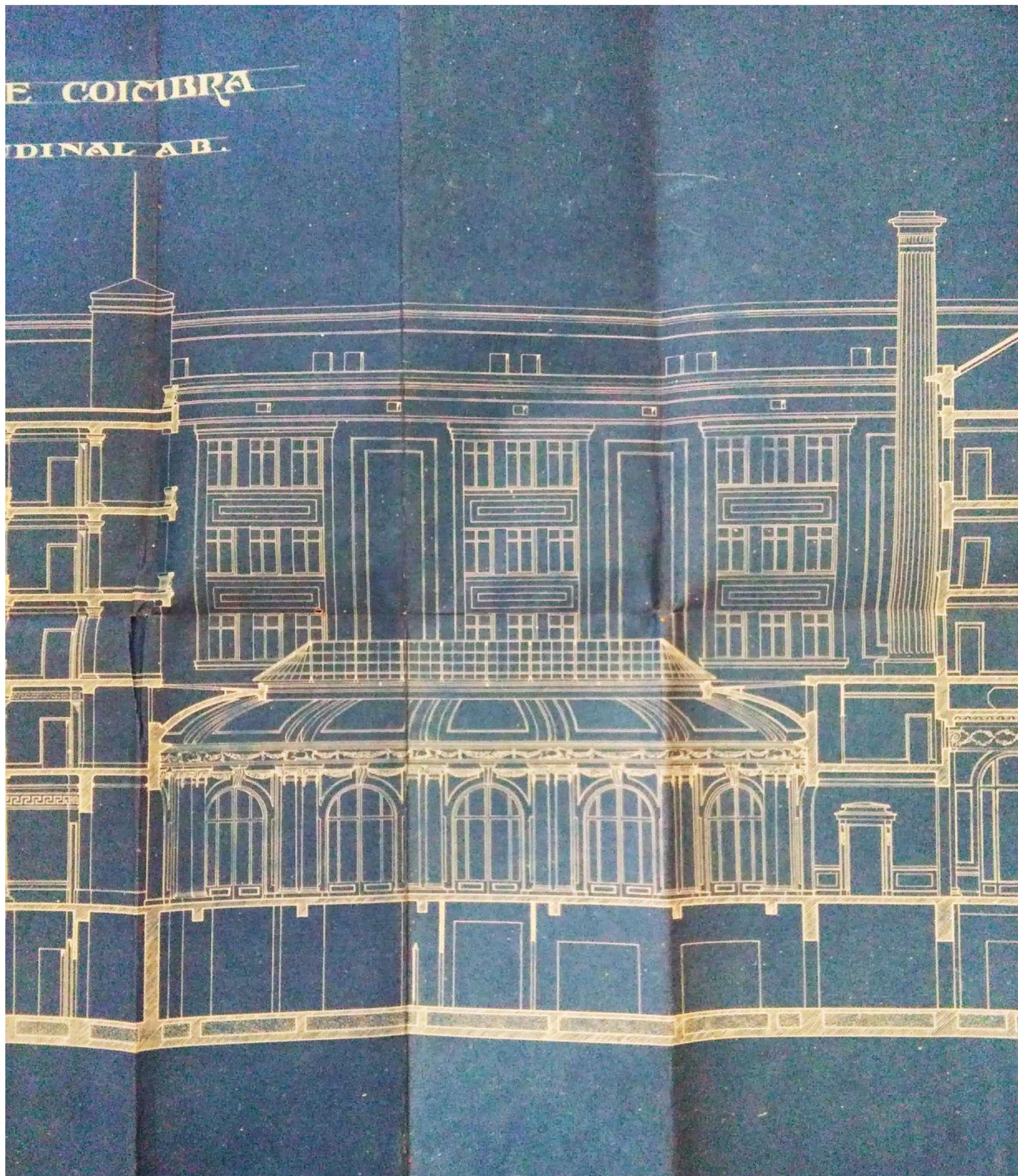


Figura 52 Grande Hotel de Coimbra: detalhe: Secção longitudinal A.B. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921.

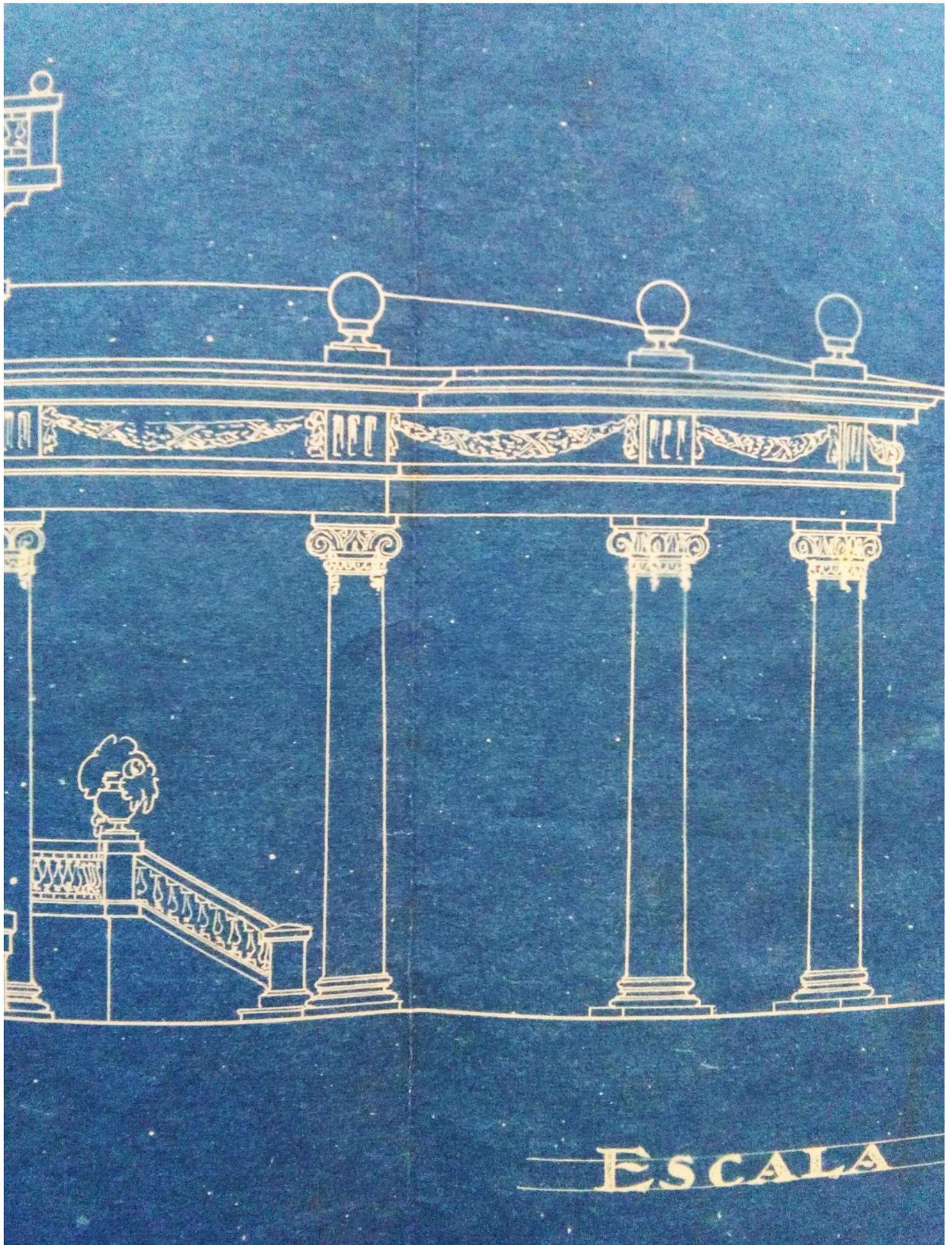


Figura 53 Detalhe do pórtico posterior. Foto da autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921.

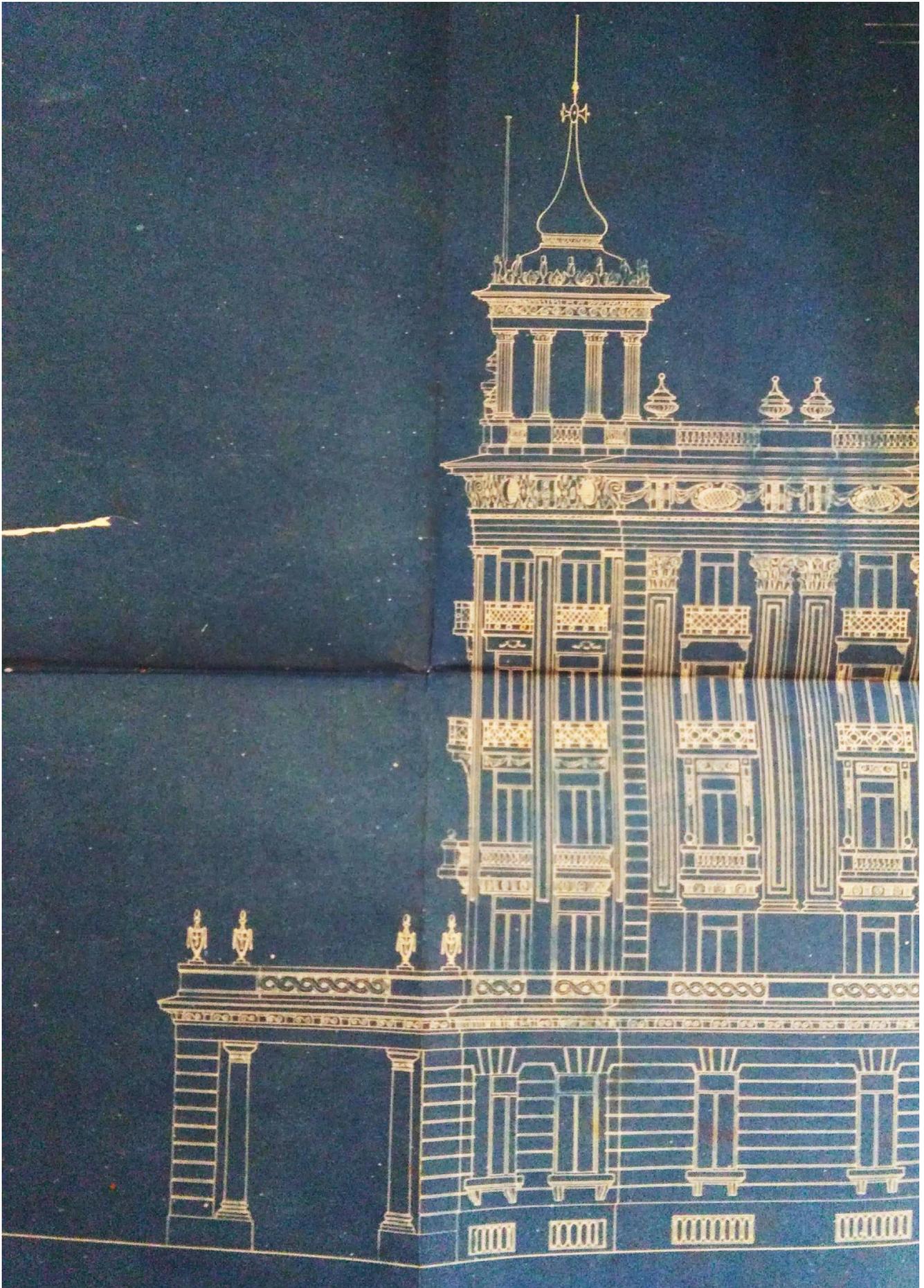


Figura 54 Detalhe da fachada lateral. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921.



Figura 55 Memória descritiva do Projeto do Grande Hotel. Foto da Autora. Fonte: Projeto do Grande Hotel de Coimbra, 1921. p. 1.

A cidade de Coimbra não possui um hotel que corresponda não só à sua importância como capital de districto, centro universitario, contendo monumentos artisticos valiosissimos, museus etc. que tornam a sua visita curiosissima, mas tambem pelos seus arredores de admiraveis paisagens que fazem della um centro de turismo muito interessante.

A preencher largamente esta falta e duma maneira condigna, se destina o hotel que a Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal se propõe ali construir na conformidade do projecto aqui junto.

Para este efeito adquiriu a Sociedade em hasta publica 3.500 metros quadrados de terreno municipal situado entre o rio Mondego e a estrada nacional Nº 12 (Estrada da Beira) na denominada Insua dos Bentos, e onde o hotel ficará admiravelmente localizado.

Entre as condições de adjudicação deste terreno figuram as seguintes:

"A Camara Municipal obriga-se a não construir nem permitir que se construa qualquer edificação no terreno municipal que vae desde o Largo Miguel Bombarda até o local onde se projecta construir o hotel.

"Igualmente a Camara se obriga a não construir nem permitir que se construa qualquer edificação a menos de vinte metros da face posterior do projectado hotel."

Está tambem a Camara Municipal na disposição de destinar a um parque todo o terreno da Insua dos Bentos posterior ao hotel:

desta forma toda a parte da cidade que dá para o rio Mondego será constituída por jardins e parque tendo como unica edificação o hotel de que se trata o qual ficará constituindo um valioso elemento decorativo da linda zona marginal.

- a) O edificio será constituído por uma cave na qual serão instalados os serviços do hotel e um "bar" no genero americano, para os hospedes.
- b) Por um rez-do-chão onde não ha um só quarto para hospedes pois todo ele é ocupado pela entrada, grande vestibulo circular, um magnifico "hall" com cobertura de vidro, tendo ao fundo o vastissimo restaurante e do lado do rio um grande café com acesso tambem pelo lado exterior: do lado da estrada da Beira ficam dois amplos salões e uma sala para musica, alem das instalações destinadas á recepção dos hospedes e suas bagagens, W.C., lavabos, cabines de telefones, etc.
- c) Por uma sobreloja compreendendo as instalações necessarias para a Delegação da Administração da Sociedade, gerencia do hotel, habitação do Director e sua familia, assim como outras instalações de serviço, alem do cabeleireiro para os hospedes, homens e senhoras, lavabos e W.C.
- d) Por tres andares destinados a quartos para hospedes: em cada andar haverá 40 quartos todos com lavabos, e 15 tendo anexo quarto de banho. Os quartos que ocupam a parte mais estreita do gaveto constituem verdadeiros "apartements" de luxo.

Tambem se acham projectados tres salões em cada andar destinados a recepção para os hospedes que não desejem descer ao rez-do-chão para receberem as suas visitas ou reunirem entre si mais intima-

mente.

Alem dos quartos de banho anexos a alguns quartos, ha tambem banhos geraes e instalações sanitarias tambem geraes.

Na parte superior do edificio far-se-ha um terrasso (roof-garden) para aprazimento das pessoas que frequentem o hotel.

Não nos parece necessario entrar em mais pormenores descriptivos pois que o simples examen dos desenhos é suficientemente elucidativo.

Para serviço dos hospedes montar-se-hao dois ascensores electricos que irao até ao terrasso superior: tambem estão projectados ascensores para bagagens e varios monta-cargas.

O hotel será todo iluminado a luz electrica, terá uma completa distribuição de agua quente e fria em todos os quartos e demais instalações onde for necessaria: uma instalação frigorifica, uma instalação de aquecimento central, uma perfeita ventilação e tudo o mais que os mais modernos hotéis de cidade comportam.

Está pois este projecto nas condições de mais do que satisfazer as exigencias do Decreto Nº 1121 de 28 de Novembro de 1914 por isso que:

1º O edificio ficará completamente isolado de todos os lados e não existem, nem poderão executar-se quaesquer outras construções a não ser para a parte posteriore mesmo essa para alem de vinte metros.
(condição 2ª do artº 2º)

2º O hotel conferirá 120 quartos só para hospedes: (condição 4ª do artº 2º)

3º Todos os quartos receberão luz e ar directamente do exterior: em todos os andares há casas de banho, instalações sanitarias e aquecimento central; todos os quartos terão agua canalizada e esgoto

dos respectivos lavatorios; terá o hotel salas de recepção, de leitura e de recreio e pelo projecto se vê que são proporcionadas á grandeza e sumptuosidade do edificio; o hotel será iluminado a luz electrica e, como já se disse, terá ascensores mecanicos até mesmo o terraço superior, para uso dos hospedes e para serviço do proprio hotel. (condição 6ª do Arts 2º).

Está pois este projecto elaborado em condições de serem applicaveis as isenções e vantagens do Decreto Nº 1121 atraz citado á construção e á exploração do hotel que o mesmo projecto representa.

Acompanham esta Memoria as seguintes peças em duplicado:

Planta geral

- " da cave
- " " rez do chão
- " " sobreloja
- " " andares

Alçado da fachada principal

- " " " posterior
- " " " lateraes

Corte pelo eixo do vestibulo circular

Corte longitudinal

Lisboa, Novembro de 1921.

